



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA–DAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA-PPGA
(MESTRADO)

**Ser Dono de Si: O Sentido Religioso de Luta Pela Terra e Devoção na
Comunidade Boi Branco, em Iati-PE**

José Roberto de Melo Ferreira

RECIFE

2013

JOSÉ ROBERTO DE MELO FERREIRA

**Ser Dono de Si: O Sentido Religioso de Luta Pela Terra e Devoção na
Comunidade Boi Branco, em Iati-PE**

Dissertação de mestrado em Antropologia a ser apresentada à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Antropologia. Tem a orientação da Prof^ª. Dra. Mísia Reesink.

RECIFE

2013

Catálogo na fonte

Bibliotecária, Divonete Tenório Ferraz Gominho. CRB-4 1291

F383s	<p>Ferreira, José Roberto de Melo. Ser dono de si: o sentido religioso de luta pela terra e devoção na comunidade boi branco, em latí-PE. / José Roberto de Melo Ferreira 136 f. ; 30 cm</p> <p>Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mísia Reesink Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2013. Inclui referência e anexos.</p> <p>1. Antropologia. 2. Autonomia. 3. Dignidade. 4. Catolicismo – Cosmologia. I. Reesink, Mísia. (Orientador). II. Título.</p> <p>301 CDD (22.ed.)</p>	UFPE (CFCH2013-160)
-------	--	---------------------

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA –DAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA-PPGA
(MESTRADO)

**Ser Dono de Si: O Sentido Religioso de Luta Pela Terra e Devoção na
Comunidade Boi Branco, em Iati-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: 31/07/2013.

Banca Examinadora

Mísia Lins Reesink (Orientadora)

Russell P. Scott (Examinador titular interno - PPGA - UFPE)

Isabel Cristina Martins Guillen (examinadora titular externa - PPGH - UFPE)

Dedico esta dissertação a minha família
e aos meus amigos, que juntos me dão o
sentido de viver plenamente.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da trajetória acadêmica encontrei muitas pessoas que contribuíram com meu crescimento profissional. De modo que é sempre arriscado mencionar nomes, pois inevitavelmente incorrerei no erro de esquecer algumas pessoas, diante do grande número de pessoas que somaram seus esforços no sentido de contribuir em minha formação.

Mesmo correndo esse risco, não poderia deixar de mencionar aqui algumas pessoas sem as quais não seria possível a realização desta dissertação. Em especial agradeço imensamente aos moradores da comunidade Boi Branco, que me acolheram e se disponibilizaram a fornecer informações imprescindíveis a esta pesquisa. Foi com eles que aprendi a ser antropólogo e compreender melhor o ser humano em suas diferenças.

Agradeço à minha orientadora Dra. Mísia Reesink, pelo apoio e paciência ao longo de todo o curso de mestrado. Também sou grato aos Professores Pierre Scott, Roberta Campos, Aparecida Nogueira, Salete Cavalcante, Vânia Fialho, Lady Selma Albenaz e a todos que compõe o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, por contribuírem infinitamente em minha formação como profissional e ser humano. Aproveito a ocasião para mencionar o apoio dos demais profissionais que compõem este programa, entre eles Ademilda e Carla que sempre nos recebem educadamente e com profissionalismo, solucionando muitas de nossas angústias profissionais.

Não poderia deixar de mencionar todos os meus colegas de turma, com quem muito aprendi e pude partilhar momentos inesquecíveis. Dentre eles estão George Michael, Shirley Samico, Ozeias Marinho, Nilvânia Amorim, Rodrigo e Emerson que me apoiaram nos meus últimos esforços de conclusão deste trabalho. Também não poderia deixar de mencionar aqui meu amigo Luis Oliveira, que além de me ensinar

muito da antropologia, me acolheu em sua residência, onde pude aprender como é possível se tornar um ser humano melhor.

Sinto-me muito honrado e grato por ter o apoio de tantas pessoas maravilhosas ao longo da formação. Muito embora isso me deixe angustiado, por não poder aqui citar a todos. Desde os primeiros momentos pude contar com apoio de pessoas como o professor Jailton de Melo, a quem agradeço pelo seu apoio e daqueles que fazem parte do Colégio Dom Vital, com quem estudei todo ensino fundamental. Ao mesmo tempo não poderia deixar de lembrar os meus colegas, dentre eles Jailtom Roldão amigo que me acompanha até os dias atuais.

Aqui também é o momento de trazer as boas lembranças à tona e reverenciar pessoas como Adjair Alves, Andréia Alves, Josualdo Menezes, Jairo Luna, Giselda Barros, Adelina e todos os colegas que fazem parte da equipe de funcionários e estudantes da Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns. A estes devo muito, sobretudo pelo apoio sempre incondicional nos primeiros momentos da vida acadêmica.

Além do calor humano, que foi necessário à realização desta pesquisa, é importante salientar que contei com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – (CNPq), que me disponibilizou uma bolsa de pesquisa de pós-graduação *strictu sensu* enquanto cursava o mestrado. Fica aqui registrado os meus agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo a formação da comunidade Boi Branco, no município de Iati-PE. Trata-se de um assentamento agrário do INCRA, desta forma este trabalho está relacionado ao tema do campasinato. O principal objetivo dessa pesquisa foi tentar compreender quais foram os motivos e sentidos simbólicos que possibilitaram a existência desta comunidade. Os nativos deixam claro que não realizaram o assentamento apenas por interesses econômicos materiais, mas suas lutas e reivindicações estão ligadas a valores religiosos. A forma como compreendem a noção de vida e pessoa está fundamentada na cosmologia católica, porque acreditam que os homens devem ser autônomos e terem dignidade, uma vez que Deus os fez para viverem plenamente. Assim compreendem que Deus não criou os homens para serem cativos e submissos aos patrões. Então, entendem que para poder viver com dignidade e autonomia deveriam possuir a terra, onde podem trabalhar e comer de seu próprio suor, só assim cada homem se torna *domo de si*, que é o maior desejo de cada morador da comunidade Boi Branco.

Palavras-Chaves: Autonomia – Dignidade – Catolicismo – Cosmologia.

ABSTRACT

This essay has as object of study the formation of Boi Branco community, in Iati-PE county. It is an INCRA agrarian settlement, thereby this study is about the peasantry. The main goal of this research was trying to understand what were the reasons and the symbolic meanings that made the community existence possible. The natives make it clear that they have not set up the settlement just for economic material intentions, but their struggles and demands are linked to religious values. The manner they comprehend the notion of person and life are grounded in catholic cosmology, for they believe that men should be autonomous and have dignity, since God has made men for live fully. Thus they understand that God has not created men to be captive and submissive to their overlords. Therefore, they think that in order to live with dignity and autonomy they should possess the land, where they can work and eat by the sweat of their own countenance, only then every man become his own master, which is the greatest desire of each resident of Boi Branco community.

Keywords: Autonomy – Dignity – Catholicism – Cosmology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. SITUANDO E CONTEXTUALIZANDO A COMUNIDADE BOI BRANCO.....	22
1.1. A Comunidade Boi Branco e sua Ecologia.....	23
1.2. Histórico do Assentamento.....	29
1.3. Os Assentados e a Relação com os Órgãos do Governo.....	47
2. AÇÕES PARA SER GENTE: A DIMENSÃO POLÍTICA E RELIGIOSA.....	54
2.1. Ações Políticas Sindicais no Processo de Assentamento.....	55
2.2. Ações Políticas Religiosas e Devoção.....	65
2.3. A Capela.....	84
2.4. Cotidiano Pós-Assentamento e Relações de Reciprocidade.....	87
3. OS DONS DE DEUS.....	95
3.1. A Terra.....	96
3.2. O Gado.....	102
3.3. Agradecendo os Dons.....	110
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONQUISTANDO AUTONOMIA E DIGNIDADE PARA SER GENTE.....	120
Referências Bibliográficas.....	123
Anexos.....	129

INTRODUÇÃO

“Deus prometeu a Abraão, que seus filhos seriam tantos quanto às estrelas e todos teriam terra onde morar”. (Dona Quitéria, Iati-PE)

Esta dissertação tem como objeto de estudo a formação e consolidação da comunidade Boi Branco em Iati-PE. Trata-se de um assentamento agrário do Instituto de Colonização e Reforma Agrária, composto por cinquenta famílias, que desde seu início teve como característica marcante uma intensa religiosidade católica. Este assentamento se formou no ano de 1998, quando um conjunto de sem terras, com apoio de líderes sindicais e agentes das Comunidades Eclesiais de Bases, se apropriaram da fazenda Boi Branco e concretizaram o desejo de conquistar a terra.

O principal objetivo desta pesquisa foi, portanto, compreender os sentidos e valores que motivaram a luta pela terra na comunidade Boi Branco, possibilitando sua formação e manutenção ao longo do tempo. Nessa direção a pesquisa também teve como intuito buscar entender quais são as crenças e significados cosmológicos que permeiam a vida da comunidade. Para realizar esses objetivos foi imprescindível levar em conta a história dos moradores, suas memórias, práticas e valores que constituíram o assentamento, bem como foi importante perceber as formas e a lógica da vida social na atualidade. Com isso procurei entender quais os significados e sentidos derivados da cosmologia católica que motivaram a formação, consolidação e existência da comunidade Boi Branco ao longo do tempo.

SER DONO DE SI

Os nativos da comunidade Boi Branco afirmam, recorrentemente, que conquistaram a terra com o objetivo de *serem donos de si*. Um fator marcante na história dos moradores é que a grande maioria eram trabalhadores braçais nas terras dos fazendeiros e moravam em terras alheias. Dessa maneira, a relação de subordinação e dependência para com os patrões era constante, gerando um ciclo de opressão que se

perpetuava hereditariamente. Muitos dizem serem filhos de trabalhadores de alugado e continuavam nessas mesmas condições até conquistarem a terra, onde finalmente podem trabalhar para si e usufruir do seu próprio suor.

O desejo de ser dono de si está fundamentado na cosmologia católica, pois acreditam que Deus fez os homens para viverem com *dignidade e autonomia*. Por isso lutaram pela terra, porque era a única forma de viverem dignamente como camponeses. Isso acontece devido à forma como definem a noção de ser humano mediante a religiosidade católica. Sobre essa relação cosmológica, penso como Mísia Reesik (2012; p. 4) que:

O catolicismo construído pelos sujeitos pesquisados não pode ser visto como um momento ou espaço *no* mundo ou na sociedade, mas como um conjunto de elementos que constituem um mundo, o seu mundo; por isso a necessidade de se adotar uma perspectiva cosmológica do catolicismo, pois os sujeitos católicos “pensam” esta religião cosmológicamente.

Assim, acreditam haver um sentido no mundo que é dado por Deus. Nessa mesma interpretação cosmológica compreendem que os homens devem viver autonomamente, pois Deus não criou seus filhos para serem cativos, mas para que vivam plenamente. Para que isso ocorra precisam fazer cumprir a promessa divina, feita a Abraão de que toda sua descendência habitaria toda terra. Os moradores da comunidade Boi Branco se reconhecem como descendentes deste Patriarca e acreditam que a terra ocupada foi prometida por Deus.

Na literatura sobre campesinato Otávio Velho (1995) problematiza a categoria liberdade em oposição à ideia de cativo. Para ele a noção de cativo foi construída historicamente a partir da representação da escravidão, que deixou resquícios de opressão e subordinação para os trabalhadores rurais, então os camponeses buscam incessantemente conquistar a liberdade para fugir do cativo, que seria uma forma de opressão. Os meus dados etnográficos apontam que foi para fugirem do cativo que os nativos lutaram pela terra, porque só através dela passaram cada um a *ser dono de si*. O cativo para os moradores do Boi Branco seria a relação de trabalho que se estabelecia nas fazendas. No entanto, o desejo de *ser dono de si* representa mais que liberdade, porque é fundamentado na concepção religiosa de *autonomia e dignidade humana*.

Então, para os moradores da comunidade Boi Branco não basta ser livre, é preciso viver autonomamente e dignificar a vida. Por isso buscam, além da liberdade, ser dignos do pão de cada dia, daí a importância da terra onde cada um pode trabalhar e comer do suor de seu próprio rosto. Nessa direção *autonomia* e *dignidade* são as categorias principais deste trabalho, uma vez que os moradores deixam claro que elas motivaram o empreendimento da comunidade, possibilitando a eles viverem plenamente como seres humanos.

Ao longo da formação do assentamento os moradores praticaram um conjunto de ações políticas, que tinham como finalidade concretizar o desejo de *serem donos de si*. Dentro dessa perspectiva, contaram com o apoio das Comunidades Eclesiais de Bases e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Águas Belas, que foram as instituições agenciadoras do processo de assentamento. Assim, os moradores uniram as dimensões religiosas e sindicais para formar as ações políticas que iriam concretizar a conquista da terra. Tanto o sindicato, como as CEBs foram instituições políticas úteis neste processo, como forma de manter a autonomia dos moradores em relação aos órgãos governamentais que gerenciam os assentamentos. No entanto, essas ações práticas estão fundamentadas na cosmologia religiosa. Assim a política se constitui como um meio que visa concretizar um fim último, que é a *autonomia* e a *dignidade*.

Nessa relação entre política e religião podemos observar ao longo da história do assentamento duas dimensões da religiosidade católica. A primeira é a que fornece os valores e sentidos cosmológicos da formação do assentamento. Esta, por sua vez, é constituída por um conjunto de crenças e práticas características do catolicismo tradicional, no sentido empregado por Alba Zaluar (1989). A segunda dimensão se apresenta através das CEBs, que segundo Theije (2002) e Löwy (2000) se caracteriza por ser uma vertente progressista do catolicismo. Assim, essa última tendência rompe com a ortodoxia católica, na medida em que associa a espiritualidade com questões políticas e sociais, produzindo questionamentos acerca das injustiças sociais.

Assim, essa etnografia é também uma amostra de como se relacionam essas duas dimensões do catolicismo e como à vida camponesa é fundada cosmologicamente na religiosidade. Enquanto se fala na crise dos valores religiosos ou no

“desencantamento” do mundo, aqui é possível constatar como as relações sociais são constituídas por valores religiosos.

MINHA TRAJETÓRIA

No início desta pesquisa, o que mais me inquietava era a relação que os nativos estabeleciam com as figuras rupestres. Em parte, pelo fato de ter conhecido o sítio arqueológico tempos atrás, durante a graduação no curso de licenciatura em História pela UPE – Campus Garanhuns, despertando interesse arqueológico nas aulas de campo da disciplina “Pré-História”. Em seguida, realizando questionário na comunidade vizinha ao sítio, pude perceber que as pessoas mantinham relação constante com tais figuras e lhes atribuíam caráter religioso, afirmando haver entre as figuras a imagem de Nossa Senhora.¹

Então despertei interesse em pesquisar a relação religiosa com as figuras rupestres, realizando dessa forma um projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Pesquisa, cujo título era: “*Religiosidade e patrimônio histórico cultural em Iati/PE e na Pedra do Navio em Paranatama/PE – um estudo comparativo no campo do imaginário social.*” Se tratava de uma pesquisa direcionada a dois sítios arqueológicos, para tentar entender como a religiosidade se relacionava com o estado de preservação do patrimônio histórico. Essa pesquisa me possibilitou, por um lado, à leitura no campo das ciências sociais, por outro, o contato direto com as populações a que viria estudar futuramente.

Dessa pesquisa, tirei subsídios para realização da monografia de conclusão de curso, na qual analisei alguns aspectos religiosos da comunidade Boi Branco, para entender a lógica de sacralização das figuras rupestres. Na monografia “*Aspectos religiosos na luta pela terra no Boi Branco/Iati-PE*” era problematizada um pouco da história dos moradores, mas a questão central ainda era a preservação do sítio

¹ O primeiro contato com o sítio arqueológico se deu no ano de 2007, quando iniciei a graduação. Desde então, não deixei de ter contado com ele, realizando pesquisas em 2009 e 2010 quando conclui a graduação.

arqueológico. Foi a partir daí que muitos dados surgiram e possibilitou a construção do projeto para realização desta pesquisa.

No contato direto com os moradores, pude perceber que a forma como classificavam as figuras rupestres era um aspecto do fenômeno religioso. Embora ainda insistisse em pesquisar e problematizar essa relação, ela não era a questão central para os quais os dados etnográficos apontavam.² Os próprios nativos no ato da pesquisa apontavam questões pertinentes a religiosidade que me fizeram repensar os objetivos iniciais da pesquisa. Quando conversava com eles sobre a religião pude perceber que a história do assentamento era narrada com muito entusiasmo, e sempre relacionada à fé religiosa. Então as categorias religiosas eram acionadas constantemente ao longo de suas narrativas referentes à memória da comunidade, bem como em práticas cotidianas.

Com isso, tive que mudar os objetivos da pesquisa, rever a literatura e reformular as categorias analíticas. Esse exercício me fez repensar o fazer antropológico, uma vez que tive que reformular os objetivos de pesquisa para construir um diálogo entre as formas de vida dos nativos e as categorias analíticas. Como aponta Roberto Cardoso (2003: 21) no ato de pesquisa há uma fusão de horizontes entre o pesquisador e pesquisado, que “implica na penetração do horizonte do outro, não abdicamos de nosso próprio horizonte. Assumimos nossos preconceitos”. Foi isso que ocorreu nesse processo árduo de tornar-me antropólogo. A maior dificuldade residia no fato de ter que mudar minhas leituras, que antes eram principalmente relacionadas à filosofia existencialista e niilista. Em relação ao campo de pesquisa, tive que repensar as formas de estranhamento que estabelecia para com os sujeitos e logo tive que me acostumar com o fato dos moradores afirmarem serem as figuras rupestres sagradas. Causava-lhes espanto estar perguntando sempre sobre esse fato. Foi assim que percebi que o mais incomodado com isso era eu que os pesquisava, enquanto para eles, isso era um fato comum e tão somente mais uma dimensão da lógica religiosa que os englobava.

Então mergulhei no mundo nativo e passei a tentar entender a lógica religiosa, em suas formas e variações que constituíam suas vidas. Assim, pude problematizar os

² Nessa ocasião, contei com apoio de minha orientadora de pesquisa, Dr. Mísia Reesink, a quem sou grato por me mostrar qual era o objetivo central desta pesquisa e indicar os caminhos por onde seria melhor problematizar os dados de pesquisa.

aspectos socioculturais a partir da cosmologia religiosa. Com isso, além das figuras rupestres, foi importante estudar a relação que se estabelece com a terra e com o gado. Esse último só foi incorporado à pesquisa porque os nativos me conduziram a isso, meu interesse na religiosidade fez chegar até o gado. Assim como Evans-Pritchard (2005) foi levado a estudar a bruxaria para entender os Azande, fui conduzido a estudar o gado para entender como os moradores da comunidade Boi Branco o concebem e se relacionam com ele a partir da lógica religiosa.

Mudar os objetivos, reformular as categorias analíticas e rever os procedimentos da pesquisa só foi possível a partir do contato direto com os dados etnográficos. Essa é uma das principais aprendizagens que este trabalho me proporcionou, que diz respeito ao ser dos antropólogos. A lição que pude tirar disso é que fazer-se antropólogo é ouvir e ver o nativo para relativizar os seus próprios conceitos, essa experiência permite compreender as mais diferentes formas de vida dos seres humanos. Isso é possível quando se estabelecem procedimentos metodológicos que permitam ao pesquisador ter contato direto com o sujeito de pesquisa; que lhe fornece subsídios para que haja o confronto entre os dados empíricos e as categorias interpretativas.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como técnica metodológica a observação participante, método consagrado da antropologia como aponta Mariza Peirano (1995). A experiência da observação participante, depois da grande influência do trabalho de campo feito por Bronislaw Malinowski (1884-1942), tornou-se um ritual de passagem para os antropólogos, que depois de se situarem no campo de pesquisa e experimentarem as formas de vida dos nativos, estão aptos a fazerem um diálogo das categorias nativas com os conceitos teóricos. Esse foi o procedimento aqui adotado para construção deste trabalho. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2003) o pesquisador participante produz uma inter-subjetividade, na qual reavalia suas categorias enquanto interpreta as nativas.

Tanto Roberto DaMatta (1987), quanto Cardoso de Oliveira consideram a “relativização” como uma atitude que possibilita ao pesquisador escapar da ameaça do etnocentrismo permitindo o confronto intelectual entre pesquisador e pesquisados. Foi através da observação participante que pude entender a lógica do mundo dos nativos, na medida em que interpretei a sociedade e a cultura do outro em sua verdadeira interioridade. Isso me permitiu no ato de escrever, estar atento às representações que os nativos fazem de seu próprio mundo, relativizando a interpretação, para fazer um diálogo interpretativo, no qual é possível dar “voz aos nativos”, como afirma Adjair Alves (2011) sobre o processo de pesquisar participativamente com os sujeitos de pesquisa.

Estando morando no campo de pesquisa e fazendo constantes visitas comecei a ter conversas sistemáticas com os nativos, fazendo assim entrevistas semiestruturadas, nas quais estava com os sujeitos de pesquisa dialogando sobre os temas pertinentes a pesquisa. Utilizando do diário de campo, fazia anotações e trazia nele perguntas estratégicas, isso possibilitou fazer questionamentos precisos, enquanto conversava com os meus interlocutores, sem ao mesmo tempo seguir um protocolo de perguntas. Na maioria das vezes, as conversas aconteciam sem haver um agendamento prévio, ao encontrar os moradores começava dialogando sobre diferentes assuntos. Vez por outra, acabávamos chegando às questões pertinentes à minha pesquisa. Mas, algumas ocasiões foi preciso agendar entrevistas, marcar horários, utilizando o diário e o gravador para recolher algumas informações.

Esta pesquisa teve caráter qualitativo, uma vez que foi direcionada para um determinado público na comunidade. Procurei, desta maneira, quem eram as pessoas religiosas, quem esteve envolvido no início do assentamento e quem se relaciona com as figuras rupestres, por fim aqueles atores sociais que podiam me dar subsídios e informações pertinentes ao tema da pesquisa. No entanto, esta pesquisa não perdeu de vista o aspecto quantitativo, pois de um universo de 50 famílias, foram gravadas pelos menos 36 falas de pessoas diferentes e visitadas 41 residências. No campo, pude conhecer pessoas de diferentes faixas etárias e gênero. Desde o lugar de hospedagem às entrevistas, o público que estive me relacionando era muito diversificado, apenas não cito ao longo desta pesquisa as falas das crianças, embora com elas também tenha

convivido, mas não as considero sujeitos de pesquisa, pois não se relacionam diretamente com o tema abordado.

O período escolhido para realizar a pesquisa foi estratégico, pois sabia que a Semana Santa e quaresma eram de intensa religiosidade. Assim poderia participar das atividades religiosas e preparativas para a procissão, que realizam no Domingo de Ramos, como da própria procissão. Pela primeira vez participei de algumas práticas religiosas, tais como: jejuar, não comer carne na quaresma, rezar terços, assistir uma novena completa, etc.. A condição de participar como pesquisador e estar experimentando pela primeira vez dessas experiências foram úteis, para manter uma sensação de “estranhamento” necessária em relação ao objeto de estudo, como nos fala Mariza Perirano (1995).

Tentei de maneira geral não reduzir esta pesquisa a uma sequência de operações e procedimentos necessários e imutáveis, de protocolos codificados. Isso como assinala Bruyne (1977: 30), converteria a metodologia numa tecnologia, apoiada sobre a visão rigorista e “burocrata” do *design*. O trabalho de campo aqui esteve configurado na tríplice dimensão: do olhar, ouvir e escrever, assinalada por Roberto Cardoso de Oliveira (OLIVEIRA; 2000).³ E aqui é justificada a importância da observação participante e da “relativização”, visto que os significados da cultura nativa foram interpretados, como forma de entender à compreensão que os nativos têm de seu mundo e vivem sua realidade social.

APLICANDO A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Para realizar esta pesquisa, pela primeira vez me via na condição de etnógrafo, tendo que me situar em meio às pessoas que iria conviver para realizar o trabalho de campo. Essa experiência se tornou um desafio, do qual não estava acostumado, mas

³ Segundo Cardoso de Oliveira (Op. Cit. p. 32), estes três atos estão sintonizados na etnografia. Foram também os procedimentos aqui usados, uma vez que ao sair da comunidade e ficar na residência do meu avô pude sistematizar as anotações e registrar aquilo que via e ouvia no campo, retornando poderia dar continuidade às observações, vendo, ouvindo e escrevendo.

acabei incorporando-o como um meio de crescimento profissional e pessoa, pois sabia que iria apreender muitas coisas ao pesquisar a comunidade Boi Branco. Os preliminares do processo começaram ao adquirir as ferramentas de trabalho, como característico dos antropólogos, foi imprescindível pensar no diário de campo, também no gravador e a câmera fotográfica. Esses foram os três equipamentos que fiquei durante um bom tempo a contemplar e me projetar como pesquisador.

Como pretendia morar em meio à comunidade, meu passo seguinte foi arranjar apoio para ficar na casa de alguém e poder fazer parte do cotidiano dos nativos. Assim foi feito, busquei apoio e informação primeiro na casa de Dona Quitéria, senhora que conhecia de outra pesquisa e a visitava de vez em quando, já visando executar esta tarefa.⁴ Foi ela quem me deu as primeiras assistências e disponibilizou um quarto no Posto de Saúde, onde poderia dormir e utilizar computador. Em relação à alimentação, ficou acordado que a merendeira da escola ficaria responsável por me trazer já pronta. Depois de ir conversar com o Sr. Carlos, recebi o convite para me hospedar em sua residência. Proposta que achei muito interessante, resolvendo então trazer minhas coisas para deixar em sua residência. Já instalado descobri que Carlos conheceu meu pai quando jovem. Ambos negociavam com gado nas feiras da região, fato que motivou mais ainda passar a temporada de pesquisa em sua residência.

Nessas ocasiões, sempre era acompanhado por meu irmão, que pilotava a motocicleta que me trazia e carregava minhas coisas, da residência dos meus avós à comunidade. Até me mudar de fato foram muitas idas e vindas, muitas anotações e conversas com diferentes moradores, até que na primeira semana de fevereiro de 2012, resolvi passar uma semana residindo com a família de Carlos. Na tarde do dia 4 de fevereiro, meu irmão veio me deixar na comunidade e voltaria sem mim, depois de alguns momentos me senti solitário e preocupado com a volta de meu irmão, uma vez que são mais de 30 km de estrada de chão até a residência de meu avô, o celular praticamente fica todo tempo sem área, além disso, por mais de uma vez o pneu da motocicleta furou e a gente teve que empurrar por um longo período até achar uma

⁴ A pesquisa anterior se refere à monografia de Graduação, em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns. O ano de realização foi 2010, diferente da atual pesquisa, não foi preciso morar na comunidade.

borracharia, que ficava mais difícil para ele, se isso viesse acontecer nessa ocasião, por já ser noite.

Depois de alguns momentos comecei a conversar com Carlos e sua Esposa Dona Rosinha, que me fizeram descontraír e logo pegar o diário de campo para começar a trabalhar. De maneira geral, acabei ocupando os serviços da merendeira, contando com apoio de Dona Quitéria e a paciência e boa vontade de Carlos e sua esposa. Passei maior parte do tempo na residência de Carlos, mas normalmente era feita uma variação no meu itinerário na comunidade, dormia onde ficava mais próximo da visita ou tarefa do dia seguinte. Não faltaram pessoas dispostas a ajudar, a preocupação e assistência era o suficiente para não me sentir sozinho nem desconfortável, ao contrário, percebia que estava causando um transtorno a mais no cotidiano dos nativos, fato que me fez procurar conversar com os moradores em momentos e lugares onde se sentissem mais à vontade.

A grande maioria demonstrou interesse em contribuir para minha pesquisa, sobretudo quando souberam que estudava a respeito de religião e queria saber um pouco da história da comunidade. Havia, no entanto, um pedido feito na ocasião da reunião: os nativos, não queriam seus nomes divulgados, nem se propunham assinar nenhum papel. Pois tinham experiências não agradáveis em assinar papéis de órgãos do governo que eram responsáveis pelo assentamento, diziam que isso lhes trouxe grandes dores de cabeça.

Tentei explicar que não estava a serviço do Instituto de Pesquisa Agrária (IPA) nem do INCRA. Assim tomei a resolução de não começar perguntando o nome e idade, mas explicar com detalhes do que se tratava minha pesquisa. Apesar de me fazerem perguntas constantes sobre meu trabalho, aparentavam se sentirem a vontade para falarem comigo, porém comumente pediam para não terem dados pessoais seus revelados, pois tinha já participado de vários projetos e experiências de financiamentos e muitos temiam perderem suas aposentadorias ou outros benefícios do governo. Depois de alguns dias perceberam, mas claramente, que meu interesse se voltava exclusivamente para a religião, uma vez que minhas perguntas eram nessa direção.

Em uma ocasião, um morador me perguntou qual era o município que meu avô morava, ao responder que era Paranatama, ele disse que: “foi de lá que contrataram os pistoleiros para dar tiro em nós”. Nessa hora, minha reação foi ficar vermelho e com grande timidez, nesta ocasião disse que não eram meus parentes, mesmo sem saber quem eram. Houve risos e descontração, acabei ganhando um apelido entre os que estavam na ocasião, me chamavam agora de “Pistoleiro”. Para caracterizar mais ainda esse apelido andava com meu irmão na motocicleta e com um chapéu de massa na cabeça, o que era para me proteger dos raios do sol, acabou fazendo com que ficasse conhecido por alguns como “o pistoleiro”. Ao me tratarem com risos e apelidos, passaram a descontrair com minha presença e facilitar a participação em seu cotidiano.

Diante deste quadro, comecei a me envolver mais com algumas pessoas e conversar assuntos estratégicos para minha pesquisa, pela manhã sempre fazia o roteiro e programava uma série de questões que poderiam ser perguntadas durante as conversas. Em alguns momentos, utilizei o gravador e a câmera fotográfica para gravar algumas conversas, pedia permissão para acionar esses instrumentos ou normalmente avisada desta possibilidade, antes mesmo de começar a conversar, eles já estavam acostumados comigo e o gravador, alguns até pediam para gravar suas histórias, enquanto outros pediram para desligar o aparelho quando falavam determinados assuntos, esses pedidos foram todos atendidos.

Participei, sempre que possível, das celebrações e reuniões religiosas, sem perguntar enquanto as coisas estavam acontecendo, chegando até ajudar em algumas tarefas. As rezas não me eram estranhas, o que facilitou minha participação, diferente de alguns cânticos que tive que aprender, ou ficar só ouvindo. As leituras da bíblia não foram feitas por mim, mesmo convidado não aderiu a tal tarefa, pois queria ouvir os nativos. Procurei ir conversar com as pessoas depois de participar das atividades, pois já teria um assunto específico a tratar. Normalmente havia descontração, em algumas ocasiões foi difícil manter coerência e sistemática no assunto, tendo em vista que a conversa tomava rumos descontraídos e descompromissados, assim me utilizei do diário de campo para seguir um roteiro sistemático, raras exceções não andava com o diário em mãos, o que facilitou muito meu trabalho.

Normalmente presenciava os nativos tirando leite, carregando ração, tirando palma ou mandacaru, bem como carregando água para o gado. Os próprios moradores me convidavam a ir com eles para essas atividades, eu participava também porque não queria estar incomodando nessas ocasiões. Nos momentos de lazer, como quando montavam a cavalo ou jogavam bola pude ficar junto deles e participar também, fazendo ainda que timidamente as mesmas coisas que eles. Então pude intensamente rezar, trabalhar, brincar e morar com os nativos, durante uma semana e dois dias, quando o meu irmão veio até mim, não apenas para visitar, como de costume, mas para levar-me de volta à casa dos meus avós. Depois do dia 13 de fevereiro, passei a fazer ainda constantes visitas à comunidade, o que deu mais subsídios à pesquisa. O período em que estive entre os nativos vai do dia 16 janeiro a 7 de abril de 2012, nesse período não fiquei mais de uma semana sem que fosse visitar a comunidade. Dessa forma, pude fazer o trabalho de campo e me tornar um etnógrafo, para realizar esta pesquisa.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, cujo título é *Situando e Contextualizando a Comunidade Boi Branco*, pretendo situar geograficamente o objeto de estudo, partindo de sua ecologia, para, finalmente, contextualizar historicamente a formação socioespacial da comunidade. Desta forma, este capítulo está subdividido em três itens: *A Comunidade e Sua Ecologia*, *Histórico do Assentamento* e *Os Assentados e a Relação com os Órgãos do Governo*.

No segundo capítulo, a discussão se volta para os aspectos políticos da formação, para facilitar a compreensão de como se formou e se mantém a comunidade ao longo do tempo. Então este capítulo, que é o mais extenso, tem como título: *Ações Para Ser Gente: A Dimensão Política e Religiosa*. Por sua vez, ele está subdividido em quatro itens, que permitem problematizar desde as relações iniciais aos dias atuais da comunidade. O seu primeiro item é denominado *Ações Políticas Sindicais no Processo de Assentamento*. O seguinte é *Ações Políticas Religiosas e Devoção*. O terceiro item, por sua vez, cujo título é *A Capela*, trata de questões históricas do assentamento, que perpassaram o tempo até os dias atuais e são questões cruciais na vida dos nativos. No

quarto e último item deste capítulo é tratado do *Cotidiano Pós-Assentamento e Relações de Reciprocidade*.

Por fim, o terceiro e último capítulo é intitulado *Os Dons de Deus*. Neste são problematizados os valores e sentidos cosmológicos que motivaram a conquista da terra e fundamentam a vida em comunidade. Este capítulo está dividido em três itens: *A Terra, O Gado e Agradecendo Os Dons*. Logo após seu término, apresento minhas considerações finais sobre esta pesquisa.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. SITUANDO E CONTEXTUALIZANDO A COMUNIDADE BOI BRANCO

Neste capítulo, pretendo situar, geograficamente, a comunidade Boi Branco, enfatizando sua ecologia e as características ambientais de onde suas respectivas terras estão situadas. Nesse sentido, há que se destacar uma peculiaridade, que é a presença de um conjunto de figuras rupestres, formando um sítio arqueológico em meio à propriedade dos assentados. Ao descrever os aspectos geográficos e ecológicos da terra é possível recorrer às categorias analíticas, bem como as categorias êmicas dos nativos, para compreender como se constroem as relações sócio-ambientais.

Em seguida, é analisada a formação histórica do assentamento, os processos de luta e reivindicação da terra. Compreender como se constituiu a comunidade a partir das memórias dos nativos é de fundamental importância para entender como foi a experiência vivida pelos moradores e suas ações que constituíram esse processo, é, pois, nessa perspectiva que a narrativa é construída. Também é problematizada a formação do assentamento, enquanto processo de ocupação do espaço físico. Sendo esse espaço palco de múltiplas relações sociais dos moradores entre si e para com os membros externos da comunidade, então essas relações são tratadas aqui, com a finalidade de compreender como se expressam os códigos e valores culturais que formam a comunidade.

Por fim, trato das relações institucionais na comunidade, onde é possível identificar as tensões para com os órgãos do governo responsáveis pelo assentamento. Com isso, pretendo compreender como são organizadas as ações coletivas dos moradores e constituídas as relações sociais internas na comunidade. De maneira geral, nesses aspectos, busco identificar a lógica de formação e manutenção da comunidade ao longo do tempo.

1.1. A COMUNIDADE BOI BRANCO E SUA ECOLOGIA

A comunidade⁵ Boi Branco está localizada dentro da zona rural do município de Iati, que fica a 284 km do Recife, Capital do Estado de Pernambuco e a 53 km de Garanhuns, principal cidade do Agreste Meridional. A maioria da população de Iati reside na zona rural, atualmente o município tem aproximadamente 17.830 habitantes⁶, sendo que 10.000 estão na zona rural, apenas 7.830 ficam na zona urbana, que é composta pela cidade, sede do município e por mais três distritos, Quatí, Santa Rosa e o Bairro da Bela Vista. Este último é o mais próximo à comunidade Boi Branco, fica nas margens da BR 423, onde há um conjunto de residências, oficinas e um posto de combustível. A distância do centro de Iati à comunidade é de aproximadamente 15 km. Sendo possível o acesso pela BR 423, destino Garanhuns/Paulo Afonso, no quilômetro 143 (aproximadamente) à direita, onde se inicia a estrada que liga Iati à vila de São Pedro do Cordeiro, distrito do município de Pedra/PE. Essa estrada é conhecida como central, pois além de ser a estrada de barro mais movimentada da região, ela é marco divisório, em alguns trechos, dos municípios de Iati e Águas Belas. Esta possibilita o acesso à comunidade Boi Branco, assentamento agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), situado na localidade desde 1998. A comunidade fica a 22 km da Vila de São Pedro do Cordeiro e 11 km da BR 432.

A comunidade Boi Branco está situada em meio a uma região de semiárido, dessa forma, os moradores estão constantemente convivendo com as secas e com a caatinga. Nesse sentido, como afirma Manuel Correia de Andrade (1998: 25) “no Nordeste, o elemento que marca mais sensivelmente a paisagem e mais preocupa o homem é o clima, através do regime pluvial e exteriorizado pela vegetação natural”. O clima seco e as temperaturas elevadas da região dão a sensação insuportável de calor extremo no verão. A situação só se ameniza nos períodos chuvosos, que vão de janeiro a

⁵ Segundo Sabourin (1999: 42) “o uso do termo comunidade é recente, tendo sido introduzido pela ação pastoral da Igreja Católica durante os anos 1970, por meio das Comunidades Eclesiásticas de Base”. Esse termo é usado ao longo do texto, pelo fato dos próprios nativos se reconhecerem fazendo parte de uma comunidade, o termo assentamento é usado quando se trata de documentação do INCRA, mas ainda assim os nativos preferem que seja usado o primeiro termo, pois para eles há uma comunhão entre si, o que forma a comunidade.

⁶ Dados fornecidos pelos funcionários da prefeitura municipal de Iati, em abril de 2012.

março, podendo se estender até o mês de junho ou julho quando o inverno se prolonga. Durante o ano de 2012⁷, não houve chuvas consistentes, com isso a região é castigada e sofre as consequências de não haver plantio de lavouras, nem acúmulo significativo d'água nas barragens. Essas condições obrigam os moradores a economizarem e partilhem água ao extremo. A comunidade fica em uma área baixa, em meio a um conjunto de serras, comuns no município de Iati, o que acaba deixando o clima ainda mais seco, com baixa umidade. O que ameniza esta situação é a presença de árvores, como as algarobas, que ficam dentro das áreas das reservas ecológicas, que o INCRA designou conforme resolução do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (IBAMA).⁸

Na região, o solo é fértil, mas as chuvas sendo escassas não há grandes produções agrícolas, só no que diz respeito ao plantio de palma forrageira para uso do gado. No momento, entretanto, esta planta está sendo atacada por uma praga, chamada cochonilha do carimim, o que dificulta seu cultivo. O solo é avermelhado, exceto ao longo do rio Garanhunsinho que banha as terras da comunidade, em três lugares diferentes formando diferentes leitos. Este rio possui em suas margens muitas árvores, seu solo se caracteriza por ser areado e cor esbranquiçada. As áreas banhadas por ele são muito férteis, no entanto, suas áreas não são cultiváveis, porque a maior parte de seu território fica dentro das áreas de preservação.

Essas condições climáticas e ambientais são típicas do que Manuel Correia de Andrade (1998) denomina de Agreste, entendendo que:

Daí distinguir-se desde o tempo colonial a “Zona da Mata”, com o seu clima quente e úmido e duas estações bem definidas – uma chuvosa e outra seca –, do Sertão, também quente, porém, seco, e não só seco,

⁷ No ano de 2012 a seca castigou a região, essa situação se estende até meados de 2013. Em visita à comunidade, neste último ano, contei 36 cadáveres de vacas, nas margens da estrada que lhe permite acesso. Pelo menos duas famílias saíram da comunidade para procurar lugares com água e pastagem.

⁸ De acordo com a Lei nº 4771, de 1965, os assentamentos agrários são obrigados a destinar um percentual de no mínimo 20% do território como área de preservação ecológica. Na região, a única fazenda que tem áreas preservadas é o assentamento Boi Branco, embora não seja o único assentamento agrário. Outra fazenda que respeita de fato as recomendações do IBAMA fica a mais de 20 km de distância. Sabemos que a caatinga é uma vegetação endêmica do Nordeste brasileiro, por isso é de suma importância sua preservação. Nem mesmo outros assentamentos da região têm essa preocupação com o meio ambiente. Na comunidade Boi Branco há pessoas que sobrevivem vendendo carvão, o que os faz desmatar a catingueira, umburana, baraúna e umbuzeiro, mas isso dentro de seus respectivos lotes, não ultrapassando as cercas das reservas que são protegidas por até 10 ou 12 fios de arames farpados.

como sujeito, desde a época colonial, as secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração. Entre uma área e a outra se firma uma zona de transição, com trechos quase tão úmidos como a Mata e outros secos como o Sertão, alternando-se constantemente e a pequena distância, que o povo chamou de Agreste. Dessa diversidade climática surgiria a dualidade consagrada pelos nordestinos e expressa no período colonial em dois sistemas de exploração agrária diversos, que se complementam economicamente, mas que política e socialmente se contrapõem: O Nordeste de cana-de-açúcar e o Nordeste da pequena propriedade e da policultura e, ao Oeste, o Meio-Norte, ainda extrativista e pecuarista. (Idem, p: 25).

No entanto, os nativos se reconhecem como sertanejos, embora estejam nessa zona de transição. Dizem que o que marca sua região é o clima seco e quente, bem como a vegetação é predominantemente formada pela caatinga e a fauna é típica do sertão. Outro elemento que permite esta distinção são os hábitos culturais, para os moradores da comunidade, diferente das pessoas do agreste, eles costumam comer rapadura no calor para beber muita água, bem como consomem em larga escala o leite, o queijo e a carne de bode. Além disso, a maioria das casas no sertão tem alpendre, segundo os nativos, porque é “um povo muito hospitaleiro” e querem sempre receber visitantes na sombra, deixando as casas com aspectos aconchegantes. As pessoas também têm costume de caçarem e comerem animais típicos da caatinga⁹.

1.1.1 AS FIGURAS RUPESTRES NAS TERRAS DA COMUNIDADE

Uma das razões de orgulho em relação a suas terras é o fato de terem no território da comunidade um conjunto de figuras rupestres que são visitadas por diferentes pessoas, das mais variadas regiões, dos meios acadêmicos e das escolas de ensino fundamentais e médio. Por isso, sempre que falam na comunidade Boi Branco

⁹Na região da comunidade, a caça ainda é praticada, porém há uma consciência de que a mesma é prejudicial às espécies nativas. As pessoas que lideram na comunidade recomendam que não a pratiquem. Os animais caçados são pássaros de pequeno porte, sobretudo rolinhas e rabaças, muito comuns na região, também aparece, às vezes, animais como o tamanduá, tatu-bola, gambá, camaleão e o tiú. As cobras são comuns nessa região, compreendidas como ameaçadoras a vida dos nativos, são abatidas sempre que vistas, embora não haja consumo como as demais espécies. Os preás só aparecem em épocas muito restritas, esses são comuns em áreas de plantio de palma e são eles quem atraem as cobras peçonhentas. Segundo os nativos, essas cobras são nocivas e, de vez em quando, acometem os moradores, havendo inclusive, casos na região de pessoas que chegaram a óbito depois de serem atacadas por cascavéis e salamandras, as principais espécies de cobras que habitam a região.

mencionam tais figuras¹⁰. Esse conjunto de figuras rupestres já mereceu a atenção de estudiosos do campo da arqueologia como é o caso da pesquisadora, Dra. Gabriela Martin (1997). Ela cita o sítio arqueológico Boi Branco, em sua obra “A Pré-história do Nordeste”, e segundo a autora essas figuras rupestres datam de seis mil anos. Os grafismos podem ser classificados, do ponto de vista arqueológico, como grafismos puros, isto é: grafismos que não trazem em si nem um significado explícito, sendo de representação abstrata. Traços e retas que formam imagens aleatórias e há ainda a presença de figuras fitomórficas e antropomórficas, que representam plantas e figuras humanas. As zoomórficas aparecem também, mas em menor quantidade. Assim a pesquisadora acima classifica as figuras rupestres como itaquatiaras.

Sobre as itaquatiaras é importante compreender que:

Indubitavelmente as itaquatiaras formam a tradição ou as tradições mais enigmáticas de toda arte rupestre do Brasil. Por estarem quase sempre nos cursos d’água e muitas vezes, em contato com ela, resulta difícil relacioná-las a algum grupo humano, sobretudo pela impossibilidade, na maioria dos casos de estabelecer associações com restos de cultura material (MARTIN; 1997: 299).

Outros(as) autores(as) também mencionaram o sítio arqueológico Boi Branco, é o que demonstra Alice Aguiar (1989) ao dizer que: “Niéde Guidon classificou ‘Boi Branco’ dentro da primeira tradição ou Itaquatiaras do Leste”(AGUIAR; 1987: 117). Esta autora se refere à classificação da arqueóloga francesa Niéde Guidon (1982) que costuma classificar as itaquatiaras em três tradições: Itaquatiaras de Leste, Itaquatiaras Oeste e Gongo. Esta classificação se refere às figuras da Pedra Furada, na Serra da Capivara, que estão situadas no município de São Raimundo Nonato-PI, onde esta pesquisadora realiza suas atividades científicas. De lá derivaram as classificações quanto à morfologia das figuras rupestres.

¹⁰ No ato da pesquisa de campo ao abordar qualquer morador ouvia sempre falarem sobre tais figuras, muitos me levaram até o local para mostrar e outros diziam que já vieram muitas pessoas à comunidade para pesquisar sobre elas. Dizem que têm medo desse excesso de pesquisadores, pois entre eles, pode vir gente do IBAMA, para saber se estão caçando e matando animais, questão que poderia atrapalhar minha pesquisa. Então deixei claro que se tratava de um trabalho sobre a “luta pela terra e a religião”, mas em muitas conversas sempre acabavam retornando ao assunto das figuras rupestres e afirmavam sempre que não praticam a caça dando conta da importância que atribuem as figuras e da preocupação em relação à preservação às espécies nativas.

É possível entender os aspectos desta classificação seguindo a orientação de Alice Aguir (1987) segundo a qual:

As Itaquatiaras do Leste aparecem sobre afloramentos rochosos nas margens dos rios e riachos dos terrenos precambrianos da depressão periférica do Rio São Francisco. Há predominância de grafismos puros, embora apareçam raros grafismos de composição. A morfologia dos grafismos puros e a composição dos painéis parecem indicar que se trata de uma única subtradição e de um único estilo, porém os dados não são suficientes para propor uma classificação definitiva (AGUIAR; 1989: 116).

Os grafismos puros não sendo decifráveis mediante nossos códigos culturais são provas enigmáticas da existência humana de tempos passados, registros que dão conta da dimensão simbólica milenar dos homens. Ficando os significados e interpretações a serem atribuídas a cargo de quem tem contato com tais imagens. Parece ser essa a sugestão do trabalho monográfico de Fábio Henrique Alves da Fonsêca (2003), que defendeu a monografia *As Itaquatiaras do Sítio Boi-Branco no Centro do Debate Comunicacional*. Este trabalho foi apresentado como requisito para obtenção do título de pós-graduação em Licenciatura em História, pela UPE – Campus Garanhuns. Este autor afirma que as imagens arqueológicas trazem consigo “mensagens” significativas que comunicam a dimensão imaginária dos homens que realizaram tal empreendimento, bem como estão inertes na rocha, passíveis de diversas interpretações mediante o imaginário contemporâneo¹¹.

Para Fabio Fonsêca (2003) a técnica e estilo das figuras rupestre do Boi Branco são marcadas por: “sulcos foram abertos por picoteamento, através da percussão de um eixo sobre a superfície da rocha, que delineiam o contorno do ser ou objeto representado, depois os sulcos foram alisados internamente por raspagem” (FONSÊCA; 2003:11). Há também uma distinção entre as figuras rupestres, quanto à morfologia e forma das imagens. É a forma e a técnica artística que permitem a distinção das figuras em itaquatiaras e signogravuras¹². As itaquatiaras são

¹¹ Aqui, estes trabalhos aparecem como fonte para compreender a dimensão arqueológica, mas para fazer o estudo antropológico das mesmas pretendo, no último capítulo deste trabalho, fazer uma análise dos significados atribuídos pelos assentados as imagens rupestres.

¹² Itaquatiara é uma palavra originada do Tupi, Ita significa Pedra e quatiara significa furada. Em alguns trabalhos de literatura a forma da escrita pode mudar (Itacoatiara), mas é o mesmo significado. Signogravuras é usada pelos domínios da arqueologia, significa signos grafados ou pintados.

picotamentos nas rochas. As figuras são expressas em formas geométricas nas rochas em baixo relevo, assim são grafadas com lapidações e pequenos recortes. Enquanto as signogravuras são imagens pintadas, normalmente com uso de sangue de animais, ferro e carvão. Não trazem lapidações, furos ou imagens cavadas nas rochas como as itaquatiras, no caso das signogravuras são imagens pintadas. Em alguns casos, como algumas figuras no Boi Branco, as itaquatiras (imagens esculpidas) podem ser pintadas, o que faz com que itaquatiras e signogravuras formem uma única imagem. Aproximam-se da arte pictórica na atualidade, pelo uso de tinta e pelas pinturas expostas, muitos estudiosos, a exemplo de Martin (1997), fazem uma associação entre as artes contemporâneas e as figuras rupestres. Assim, é possível entender as figuras rupestres como uma manifestação estética de um grupo social em uma determinada época, carregada de simbologia e significado, que atualmente são passíveis de significações.

O conjunto de figuras que compõem o sítio arqueológico Boi Branco está próximo às residências da comunidade Boi Branco de Baixo. O acesso se dá por uma estrada de chão que sai do pátio da comunidade, por entre algarobas, passando pela última residência que fica por traz do açude. Essa estrada é a mais próxima ao sítio arqueológico, 1 km aproximadamente é à distância dessa residência ao sítio arqueológico, mais uns 200 metros da casa ao pátio da fazenda. Assim o sítio arqueológico fica a 1200 metros do pátio. Também é possível chegar, mais rápido e a pé, ao conjunto de figuras rupestres, por dentro do leito do rio Garanhunsinho, que banha as terras da comunidade.

Em relação às figuras rupestres, a quantidade é impressionante, são centenas, diversas e variáveis em suas formas geométricas. Estão situadas em três painéis em rochas próximas uma das outras que são banhadas pelo rio. Mas os conjuntos de figuras estão próximos uns dos outros, no máximo estão dentro de uma circunferência de 200 metros. Uma rocha entre as outras se destaca pelo tamanho da itaquatiara esculpida em baixo relevo. Se trata de uma figura enigmática que tem mais de 8 m² de diâmetro. Parte dela foi dinamitada, ou seja, ela era maior, mas a rocha foi quebrada. Os moradores dizem que ao chegarem à região já encontraram a rocha nesse estado e se revoltam por esse motivo, a ponto de questionarem a visita de algumas pessoas. Quando se tratam de

peessoas que vão ao local para fazerem atividades de lazer sempre é recomendado pelos moradores algum membro local acompanhar. Não há registros quanto à depredação dessa rocha, apenas os moradores dizem ter sido por volta dos anos oitenta que pesquisadores estrangeiros foram ao sítio e tentaram retirar parte destas figuras para pesquisarem, mas nada comprova esta narrativa. As informações são relevantes para dar conta de como os nativos compreendem as figuras.

Por uma resolução dos moradores, com apoio dos técnicos do Instituto de Pesquisas Agrárias (IPA), o sítio arqueológico ficou dentro da área de preservação ambiental. Aproveitando que tinham que deixar a percentagem de 20% do território como reserva ecológica, os nativos resolveram preservar o leito do rio Garanhunsinho, que também banha as figuras rupestres. Com isso a área é cercada com de 10 a 12 fios de arame farpado, sendo possível o acesso apenas por uma estrada que passa por vários lotes de proprietários diferentes. A estrada que dá acesso é cercada e há uma cancela (porteira de arame farpado) que permite entrar no sítio. Sempre que possível os moradores limpam o caminho e uma área próxima ao sítio, espaço para estacionar carros ou ônibus, que são sempre comuns virem ao sítio, seja tanto das Universidades quanto dos colégios da região.

O estado de conservação das figuras é uma preocupação comum na comunidade. De fato, não há depredação por parte dos moradores. Nas rochas que se encontram as imagens foram desenhadas algumas imagens com tinta óleo, nomes de pessoas, corações e traços. Não chegou a atingir as imagens, mas foram feitas reuniões para questionar se havia sido algum morador, bem como para recomendar a preservação. Disso resultou uma preocupação para os nativos, relacionado ao controle dos visitantes ao sítio, pois isso pode comprometer a preservação das figuras, sobretudo, com a divulgação das imagens, passaram a entrar na comunidade pessoas sem serem acompanhadas por professores/as ou responsáveis legais (instituições de ensino).

1.2. HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO

A história do assentamento começa no município de Águas Belas, quando um conjunto de sem terras, junto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e lideranças das Comunidades Eclesiais de Bases, resolvem se juntar para reivindicar a reforma agrária, com propósito de obter a terra e conquistarem a *dignidade* humana. É Dona Quitéria¹³ e o Sr. Carlos¹⁴ quem nos dão testemunho dessa história¹⁵. No ano de 1998, Carlos foi convidado, pelo então presidente do sindicato rural deste município, para participar do processo de luta por direito à terra. Perguntado se sabia onde havia uma fazenda onde pudessem acampar, respondeu que sim e junto com seus companheiros procurou saber quais eram as condições da fazenda Boi Branco, onde havia um projeto experimental do Governo financiado pela SUDENE¹⁶, para criação de gado de leite, cabras e ovelhas. Na ocasião, a fazenda estava sob propriedade de um usineiro, o Sr. Eduardo que havia negociado com o antigo proprietário o Sr. Jurandir Herculano. O empreendimento de criação de gado tinha sido feito pelo Sr. Cazuzza Herculano, pai do Sr. Jurandir Herculano, que ao falecer deixou a fazenda em dívidas como herança, as dívidas com a SUDENE haviam sido negociadas quando o usineiro comprou, mas as terras estavam improdutivas.

Dona Quitéria morava no sítio Lajeiro Alto, também no município de Águas Belas e participava da militância sindical, onde tinha contato com os outros sem terras e com Carlos, que a convidou para se juntar no processo de reivindicação. Essa senhora já tinha uma longa história na militância pela terra, desde os seus dezesseis anos de idade

¹³ Conhecida como A Rezadeira, ensina catecismo na comunidade, exerce função de parteira e atualmente é funcionária pública. Ela tem 66 anos de idade e participou desde o início do processo de assentamento. Ela tem muitos parentes assentados na comunidade e muitos moradores lhe procuram quando querem mandar rezar. Ela afirma ser membro das CEBs formada por Frei Juvenal. Também coordena as atividades da Pastoral da Criança que atua na comunidade.

¹⁴ Conhecido pelos moradores como um dos fundadores da comunidade. Ele diz que sempre foi associado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Águas Belas e é militante do PT atualmente. Ele mora na comunidade junto com sua esposa, seus filhos estudam e trabalham na cidade de Garanhuns, com 56 anos de idade é agricultor e criador de gado, foi quem me deu abrigo na comunidade e forneceu informações sobre o início do assentamento, bem como recomendou pessoas que pudessem fornecer informações à pesquisa.

¹⁵ Carlos, Dona Quitéria, Frei Juvenal (que será citado a seguir) e Jurandir Herculano não são nomes fictícios, permitiram que fossem usados seus nomes, os demais sujeitos de pesquisa pediram para não serem citados, pois disseram não quererem ter que assinar documentos caso necessário, exceto o Sr Emanuel que aparece abaixo, disse que podia usar seu nome, mas não pode assinar por ser analfabeto.

¹⁶ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

quando participava das atividades da igreja católica ligada as CEBs. Principalmente quando, segundo ela, se sentiu chamada pela mensagem de um Frei Franciscano que pregava o direito a terra. Desse momento em diante sentiu um chamado, compreendendo assim a “necessidade de lutar pelo que é certo: a luta pelos Direitos Humanos, que vem desde os começos dos tempos”. Carlos, assim como Dona Quitéria e outros sem terras, era ligado também, além do sindicato de Águas Belas, a Federação Estadual de Trabalhadores Agrários de Pernambuco (FETAPE) e Comissão Pastoral da Terra (CPT). As pessoas que participavam do sindicato em Águas Belas, entretanto, acharam que a fazenda, tinha parte de suas terras no município de Iati, muito longe para eles e não gostaram da ideia de ir para “um sonho sem garantias e sem proximidade com suas famílias”. Reclamando este fato à Dona Quitéria e sentindo-se sozinho, Carlos disse: “será que eu sou filho do cão, ninguém quer me acompanhar?”. Ela resolveu então juntar-se a ele, e com outras pessoas que já o acompanhavam e atendia as exigências do INCRA, órgão que assentou os moradores. Foi assim que Carlos, Dona Quitéria e o conjunto de sem terras foram em busca de “realizar o sonho de ter *dignidade e serem donos de si*”.

No processo de reivindicação da terra, os critérios da reforma agrária deveriam ser atendidos, sobretudo o de improdutividade. Foi isso que os sem terras procuraram saber para que depois de ocupada a terra fosse feita a negociação, entre o INCRA e o Sr. Eduardo. Com isso, Carlos, então informou ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Águas Belas, que havia encontrado uma propriedade adequada para acamparem. Segundo depoimentos dos moradores, a terra estando improdutiva, a negociação com o INCRA foi lucrativa, para o antigo proprietário. O hectare era avaliado, no ano de 1998, em média por R\$ 200,00, o INCRA pagou R\$ 750,00. Foi um negócio lucrativo para o senhor Eduardo, dizem que a fazenda estava sendo negociada, antes do processo de assentamento, mas o máximo que era oferecido por hectare era R\$ 200,00 que um vizinho ofereceu, ainda mais com um prazo de mais de um ano.

O nome da antiga fazenda Boi Branco tem origem numa história relacionada com uma pega de boi no mato. Há tempos atrás, durante o verão, com escassez de água os fazendeiros mandavam tanger seus rebanhos para beber água nas barragens dessa fazenda. Foi assim que sumiu um boi de cor branca, que passou a ser procurado

incessantemente. Este boi era famoso por ser valente, então na região se criou o desafio para a pega do boi. Reuniram-se, por várias vezes, alguns vaqueiros que correram atrás do boi, para levá-lo de volta as terras do proprietário, mas sem sucesso. O que dificultava era o fato de não haverem cercas, pois era no tempo das “soltas”¹⁷, a mata era fechada e o boi corria por entre as árvores, fugindo dos cavalos. Então os vaqueiros pediram ao proprietário da barragem da região, o Sr. Cazuza Herculano, para montarem uma tocaia, mas o boi sempre que chegava nessa barragem para beber água percebia a presença dos vaqueiros e fugia mato à dentro. O boi não foi pego facilmente, apesar de várias tentativas, havendo até derramamento de sangue de alguns vaqueiros que correram no mato. O boi só foi capturado quando estava velho e cansado, tempos depois, quando veio beber água, então um vaqueiro o derrubou exatamente onde hoje é a terra do assentamento e da antiga fazenda Boi Branco¹⁸.

O antigo morador que cuidava da fazenda era crente, homem responsável, segundo os moradores. Mas não havia condições para que este cuidasse da terra, uma vez que o dono que era usineiro e preocupava-se mais com as terras da zona da mata de Pernambuco, que as do sertão. Para um morador atual, que trabalhou alguns dias de “aluguel” na fazenda, a experiência de um usineiro se aventurar no sertão foi um desastre. O Sr. Eduardo era proprietário de um conjunto de fazendas, que somadas com as terras da fazenda Boi Branco o tornavam um grande latifundiário. Na região em que a terra está situada é comum a presença de grandes propriedades, por exemplo, o Sr. Cazuza Herculano tinha um conjunto de treze fazendas e recebia dinheiro da SUDENE para produzir algodão, mamona e criar gado. A produção das fazendas abastecia suas fábricas de farelo e óleo de algodão, que funcionavam por volta dos anos 70. O Sr. Zé Pequeno, que é morador atual do assentamento trabalhou nas antigas fazendas e fábricas do Sr. Cazuza, que ao falecer deixou-as para seus filhos, Antonio e Jurandir Herculano. O primeiro morreu pouco tempo depois, logo o segundo teve que vender suas terras

¹⁷ As soltas se referem à época que não existia o arame e os moradores podiam criar seus animais soltos, a esse respeito ver Rosana Paiva (2008).

¹⁸ Quem narrou essa história foi o Sr. Jurandir Herculano, filho do antigo proprietário Cazuza Herculano, que deixou a fazenda de herança para ele. Afirma ainda ser jovem na época e pediu ao pai para ir atrás do boi, mas o pai não o permitiu, embora apoiasse os vaqueiros e gostasse da festa, dizia que era muito perigoso para seu filho.

para pagar dívida. Ficou apenas com a menor das fazendas, onde mora atualmente, esta, de aproximadamente 200 hectares.

Narrando como estava à fazenda Boi Branco antes da conquista a opinião é unânime, o estado era de degradação. Os currais abandonados, as casas e granjas que estavam de pé eram moradas de ratos, baratas e morcegos. Não havia benfeitorias, nem condições de sobrevivência para as primeiras pessoas que resolveram acampar junto com Carlos e Dona Quitéria. Ao narrarem tal experiência, de serem assentados, muitos moradores se entusiasmam, pois a ideia de reforma agrária na região foi pioneira, causou espanto em muita gente, que chegaram até a duvidar do empreendimento. Olhando para as residências, contando pelo que passou e sofreu, diante de onde está agora, um morador se emocionou ao dar seu depoimento, dizia ele:

Lembro como se fosse hoje, eram mais ou menos cem pessoas, o povo veio com tudo, numa F4000 fizemos uma passeata no centro de Águas Belas, no dia 26 de julho de 1998. Nesse dia à tarde, junto com o pessoal do sindicato, o povo pobre veio aqui. Descemos e começamos a armar as barracas de lona, o sofrimento começou aí. Mas Deus nos protegeu até hoje, agora nós estamos é rico, comparando o que passamos. *O cara pra ser gente passa cada humilhação viu!* (Relato de um assentado, registrado no diário de campo, em 16/03/2012).

Quando chegou à fazenda Carlos foi com mais de cem pessoas junto ao morador, que entregou a chave da casa grande. Há indícios que muitas pessoas já sabiam que a invasão iria ocorrer. O morador da fazenda inclusive havia procurado Carlos na feira da vila de São Pedro do Cordeiro e disse que “uns caras estavam planejando invadir a fazenda”. Carlos disse que não eram pessoas estranhas, mas seu grupo, sob sua liderança, que estava contando com o apoio do sindicato e do INCRA, disse ainda que não temesse, pois eram todas pessoas que não representavam ameaça. Recomendou que ficasse na sua e que não havia dia nem hora certa, entretanto, o fato iria ocorrer o quanto antes. Carlos ficou revoltado ao saber que a notícia havia sido dada antes do previsto, pois para ele isso era sinônimo que alguém estaria conspirando contra os sem terras e levando informações até pessoas ligadas ao proprietário da fazenda. No entanto, permaneceu à frente e foi ele que pediu as chaves da casa grande e disse que “a partir de hoje o Boi Branco tem novos donos”. Segundo um nativo, “o morador quando viu a multidão se aproximar, estava em cima do trator da fazenda, deu aceleradas que a poeira cobriu, mas se viu logo vencido, não resistiu e entregou logo depois a chave e

insinuou onde podiam acampar”. Carlos sabia que caso o morador quisesse continuar na fazenda por ser sem terra e trabalhador agrário, como os que haviam ali acampado, teria um lote por direito. Tratando de convidá-lo, mas o mesmo disse que iria embora, “ali já não dava mais pra ele”.

Por mais que houvesse confiança na pessoa do morador, que não era homem violento, havia uma tensão e insegurança quanto ao processo de tomada de terra. Primeiro por ser uma experiência pioneira, assim como os moradores sabiam que na região há grandes fazendeiros que têm prestígio junto às autoridades públicas como a polícia. Outra insegurança, ainda segundo moradores, advinha da forma como os programas televisivos retratavam as tomadas de terra pelo Movimento Sem Terra (MST). Isso demonstra que a experiência era nova, desafiadora e quebraria com muitos valores e costumes da região.

A tomada da fazenda gerou comentários na região, uns até diziam que se tratava de ameaça comunista. Um dos líderes perguntado por mim se era filiado a algum partido político, disse que quando jovem fez parte do Partido Progressista do Brasil (PPB), atual Partido Progressista (PP). Afirmando ainda que “agora que me entendi por gente sou filiado ao PT (Partido dos Trabalhadores)”. Disse ainda que só vota atualmente na esquerda. É taxado na região de “o comunista e radical”. Diz já ter perguntado a muita gente quem foi o primeiro comunista do mundo, principalmente quando é insultado. Mas ninguém responde. Então ele me faz a pergunta, eu a devolvo, então ele responde que “o primeiro comunista foi Jesus Cristo”. Ser comunista, ele complementa “é lutar pelo bem comum, pela comunidade, é morrer lutando pelo que é certo”.

As pessoas ao acamparem na fazenda tiveram as primeiras necessidades supridas pelo próprio INCRA, que forneceu inclusive as lonas para construção das barracas. As pessoas eram carentes, segundo os nativos, foi preciso buscar ajuda em diferentes lugares, como com a Prefeitura de Iati que forneceu água, com a igreja que distribuiu caminhões de mercadorias e com a Pastoral da Criança da CNBB que forneceu a porção de multimistura, usada para acabar com a desnutrição infantil. Segundo alguns moradores, nos primeiros dias a situação não era apenas de pobreza, mas beirava a miséria. Buscaram também ajudas até com fazendeiros e donos de

laticínios da região, o que parecia ser impossível para eles, mas a situação era tal, que muitos ajudaram por entender que se tratava de urgência e socorro à condição que se encontravam. Os fazendeiros então deram leite e alimentos, para alguns nativos; “foi Deus quem tocou no coração daqueles homens, só Deus tira leite de pedra”.

Ainda estaria por vir às dificuldades do acampamento, quanto ao enfrentamento do estigma de serem sem terras. Soma-se aos preconceitos e comentários pejorativos, as precariedades do acampamento, tais como o calor embaixo das lonas pretas, onde a temperatura chega próxima aos 40 °C e sem chuvas para refrescar e ainda que essas viessem destruiria as barracas. As crianças eram quem mais sofriam diante dessa situação precária em que se encontrava o acampamento. Sr. João comentou a esse respeito: “só um filho da peste vai chamar nós de vagabundos, imagine o que é passar fome, ficar embaixo das lonas pretas, ver os filhos chorando, enfrentar fome e sede, que aí o bobônica sabe o que é bom pra tosse”.

1.2.1 A FORMAÇÃO DO ASSENTANDO

As cinquenta famílias que primeiro acamparam, em sua maioria, eram dos arredores da própria fazenda. Talvez Carlos e Dona Quitéria fossem os mais distantes, pois a população de Águas Belas, que fazia parte do sindicato, não quis enfrentar o desafio de acampar longe de onde se encontravam. Muitos, ao serem convidados, diziam que “não iam sair para morrer no deserto”. O perfil dos acampados era de trabalhadores rurais braçais, nos dizeres locais são aqueles que “não tinham nem um palmo de terra, viviam de trabalhar e não comer de seu suor”. Essas pessoas aderiram ao desafio pioneiro na região, mas que para eles significava uma questão de dignidade. Então tiveram que montar com suas próprias mãos as barracas de lona, mas com o passar do tempo estas se desmancharam. As lideranças procuraram pessoas ligadas a Prefeitura de Iati e pediram carros que pudessem carregar palhas de coqueiro-ouricurir no agreste. Esta árvore é típica da região agreste. Os locais mais próximos da comunidade onde podiam encontrar ficam a 50 km, nos municípios de Paranatama e Saloá, de onde trouxeram para reconstruir suas residências, enquanto o INCRA edificasse as casa de alvenaria, com tijolos. Passaram-se mais algum tempo e as

caçambas, cedidas pela prefeitura, para transportar palhas, passaram a transportar o barro, mas não para fazer as casas com tijolos, sim casas de taipa. Assim foram três experiências de fazer e o tempo desmanchar, pois estas últimas, assim como as de lona e palha eram destruídas pelas chuvas, assim como as outras foram pelo sol. Finalmente, essa dificuldade é superada quando as residências foram financiadas pela Caixa Econômica Federal. Não houve custo a ser pago pelos moradores, uma vez que a obrigação do INCRA seria deixar as casas construídas com os lotes divididos, para que as famílias assentadas pudessem produzir e se sustentarem no local. Além destes dois órgãos, acima citados, a comunidade, depois de estabelecida legalmente no local, contou com a colaboração do Instituto de Pesquisa Agrária (IPA), com financiamentos e empréstimos junto ao Banco do Brasil que financiou boa parte da produção, através de um conjunto de empréstimos da linha de crédito PRONAF B, modalidade de investimentos que eram disponibilizados na época à agricultura familiar.

O espírito comunitário prevalecia desde o início do assentamento, como diante da trágica situação inicial, os assentados tentaram se manter unidos para superar o estado de calamidade que se encontravam. Nesse sentido, um dos moradores teve que comprar comida nos mercados das cidades próximas, pretendendo pagar com a produção de estacas e lenha que seria retirada da fazenda com o trabalho de todos os moradores. Ao combinar com os moradores que iriam produzir para pagar o consumo saiu caminhões carregados de madeira, sendo sua retirada permitida pelo INCRA. Os débitos, no entanto, eram grandes. Uma vez que para manter cinquenta famílias vieram sacos e mais sacos de mercadorias como charque, feijão, arroz, farinha e utensílios variados. No final das contas, as pessoas que estavam responsáveis por pagar as despesas ficaram em débito de R\$2.000,00, o que era igual a duas vacas muito boas em 1998. E isso foi exatamente o que Carlos vendeu para honrar o compromisso.

Houve também quem se aproveitasse da situação de vulnerabilidade no início do processo de assentamento. Uma mulher se dizendo membro da comissão do INCRA cobrava R\$700,00 mensais para facilitar o andamento do processo de assentamento, forçando os moradores a derrubarem madeira e fazerem carvão. Nas palavras de um informante: “dava gosto ver aquele povo, tudo unido, unido na fome e na fartura, na partilha e no trabalho, mas vem uma peste e se aproveita da boa vontade”, numa frase

comum dos nativos é dito “quando Deus dá a farinha, o diabo vem e rouba o saco”. O acordo com tal mulher só durou dois meses, o suficiente para que ela vendesse vários caminhões de madeiras, estacas e carvão. Depois que a mulher foi embora, vieram pessoas atrás de receber o que já tinham pagado antecipadamente, o que gerou conflitos na comunidade. Alguns moradores se recusaram a trabalhar para sanar dívidas que não haviam contraído por vontade própria, mas acabaram deixando que alguns comerciantes retirassem a madeira, aparecendo outros, então unanimemente decidiram não permitir mais a retirada de madeira. Esse triste episódio contribuiu mais ainda para o descrédito dos assentados, uma vez que só as primeiras dívidas foram honradas, com isso foi endossada a visão de alguns fazendeiros da região de que entre “os sem terras” havia gente desonesta, reforçando o estigma de pobreza e desonra acerca dos assentados.

No processo de conquista da terra, Carlos teve que tomar uma decisão difícil, desistiu de receber um lote e ficar entre seus companheiros. Para ele o mais difícil foi deixar tudo que havia construído, mas tinha uma vida honrada e se revoltou sair diante do fato de ter que vender o que tinha para pagar as dívidas alheias, mas pagou por estar em seu nome. Logo depois abandonou o assentamento e foi embora para o Maranhão, onde ficou por mais de dois anos, de 1998 a 2001. Disse que trazia consigo “aquela angústia no coração, por saber que muito do que tinha feito foi perdido, o que era pra ser um assentamento de gente de bem, ficou sendo uma favela rural, com gente que admite coisas desonestas”. Tempos depois ao retornar com sua família para a terra natal, pretendia morar no sítio Lajeiro Alto no município de Águas Belas, onde morava antes do assentamento. Mas acabou recebendo o convite de morar no Boi Branco, pois iria receber uma parcela de um ex-assentado da Zona da Mata Sul, que o INCRA havia designado para morar lá, mas este teve que vender por não ter se adaptado à região seca e dizia preferir morar perto da família. Carlos então comprou a parcela de 18 hectares por R\$ 3000,00, o que lhe fez vender suas quarenta melhores ovelhas, que havia trazido do Maranhão em 2001.

Perguntado sobre a expressão “Favela Rural”, dita ao longo do diálogo estabelecido entre nós a propósito desta pesquisa, ele disse que o INCRA havia realizado a formatação das residências proporcionando a formação de uma favela no sítio. Este órgão responsável pelo assentamento ao construir as casas próximas uma das

outras, nos blocos residenciais, facilitava a “proliferação de bares, maloqueragem e briga por causa dos bichos, pois todo mundo quer criar nas áreas coletivas, gerando encrenca e confusão”. Por estas e outras questões, como a produção de lixo, os nativos se queixam das residências terem ficado muito próximas uma das outras, de certa maneira estão reivindicando maior privacidade e individualidade para os assentados e não uma homogeneização formal como ocorre.

1.2.2 COMPOSIÇÃO SOCIOESPACIAL: RELAÇÕES SOCIAIS

Em meio às fazendas de criação do gado leiteiro, na zona rural dos municípios de Iati e Águas Belas, fica o conjunto de mais de cinquenta residências dos moradores da comunidade. As terras do assentamento também estão situadas nos territórios dos respectivos municípios. A estrada que liga Iati a vila de São Pedro do Cordeiro e separa os territórios destes municípios, também separa a divisão da comunidade, que é composta pelo Boi Branco de Baixo e Boi Branco de Cima. No início do assentamento, foram construídas 30 residências no Boi Branco de Baixo e 20 no de Cima, dentro de um terreno com extensão territorial de 1.242 hectares, tendo um território que se estende de um município ao outro. Assim foi a estratégia da comunidade dividir o conjunto de residências para que as terras fossem bem cultivadas, uma vez que as residências dos seus respectivos donos estariam mais próximas aos lotes. (Ver mapas em Anexos: Imagens 1, 3, 5 e 6)

O Boi Branco de Cima fica a 1 km aproximadamente do de Baixo, mas há interação constante entre os moradores dos dois lugares, pois além de se reconhecerem como da mesma comunidade estão dentro de um conjunto de relações que os ligam, sejam vínculos econômicos ou de parentesco. A vida econômica dos moradores está ligada a terra, quando esta foi dividida entre os assentados ficaram 18 hectares para cada família.

As cinquenta famílias dividiram 900 hectares entre si, ficando cada família com um lote e a residência na vila. Cada residência da vila tem em seu entorno aproximadamente 100 m² de espaço exclusivo para cada morador. Alguns moradores

utilizam-se desses espaços para o cultivo da palma, para a criação de gado em pequenos currais ou simplesmente formam seus quintais. Outros espaços entre as casas e que não estão dentro do uso exclusivo de cada morador são comunitários, onde todos plantam juntos e dividem a produção. Em outro espaço comunitário foi construído o açude, no Boi Branco de Baixo, que abastece água para as criações. Nas áreas próximas do açude, o solo retém grande umidade, onde boa parte dos moradores aproveita para plantar capim. Além desses territórios, foram formadas as reservas ecológicas, sendo ocupados, assim, os 1242 hectares que compõem todo o assentamento.

Em meio a essas condições ambientais estão os dois conjuntos habitacionais construídos pelo INCRA que compõem a comunidade Boi Branco. Suas residências foram construídas em uniformidade com o modelo fornecido pelo INCRA, no entanto, muitas delas foram remodeladas pelos próprios moradores. As residências deveriam estar situadas em linhas retas paralelas, sem nenhuma irregularidade, formando um conjunto de ruas diferentes, mas os moradores ao remodelarem acabaram por modificar essa uniformidade do modelo inicial. É visível a irregularidade geométrica entre o modelo do INCRA e o atual, uma vez que algumas casas estão mais próximas uma das outras, enquanto outras ficam muito distantes. Os moradores também fizeram suas casas conforme a conveniência dos terrenos. Além do mais, corrobora para agravar essa não compatibilidade geométrica as novas residências que foram construídas depois do assentamento. Muitas famílias construíram residências para seus parentes, ou ainda as residências foram aproximadas umas das outras para que os vizinhos parentes ficassem próximos.

Constata-se uma intensa interação social assimétrica entre os moradores do Boi Branco de Cima e de Baixo através das relações socioeconômicas. No Boi Branco de Baixo ficam os elementos mais importantes do ponto de vista econômico, que é o resfriador para acúmulo do leite, o posto de saúde, escola, o campo de futebol, um parque de vaquejada, a serraria, duas borracharias, o chafariz d'água, o açude e as casas coletivas, que formavam o pátio da antiga fazenda. São três as casas principais que compunham a antiga fazenda Boi Branco, duas delas são ocupadas por duas famílias que não receberam residências do INCRA. Há uma granja e um curral deixados como legado da fazenda, sendo atualmente coletivos, mas quem usa o curral é a família mais

próxima. Em uma das casas coletivas funciona de segunda a sexta, uma escola de ensino fundamental 1, com doze estudantes da alfabetização. À noite, neste mesmo local, funciona atualmente um programa de alfabetização de jovens e adultos. As aulas são ministradas por duas professoras do Boi Branco de Cima. Com isso, teremos as pessoas se voltando mais para o Boi Branco de Baixo, mas o inverso também pode ocorrer, principalmente pela relação de trabalho, quando os moradores de um lugar vão trabalhar nas terras dos outros. A integração entre esses dois conjuntos residenciais se dá nas eleições para formação da Associação Boi Branco. Todos votam e podem se candidatar aos cargos de presidente, tesoureiro/a e secretário/a, aqui é quando ocorrem as disputas de prestígio entre os moradores para decidir quem irá administrar a Associação. Todas as vezes que se montam as candidaturas, há preocupação de manter uma variedade, convocam-se moradores dos dois blocos residências, bem como os candidatos tentam englobar o maior número de famílias e de pessoas influentes na comunidade. Nas atividades religiosas há também uma unidade entre os membros dos dois lugares, uma vez que os jovens se dirigem para a casa da rezadeira e professora de catecismo, Dona Quitéria, que fica no Boi Branco de Baixo. Essa senhora também é responsável pelo levantamento dos dados para a Pastoral da Criança, campanha da CNBB, que visa melhor qualidade de vida para as crianças desnutridas, assim essa campanha é realizada em toda comunidade onde há crianças recém nascidas.

De maneira geral, os moradores se voltam mais para o Boi Branco de Baixo para resolverem problemas da Associação, onde as reuniões acontecem e onde há maior número de residências, também é onde fica o pátio do assentamento e da antiga fazenda. As reuniões ocorrem no mesmo espaço da sala de aula, normalmente se aproveitam as reuniões para distribuição e fiscalização da merenda escolar, uma vez que os responsáveis são os próprios moradores, devidos ao fato de não haver grupo escolar na comunidade; dessa forma, o presidente da associação pega a merenda e repassa para a merendeira que é paga, assim como a professora, pela Prefeitura de Iati. Os moradores dizem que o pátio é o coração da comunidade, pois é lá que ocorrem as reuniões comunitárias, por ficar mais próximo do maior número de residências.

Nos dois conjuntos residenciais, as residências são próximas uma das outras, o que facilita as relações comunitárias e as trocas de bens utilitários entre vizinhos. Nessa

direção são trocados bens em geral, tais como; comida, ferramentas e até troca de favores, como carregar água para casa de uma vizinha ou lavar as louças quando a mulher fica doente. Compreendo, neste caso, que esse conjunto de trocas é constituído por um caráter de reciprocidade, no sentido empregado por Marcel Mauss (2003), como veremos posteriormente. A troca de favores e bens é fruto de uma unidade social, que reflete a condição e forma pela qual os indivíduos improvisam o cotidiano, para resolverem problemas e necessidades de demanda comuns a comunidade. Como fica evidente na seguinte fala de Dona Julia: “aqui um ajuda o outro, depois quando cair na doença quem não ajuda ninguém fica sozinho. Imagine o cara além de doente abandonado!”. Com isso, teremos um sistema de relações que constituem o tecido social da comunidade.

Há de fato uma interação entre os moradores do assentamento, o que forma a comunidade com um conjunto de relações específica, formando um “sistema” no sentido empregado por Godoi (1998) onde a história de luta pelo território constitui uma memória comum. Como Almeida entendendo que a comunidade “se constitui numa ordem moral, postulada pela reciprocidade entre famílias consideradas iguais. É essa noção de reciprocidade que permite entender a campesinidade em sua dimensão mais geral” (ALMEIDA; 2003:154). As relações de parentesco também são aspectos marcantes na criação dos vínculos que reforçam o sentimento de pertencimento mútuo na comunidade Boi Branco. Dona Josefa contando o número de parentes, irmãs, irmãos e sobrinhos que moravam na comunidade afirmou haver a presença de mais de dez familiares e esse número aumenta, segundo ela, se contando os que casaram depois de assentados e trouxeram seus parentes, formando suas próprias famílias nas terras dos pais. Segundo as pessoas que estavam envolvidas no processo de assentamento, o parentesco não era um critério para serem assentados, mas algumas famílias por inteiro estavam dentro dos parâmetros do INCRA por não terem propriedades, o que os permitiu serem todos assentados juntos, podendo cultivar juntos os terrenos. Há um conjunto de mais de dez residências vizinhas, no Boi Branco de Baixo, que é constituído só de irmãs/os, cunhados/as e filhos/as. Essa relação pode facilitar no cultivo da terra, como há notícias na comunidade de que um pai e um filho assentados tiveram seus lotes vizinhos, formando uma única propriedade. Apesar de estarem assentados pelo INCRA, a lógica de produção é constituída pelos laços familiares, uma

vez que é derrubando o arame e permitindo que os animais circulem nos territórios dos parentes para buscarem pasto livremente.

Neste caso, fica explícito que a relação que os familiares estabelecem entre si incide sobre a forma como a terra é trabalhada, posto que os filhos, quando estão assentados juntos com os pais, exploram a terra mediante subordinação ou relação com a autoridade patriarcal. Na maioria das vezes, as criações nos terrenos dos filhos pertencem aos pais, conforme demonstram os relatos etnográficos¹⁹. Vemos claramente que:

A família constitui sempre a unidade social de trabalho e de exploração da propriedade, sendo que os produtos, regra geral, satisfazem às necessidades essenciais da vida; as tarefas do trabalho se dividem entre todos os membros do grupo doméstico, em função das faculdades de cada um, formando assim uma equipe de trabalho. A família assegura a subsistência de todos os membros; a combinação família-empresa agrícola faz com que se estabeleça uma comunidade de posse e uma comunidade de trabalho, sob a autoridade de um membro, que é o pai de família (QUEIROZ; 1973: 18).

Com isso é formada uma unidade, interna na comunidade, que é regida pelos costumes tradicionais da relação patriarcal da família (WOLF; 1970). A família é uma unidade capsular dentro da comunidade, que é formada pelos laços sanguíneos dos núcleos produtores. Aspecto relevante neste contexto é que a produção, pelo menos na comunidade Boi Branco, não visa apenas obter lucros, através de vendas nos mercados externos à comunidade, mas o objetivo principal da produção é a manutenção e subsistência das famílias camponesas, tendo em vista que “economicamente, define-se pois o camponês pelo seu objetivo de plantar para o consumo” (QUEIROZ; 1973:30). Para os moradores da comunidade Boi Branco, o ideal é recorrer ao mercado para venderem aquilo que excede e comprarem apenas o que falta na produção para consumo. No entanto, os aposentados e os comerciantes recorrem com frequência aos mercados, principalmente, devido à escassez de chuvas que prejudica a produção. De maneira geral, o objetivo ideal é gerar na terra seu próprio sustento, é função do “pai de família” sustentar a casa e prestar assistências aos parentes, principalmente, quando este

¹⁹ Os camponeses da comunidade Boi Branco, embora sejam assentados do INCRA, têm a noção de família inserida dentro da lógica do campesinato. Como veremos no próximo capítulo a lógica de produção está fundamentada nessa ordem familiar.

adquire posses ou bens vindos da produção agropecuária e agrícola. Há casos na comunidade, que filhos trabalham para os pais mesmo depois de casados, de maiores e até alguns que dispõem de mais posses que o pai, isso demonstra como o parentesco é definido pela linhagem patrilateral, no qual há uma dependência, em relação à autoridade paterna, pelo menos a nível simbólico.

As relações de parentesco aqui se distinguem de outras comunidades agrárias, apenas por se tratar de um assentamento do INCRA. Assim, diferente das etnografias de Woortmann (1995), Godoi (1999) e Paiva (2008), neste caso não há laços sanguíneos que ligam os moradores a terra por herança. Com isso, podemos entender que o assentamento Boi Branco é um caso particular nos estudos de campesinato se entendermos como Paiva (2008:49) que “esses casos etnográficos (acima citados) guardam em comum a existência de um modelo ideal de endogamia, relacionada também à territorialidade”. O que faz do Boi Branco uma comunidade é a memória comum de luta pela terra; uma vez que assentados no mesmo território, estão sendo geridos juridicamente pelo mesmo órgão responsável. Entendo que a memória é elemento de construção da identidade, tal qual como compreende Michael Pollak (1992: 5), uma vez que os indivíduos a constroem num processo de pertencimento e seletividade, mediante as relações coletivas, portanto “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”. É com base na memória do grupo que são constituídas as relações entre os moradores, pois o motivo que os trouxe a essas terras são os mesmos que permitem viverem unidos, uma vez que cada um queria ter seu “pedaço de chão”.

É Pereira de Queiroz quem vai chamar atenção, para alguns aspectos sociais no campesinato brasileiro, buscando demonstrar que é possível pensar as populações rurais em sua integridade e no conjunto de relações que estas estabelecem entre si e perante a sociedade. Segundo ela:

Ninguém melhor do que Antonio Cândido descreveu suas condições específicas de existência. Mostrou Antonio Candido como era ilusória a primeira impressão de isolamento dos caipiras, morando cada família em suas terras; na verdade, estavam presos a uma organização de vizinhança, o “bairro rural”, de contornos suficientemente consistentes para dar aos habitantes a noção de lhes pertencer, e levando-os a distingui-lo dos demais bairros da zona; este sentimento

de localidade era primordial na vida caipira, determinando a configuração do grupo, tanto no espaço geográfico quanto no espaço social. Cada “bairro” se compunha de famílias conjugais autônomas, autárquicas, lavrando independentemente suas roças quando e como queriam, isto é, cada bairro se compunha de famílias de sitiantes, tais como os havia definido Nice Lecocp Müller; centralizado por uma capela e uma vendinha, servia este núcleo de centro de reunião para vizinhança dispersa. Configuração intermediária entre a família, de um lado, e de outro lado o arraial, ou vila, ou a cidadezinha, o bairro apresenta as formas mais elementares de sociabilidade da vida rústica. Relativamente autônomos não estão, no entanto, os bairros desgarrados uns dos outros; pelo contrário, congregam-se numa zona e conhecem que assim estão dispostos. Não estão, pois, isolados; integram em diferentes graus: *a*) relações dos bairros entre si; *b*) relações com a região; *c*) relações com o exterior (isto é, com tudo que ultrapasse a região) (QUEIROZ; 1973:12/3).

Essa forma de compreender as relações sociais no meio rural é boa para pensar as relações comunitárias na comunidade Boi Branco. Há assim uma integridade entre os moradores que correspondem às formas de relacionamentos que estes tecem consigo e com os outros, mediante suas identidades de assentados agrários. A condição de camponês não dispensa dos meios tecnológicos e modernos, pelo contrário, há reivindicações de melhores serviços na comunicação, na infraestrutura, nas prestações de serviços públicos, etc., demonstrando que os camponeses estão integrados entre si, partilhando, reagindo e experimentando da dinâmica do mundo global contemporâneo.

Em relação aos meios de comunicação que os nativos dispõem, não registrei nem uma residência com internet, embora alguns rapazes e moças tenham mencionado as redes sociais como facebook, msn e orkut. O acesso se dá na cidade de Iati, onde alguns estudam informática no colégio e, na cidade, visitam os cybers, onde pagam para acessar. Os celulares são um bem de consumo generalizado na comunidade, o que dificulta o uso desses aparelhos é a precariedade dos serviços prestados pelas empresas de telecomunicações que não colocaram antenas na região, assim o sinal é precário, mas funciona, se colocar o celular sob uma estaca ou perto do telhado em algumas casas, no demais é só contar com a sorte. Os televisores também estão presentes em quase todas as residências, exceto uma de uma senhora de 77 anos, que mora fora da comunidade, no lote do filho, onde não há eletricidade. Contei mais de 30 antenas parabólicas em cima das residências, sem falar em algumas que têm antenas de pequeno porte, chamada “pé de galinha”, que possibilita acesso aos programas de redes locais. Alguns nativos dizem não terem o hábito de assistirem TV, pois acordam cedo para realizarem suas

atividades diárias, por outro lado, ouvi algumas mulheres e crianças, dizendo que gostam de assistir, principalmente programas de entretenimentos e novelas. Os homens quando assistem, privilegiam os jornais informativos. Em relação aos rádios, não vi nenhuma residência que não estivessem presentes. É através deles que ouvem as notícias da região e ouvem as músicas nas rádios. Muito comum ainda é o uso dos CDs e DVDs, que as mulheres mais jovens dizem gostar. Isso tudo, segundo um nativo, só é possível graças “a santa energia”, se referindo ironicamente à eletricidade.

Os meios de transporte mais comuns na comunidade são as motocicletas, perguntados sobre qual era o transporte mais usado, uma mulher disse: “aqui tem mais moto do que gente”. Observei que há algumas casas que tem garagens para carros e contei pelo menos cinco automóveis populares de propriedade dos moradores. Conversando com o borracheiro, descobri que as motocicletas da comunidade e da região furam muito os pneus, inclusive a minha que furava sempre, principalmente nas horas de calor intenso, o que me fazia sair empurrando-a sob o sol até a borracharia. Por várias vezes, presenciei outras sendo concertadas, uma vez que o borracheiro revende peças e concerta pequenos defeitos, além de colar os pneus. Isso demonstra que o uso desse meio de transporte é muito comum, como presenciei crianças, mulheres, homens e adultos andando sob esse meio de transporte de duas rodas. Passam semanalmente também na comunidade, em dias de feiras na região, caminhões que transportam os feirantes.

Observei ao longo da pesquisa de campo que alguns moradores saiam da comunidade com frequência, em ocasiões de celebrações religiosas, atividades esportivas, como futebol que os homens praticam, mas saem, sobretudo, para negociar o gado e seus derivados. Os homens vendem e compram produtos agropecuários em várias feiras das cidades vizinhas, assim trazem informações e socializam conhecimentos, bens e serviços. Ao ouvir um morador chegando da feira de Águas Belas, pude perceber que há uma preocupação com os preços dos produtos que negociam e consomem, assim por mais de uma hora e meia ouvi falar da oscilação de preços do feijão, do gado, do queijo, da farinha e principalmente do farelo que estava, segundo ele, cada vez mais caro, devido à falta de chuvas e outros insumos agrícolas, dos quais não foi possível o cultivo, ao longo do ano de 2012.

Presenciei, por várias vezes, alguns nativos contando suas experiências em viagens para regiões distantes. Há moradores que já moraram em São Paulo-SP, Recife-PE, Maceió-AL, bem como em outros estados, como Maranhão, Pará e Bahia. Na maioria das vezes essas, viagens foram feitas em busca de trabalho, ou para fugirem das secas, levando o gado consigo, neste último caso, buscam lugares onde tenham oferta de água e pasto em abundância. Muitas vezes, não saíram de sua região, por esses motivos, é motivo de orgulho; tendo em vista, que seus meios econômicos possibilitaram resistir às secas. Por outro lado, as pessoas da comunidade procuram ter acesso a informações e trabalhos nas cidades da região, para ficarem perto de seus parentes. Há exemplos de moradores que têm irmãos empresários em Garanhuns, outro tem filhos que têm frota de micro-ônibus que carregam pessoas para São Paulo; segundo ele, esses automóveis foram comprados com dinheiro tirado do trabalho da terra, já na Comunidade Boi Branco. Alguns moradores trabalharam nas cidades vizinhas em diferentes atividades, dizem ainda terem oportunidades, mas preferem trabalhar na zona rural. Argumentam que pobre é pobre em qualquer lugar, logo é melhor estar nos sítios onde têm suas “raízes” e as amizades. O Sr. João, que tem aproximadamente 70 anos, disse que:

Conhecer o mundo é bom, ganhar dinheiro é bom, mas nem todo mundo nasceu pra ser empregado. *Aqui cada um é patrão de si, faço o que quero, na hora que quero, ninguém manda na gente!* Lá na rua tudo é comprado, água, papel higiênico, leite, tudo. Aqui não, você quer comer uma galinha é só pegar no poleiro (relato extraído do diário de campo, em fevereiro de 2012).

Dessa forma, o desejo de conquistar a terra e morar na comunidade é motivado por uma busca incessante por autonomia, onde não haja patrões, nem seja preciso ficar longe dos laços de amizade e parentesco. Por isso, tentam a todo instante melhorar as condições de trabalho na comunidade, reivindicando o acesso à tecnologia, infraestrutura e outros serviços públicos indispensáveis à sua qualidade de vida. Assim, podem usufruir de suas terras, ao mesmo tempo em que podem ter *dignidade* como seres humanos, que querem conhecer e experimentar do mundo, mas sem abrir mão de morar em seu lugar, junto com seus parentes e amigos, cada um sendo proprietário de seu “pedaço de chão”.

1.2.3 OS ASSENTADOS E A RELAÇÃO COM OS ÓRGÃOS DO GOVERNO

O Sr. Carlos ao receber o convite para retornar ao Boi Branco foi analisar onde estava situado e qual era a qualidade do lote. Avisando à sua esposa, percebeu nesta, indícios de felicidade. Para ela o Maranhão havia sido uma experiência não muito boa, devido ao clima, mais quente que o da região. Indo até o lote, Carlos gostou do terreno, mais ainda da localização da residência, que fica afastada do bloco de casas que compõem a comunidade, a única a ficar dentro do lote e não na vila, também a mais privilegiada segundo a opinião de vários moradores, por ficar nas margens do açude grande e em um alto que permite a ventilação, captação do vento, o que torna mais agradável o clima com a umidade e circulação do ar. Ele disse, por várias vezes, que só está hoje no Boi Branco por estar em um local privilegiado, pois estava muito revoltado com o resultado do assentamento, seja pela formatação das residências, pela forma como “os sem terras são vistos, como gente *cativo do governo e sem dignidade* e a própria forma como os órgãos da burocracia trata a gente, como *sub-humanos*, e a fraqueza de alguns assentados, que querem ser melhor que os outros”. Falou ainda que não é daqueles que acham que a reforma agrária é inviável, mas sabe que tem muita gente esperta querendo se dar bem, pegando terra sem partilhar da luta, adquirindo dinheiro de empréstimos sem restituir os cofres públicos e, principalmente, pessoas gerando confusão entre os assentados, em um trecho ele diz “aqui tem gente ruim, num pense que num tem não, mas a maioria tem dignidade. O que me deixa triste é que o que está em jogo não sou eu, ou fulano, é uma coletividade, mas alguns não veem assim, nem sabem o que é a luta”.

Com relação à forma como são tratados pelos órgãos do governo, assim como ele, muitos moradores reclamam dos problemas do assentamento. No que diz respeito à formatação das “vilas”, ouvi muitos depoimentos de que a melhor forma de organizar o assentamento seria fazer as residências nos lotes, ou seja, não juntar as pessoas em um conjunto de casas iguais. Sr. João ilustra bem este sentimento ao dizer que: “num é produção que os assentados querem, porque então jogar o povo, como se fosse massa de manobra, numa vila, onde entra gato e cachorro? O certo era as casas nos lotes, assim todo mundo iria ter mais espaço, só era fazer barragens em cada um, mas o governo quer é economizar”.

As queixas dos moradores se dão pela forma como são tratados pelo INCRA e pelo Instituto de Pesquisas Agrárias (IPA), assim como o IBAMA, que atuam prestando serviços na comunidade. Essas duas últimas instituições governamentais trabalharam juntas para demarcar as áreas de preservação ambiental. O IPA se articula ainda na comunidade pela distribuição de sementes e insumos agrícolas. Alguns moradores dizem que antes eram sujeitos aos patrões, agora devem resistir à forma como o governo os trata, pois são vistos pelos órgãos governamentais como “cativos do governo”, onde estão mendigando favor. Assim há uma busca por manter uma unidade política na comunidade, seja representativa ou coletiva, que desde o início tenta resolver e mediar conflitos, com a esfera pública que atua no assentamento.

Foi nesse contexto, de embate com os órgãos governamentais, que a comunidade fundou a Associação Comunitária Boi Branco. Organizada com presidência, secretária, tesouraria e associados que contribuem mensalmente com um valor simbólico para a manutenção desta, atualmente o valor é de R\$ 3,00, mas no início era bem menor. Com a associação foi mais fácil alocar e reivindicar recursos, bem como administrar e coordenar questões burocráticas relacionadas aos órgãos governamentais e demandas locais. Assim, houve ainda um investimento do INCRA de R\$ 1.100,00, que diferente de outros investimentos, esse era a fundo perdido, não se tratava de crédito, era destinada a compra de alimentos e animais que pudessem sustentar até que houvesse maior produção agrícola com a efetivação do assentamento. Com a Associação puderam administrar esse recurso, bem como passaram a reivindicar outros direitos que não seria possível sem estarem organizados.

Ao longo das falas, é recorrente os nativos remeterem as tensões das demandas da comunidade e os órgãos do governo. Como antes os moradores tentavam conquistar a terra para obter autonomia, agora buscam autonomia em relação às instituições governamentais, pois não querem ser cativos do governo. A associação está no centro desta tensão, pois é ela quem legalmente representa os moradores, representam seus interesses, mas também pode ser para eles uma legítima representante da burocracia, por ser porta voz de um discurso legalista, que tenta cumprir leis e resolver conflitos e recomendações dos órgãos externos. Soma-se a isto o processo de eleição para presidente desta associação, que para alguns moradores serve para legitimar a

confirmação de algumas pessoas como autoridades. As eleições ocorrem a cada dois anos, exceto este último mandato que não houve eleição, por haver unanimidade quanto a permanência do atual presidente Suelder, que está no cargo desde 2010 e não houve ninguém para substituí-lo.

Visitando alguns lotes, percebe-se que os moradores, por conta própria, tentam realizar seus desejos de estarem morando em seus lotes. Estes constroem casas em suas áreas cultiváveis onde passam o dia. Existem pessoas que moram nos lotes e deixaram a casa da vila para familiares. Teve um caso de uma senhora, de 77 anos de idade, que fez duas casas de taipa no lote do filho, uma para ela e outra para uma filha. Perguntada se fez parte do processo de assentamento ela afirmou que não, mas seu filho sim. Só depois que este conquistou o lote é que foi atrás dela que “viviam perambulando no Brejo Velho”, distrito do município de Paranatama. A ventilação dava a sensação de um oásis no deserto, motivo pelo qual a casa foi construída no lugar mais alto do terreno, “longe da zuada, que o cabra quando vai ficando velho só quer é sossego”. Nesta casa ela construiu um altar com várias imagens e estátuas de santos, tais como: Nossa Senhora, Frei Damião, Padrinho Cícero Romão, etc.. Cozinhando com lenha e sem energia, ela só tem por companhia um rádio de pilha, quando este funciona ou tem “carrego”. Ainda desfruta, esporadicamente, da visita de seu filho quando dorme algumas noites com ela e das visitas frequentes de suas netas, o que a faz não se sentir sozinha: “deixe eu aqui com meus santos e meus bichos, aqui ninguém bole com a gente”.

O Sr. Emanuel me convidou para visitá-lo no lote, chegando lá pela manhã, ele estava com sua esposa, genro e filha, todos trabalhando na roça com enxadas. Arrancando o mato me falava da seca, da praga de cochonilha na palma e do gado que estava com sede. Acompanhei-o no momento de dar água ao gado, chamando-me para experimentar da água fresca que amenizou o calor. E me leva até uma casinha que construiu perto de seu curral no lote. Lá guarda suas ferramentas e ração para o gado, diz que só não mora ali porque a mulher não gosta. Mas “ali na sombra, com o pote de água é onde mora o sossego”, se não fosse a ausência de barragem em seu lote e a praga da palma “era um homem rico”, complementa. Ele deixa ali uma cama, onde tira uma soneca toda tarde, enquanto escuta o chocalho do seu gado batendo. Tudo isso é para ele o que sempre sonhou. Já tentou construir duas barragens com seu próprio dinheiro, mas

a chuva levou por duas vezes, por este motivo o encontrei várias vezes carregando água numa carroça com um jumento para dar ao gado. Agora tenta reivindicar, junto com os demais moradores, recursos para construir novamente, agora junto com a Associação Boi Branco, pois se trata de um desejo comum dos moradores conquistarem este objetivo.

Uma informação que obtive na pesquisa de campo é que este assentamento, além de ser pioneiro na região, é tido como exemplar, uma espécie de modelo a ser seguido quando se trata de organização por parte dos moradores e por ter baixos índices de inadimplências, para com as instituições financiadoras. Para algumas pessoas religiosas da comunidade, é a unidade na religião que é o diferencial da comunidade, pois o que os uniu desde os primeiros tempos foram as CEBs e a fé do povo. A promessa feita para com Nossa Senhora das Dores, de construção de uma igreja, para conquista da terra, as rezas nos momentos de aflição, isso faz com que a comunidade tenha uma singularidade, de ser formada por pessoas que professam o mesmo credo e têm trajetórias comuns de luta pela terra. Muitos religiosos dizem que a presença dos padres orientando no início, foi imprescindível para manter a ordem, unidade e respeitabilidade.

Outro discurso enfatiza critérios políticos e administrativos, diante da singularidade do assentamento Boi Branco, como exemplar, tendo por referência os cumprimentos dos prazos designados pelo INCRA, para construção das casas, pagamentos de débitos da associação dentro dos prazos, bem como o respeito às normas de preservação das reservas ambientais. Esses critérios, desde o início, vêm sendo cumprido com rigor e fiscalização das diferentes gestões da associação. O primeiro discurso é recorrentemente acionado nos depoimentos das pessoas religiosas que fizeram parte da luta pela terra, tais como aquelas ligadas as CEBs e que como outras pessoas realizam atualmente atividades religiosas. Já o segundo discurso é recorrente àquelas pessoas mais ligadas a esferas políticas e administrativas, gente que desde o início estiveram mais ligadas ao sindicato e compõem um conjunto de pessoas com forte atuação política dentro e fora da comunidade.

O que é comum nas conversas referentes ao início do assentamento é o sentimento de que era a busca por dignidade que unia e movia o grupo diante dos

desafios. É essa unidade que, segundo alguns moradores, tentam de alguma maneira buscar, manter ou reformular nos dias atuais. Chega a ser emocionante ouvir falarem de como foi sofrido, perigoso e ao mesmo tempo inovador a ideia de fazer uma experiência de reforma agrária no sertão. É assim que recorrem à memória, com nostalgia e sentimento de superação. Nostalgia dos sentimentos vividos, da união, dos festejos na comunidade, que para muitos eram mais animados quando eram todos juntos ao longo da luta, das primeiras celebrações religiosas e até mesmo os medos, que os tornavam mais companheiros como nos informa uma nativa: “num pense que estamos aqui sem derramar sangue não, não morreu nenhum de nós, mas perdemos amigos que sumiram e ninguém sabe de nada, por causa da luta, aqui num aconteceu nada por um milagre e porque éramos unidos, todo mundo amigo e juntos aí ninguém tinha coragem de meter a cara²⁰”.

O sentimento de superação está presente quanto à conquista da terra, que representa dignidade. Ou seja, superação de uma situação de dependência para com os vínculos de empregado/patrão, pois para os moradores só há *dignidade* quando o *Ser Humano* tem *autonomia*, não estando sujeito às precárias condições de subordinação dos vínculos empregatícios dos fazendeiros. Nesse sentido uma série de falas nativas

²⁰ Uma das maiores preocupações dos nativos ao longo do assentamento era em relação à água, pois para eles “água é vida”. Nisso parece não haver muitas queixas, pois o INCRA fez o açude grande que fornece água para o gado, e a Prefeitura de Iati, desde o início do assentamento, fornece água para consumo humano. A comunidade atualmente possui um chamariz que traz água para consumo doméstico que provem do município de Paranatama. Essa água encanada percorre uma distância de mais de 30 km. No início, a dificuldade por água foi extrema. Segundo depoimentos, houve até gente que passou mal no calor, embaixo das casas de lona, sem água e com sede. No ano do assentamento, os nativos estavam enfrentando uma seca extrema e não havia água nas barragens da fazenda. O jeito foi reivindicar água às autoridades dos respectivos municípios de Águas Belas e Iati, que embora a fazenda esteja situada em seus territórios, foi a Prefeitura deste último quem prestou mais assistência nestas ocasiões de calamidades. O fato da Prefeitura de Iati ter prestado assistência nessa ocasião, faz com que ainda hoje os moradores tenham preferência em manter relações com os órgãos públicos deste município, embora no início do assentamento, tenha sido o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Águas Belas quem tenha tomado iniciativas quanto aos procedimentos jurídicos junto ao INCRA. Desde o início do assentamento, foi estabelecido uma forte articulação dos moradores com a igreja católica da cidade de Iati. O padre Jorge, que estava celebrando nesta cidade na época, foi procurado por uma moradora para socorrer a população do Boi Branco. Segundo uma informante, a água que tinha para beber “era uma gorda de lama, gente chorando com sede, em nenhum lugar havia água, nem nas cisternas dos fazendeiros. As crianças eram quem primeiro chorava, não era nem sede ainda, era calor. O pior de tudo era os bichinhos brutos, a gente se vira, mas eles nem falam”. Esta senhora diz ter saído a pé, disse a todos, no pingo do meio dia “nem que seja no fim do mundo, hoje eu encontro água”. Chegando a Iati correu para a Igreja onde viu o padre e o contou a situação que estava passando. O desespero deste foi tanto que saiu correndo. Quando ele chegou suado na Prefeitura foi que se lembrou do carro. A água chegou à comunidade a noite para alegria dos moradores.

representa bem esta situação. Vejamos uma fala que retrata bem esse aspecto e se refere ao momento anterior ao assentamento: “três coisa temos por certo aqui, a seca, a fome e a morte; por nós, só Deus, você pensa que tem patrão bom! É? Pensa que o céu é perto? Se há seca, o cinturão aperta é pra gente²¹”.

Assim é concebida pelos moradores a história da comunidade Boi Branco, com suas tensões e contradições. Constituída de conflitos internos e externos, mas como uma unidade sociocultural, formando a identidade coletiva dos nativos, baseada na memória de luta pela terra. Entendo a memória aqui no sentido empregado por Edwin B. Reesink (1999: 59), quando diz que ela é “mescla do passado, presente e futuro, enquanto a sua forma determina uma conjunção do individual e coletivo, mistura o instrumental e sentimental, e é viva e vivida”. É através desta que há representação e é mantida a chama viva de luta pela terra, fundamentando assim os discursos na comunidade e reforçando os laços sociais na atualidade. Para alguns moradores, a memória da luta pela terra é uma prova viva de um “milagre”, pois só um milagre possibilitou a realização do sonho de conquistar a terra e proporcionar uma experiência de reforma agrária em plena região de semiárido nordestino.

Temos aqui um aspecto diacrônico quando apontamos para a memória do grupo para compreender as trajetórias e experiências vividas. O aspecto sincrônico aparece quando buscamos entender as relações e laços sociais que estão sendo vividos, que embora situados e sendo parte integrante dessa memória coletiva é sempre contemporânea. Aqui, entendo como alguns nativos colocam que o processo de assentamento foi uma escolha, marcada por resistência e luta ligada a relação de pertencimento com a identidade camponesa. Diferente de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973), não acredito que os camponeses estejam em “situação de dependência na hierarquia social”, mas estão situados em meio às múltiplas relações sociais de poder, lutando por autonomia nas relações de trabalho, pois foi esse um dos objetivos para conquistar a terra.

²¹ Fala registrada no mês de julho de 2011, nesse momento, o informante estava sendo perguntado como era a situação antes de morarem na comunidade.

No campesinato, há vários tipos de camponeses, com múltiplas identidades e trajetórias diferentes e se os aqui citados uniram-se para resistir às condições sociais que se encontravam, é por uma escolha política ligada aos valores que tem em relação à concepção de ser humano, pois para eles a ideia de *pessoa* humana, no sentido maussiano (MAUSS; 2003), está ligada à condição de *liberdade e insubordinação*. O autor Otávio Velho (1978: 284) aponta para uma busca incessante de autonomia no campesinato brasileiro, concebendo os camponeses como “uma pequena burguesia”, no sentido em que tentam romper com os vínculos de apadrinhamento que se estabelecem no modo de produção do campo. Na comunidade Boi Branco, os moradores dizem terem aderido à luta pela terra por que: “*resolvemos ser donos de si mesmos*”. Com isso a conquista da terra é a possibilidade de viverem plenamente como seres humanos, realizados, porque para eles Deus não criou os homens para serem cativos e só na terra podem viver com autonomia e usufruir plenamente da condição humana de camponeses²².

²² A categoria de autonomia é problematizada por diferentes correntes teóricas na contemporaneidade, para enfatizar o poder de agenciamento dos indivíduos. Como, por exemplo, Paul Kockelman (2007), que problematiza o agenciamento dos indivíduos, enfatizando o poder de representação e escolha que esses têm diante das relações de poder que ocorrem na sociedade. Outra perspectiva é sugerida por Keane **Webb** (2007), que pretende realizar “A História do Agenciamento”, partindo da teologia e da moral cristã, para entender como são construídas as relações entre a tradição ocidental (cristã) e as tradições locais (alteridades) que são trazidas pelos relatos etnográficos. No entanto, aqui nesta dissertação foram utilizadas as próprias categorias nativas, para compreender como são construídas as relações de agenciamento, a partir dos termos ênicos. Então, se alternam ao longo do texto as categorias de autonomia e “ser dono de si”, que demonstram serem sinônimas já que tratam do poder de agenciamento dos nativos.

SEGUNDO CAPÍTULO

2. AÇÕES PARA SER GENTE: A DIMENSÃO POLÍTICA E RELIGIOSA

Neste capítulo, pretendo discutir quais os processos e as estratégias desenvolvidas pelos então sem-terra para atingir o seu objetivo de conquistar a posse da terra e, com isto, ter a sua dignidade, *ser dono de si*. Nesse processo, dois agentes institucionais atuaram lado a lado aos moradores da futura Comunidade Boi Branco: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Águas Belas e as Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica. Dessa forma, foi na articulação dessas duas dimensões, a política e a religiosa, que os moradores encontraram os meios políticos-jurídicos e justificação cosmológica para a sua luta pela posse da terra, desenvolvendo articuladamente o que chamo de *ação político-sindical* e de *ação político-religiosa*.

Por *ação político-sindical*, é possível entender o conjunto de ações racionais e legais, no sentido weberiano (WEBER, 2005), que representa a classe e as causas sociais dos trabalhadores rurais sindicalizados, que visam em seu fim último reivindicarem demandas em relação à esfera político-social do Estado, para melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Por sua vez a *ação político-religiosa* se constitui por um conjunto de crenças, valores e práticas, que em determinados contextos, podem visar alcançar finalidades objetivas. Essas últimas ações podem operar em dois sentidos: através das crenças e rituais que acabam reforçando os laços sociais entre os indivíduos; bem como pode constituir um conjunto de valores que motiva a lutar por um determinado fim.

Discutirei, primeiramente, o papel do Sindicato dos Trabalhadores Rurais na relação com o movimento desses sem-terra: o sindicato é, por excelência, um espaço de ação política. O que o caracteriza como um órgão laico, onde acima das crenças religiosas prevalecem os interesses de classe, e é a partir dessa perspectiva que a conquista da terra é agenciada. Em seguida, refletirei sobre o papel da CEBs, na medida em que o sindicato se constituía como espaço laico de luta política, esta se constituía

como lugar privilegiado para ação religiosa, baseada em valores fundamentados na cosmologia católico-cristã.

O argumento lançado aqui é o de que essas duas dimensões são articuladas de maneira complementar: os discursos laico político e o religioso são claramente distintos dentro da comunidade, no entanto, os dois ainda fornecem o sentido pelos quais os moradores fundamentam seus comportamentos éticos e constituem a vida em sociedade. Para demonstrar isto, descreverei os contextos da realização de uma promessa a Nossa Senhora das Dores através da construção de uma capela, como agradecimento pela conquista, e os desafios que o cumprimento dessa promessa coloca aos moradores. Por fim, descreverei as ações políticas, religiosas e cotidianas na realidade pós-assentamento da comunidade.

2.1. AÇÕES POLÍTICAS SINDICAIS NO PROCESSO DE ASSENTAMENTO

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Águas Belas se constituiu como um agente imprescindível para a realização do assentamento Boi Branco, enquanto espaço de articulação das ações políticas dos sem terras. Segundo os moradores, no processo de assentamento, o sindicato foi um espaço privilegiado, pois era onde se articulavam entre si e podiam dialogar com os membros do INCRA sem interferência dos fazendeiros. A unidade política se formou entre os sem terras quando começaram a reivindicar assistências governamentais nos períodos de secas. Posteriormente a esse período, perceberam que poderiam também se unir para realizarem o sonho de conquistar a terra, daí passaram a frequentar o sindicato com o intuito de arranjar meios para concretizar este objetivo.

A maioria das pessoas associadas a este sindicato tem em comum, além do fato de serem trabalhadores rurais, o interesse por benefícios de órgãos governamentais, tais como as aposentadorias e assistências nos períodos de seca na região. Ser associado ao sindicato é elemento essencial para comprovar a condição de agricultor e garantir

direitos. Dessa forma, o sindicato sempre se constituiu como um agenciador das demandas dos trabalhadores em relação às políticas de Estado.

Os sindicatos rurais começaram a surgir no cenário nacional ainda no período do Estado Novo, mas só passaram a se expandir depois da década de 50, como aponta Sabourin (2002: 73),

A história da organização sindical dos trabalhadores rurais no Brasil se inicia em 1933, com a criação do primeiro sindicato em Campos/RJ (Pascoalotto-Hachbart, 1989). Porém a mobilização no campo apenas se expandiu após a Segunda Guerra Mundial, intensificando-se a partir da década de 1950. Neste período, as principais formas de organização eram as ligas camponesas, associações de classe e sindicatos de trabalhadores rurais, difundidos principalmente a partir de variadas organizações políticas e/ou ligadas à igreja católica.

O sindicato de Águas Belas também esteve ligado à igreja católica em sua fundação, que data do período de abertura política da década de 80, no mesmo contexto da atuação de alguns membros das CEBs nesta região. As ações sindicais para garantir assistência governamental, assim como para reivindicar a terra, se intensificaram neste município logo após o fim da ditadura militar no Brasil, ainda no governo do Presidente Sarney.²³ No entanto, muitas foram às lutas e poucas as conquistas, pois só conseguiram concretizar seus principais objetivos depois de algum tempo que foi consolidada a Constituição de 1988, que segundo os moradores da comunidade Boi Branco, é resultado de um processo de luta e sofrimento muito intenso. Dessa forma, para os sindicalistas o Estado ao consolidar os direitos individuais nessa Constituição “não está dando benefícios nem favores, mas reconhecendo uma dívida, pois se é direito é porque foi conquistado com suor e sangue...” (Fala de Calos, registrada em 07/02/2011).

Na década de 90, dois períodos de secas marcaram profundamente a vida dos moradores do semi-árido nordestino, no município de Águas Belas um conjunto de trabalhadores rurais se uniu para reivindicar acesso à água e a comida, que eram escassas. Na memória dos nativos, a seca de 1992 foi marcada por fome e grande êxodo rural. Então os sindicalistas e trabalhadores rurais junto com membros das CEBs,

²³ O processo de reivindicação pela reforma agrária nos municípios de Águas Belas e Iati teve como característica a participação de sindicatos rurais, das CEBs e de militantes políticos, sobretudo da esquerda, que se diziam militantes do Partido dos Trabalhadores.

resolveram em uma ocasião bloquear a BR 423, este ato, no entanto, não chegou a se concretizar de fato, pois os representantes do INCRA e da Secretaria de Desenvolvimento do Estado, logo vieram dialogar com os trabalhadores rurais. Algumas reivindicações foram atendidas imediatamente e o exército trouxe alguns caminhões de alimentos para distribuir à população, que recebeu a mercadoria conforme a organização feita pelo sindicato, que distribuía de acordo com a lista dos associados.

Esse fato foi mais uma prova de que a força sindical poderia conquistar e garantir direitos dos trabalhadores por meio da unidade política. Com isso, o então presidente do sindicato, Sr. Manuel, percebeu que entre os trabalhadores rurais havia mais que a necessidade de lutar por assistências imediatistas. Os motivos pelos quais lutavam, estava relacionado ao fato de serem trabalhadores rurais e não disporem de terra para trabalhar. Nessa direção, quando o período de seca passou, os trabalhadores rurais permaneceram unidos e entenderam que agora era hora de lutar por dignidade e liberdade. Assim surge a unidade política para lutar pela terra e realizar o sonho da reforma agrária, pois a terra seria o único meio pelo qual conquistariam a dignidade e a autonomia tão sonhada.

Esse era um desejo unânime entre os trabalhadores, no entanto, a ideia de reivindicar a terra nessa região era algo desafiador, pois além de algo pioneiro, trazia consigo o risco dos sem terras sofrerem perseguições, tal como os sindicalistas sofriam ao serem perseguidos e ameaçados de morte por fazendeiros e políticos da região, conforme deixam claros vários informantes da pesquisa. O fato é que as lideranças sindicais perceberam que o desejo de obter a terra era comum a muitos trabalhadores rurais da região, então o Presidente do Sindicato desafiou-os para arranjar um lugar apropriado para que pudessem realizar a desapropriação e formarem um assentamento. Foi aí que o Sr. Carlos procurou saber o estado que se encontrava a fazenda Boi Branco. Ao descobrir que havia possibilidade de ocupação, diante da constatação da improdutividade, as lideranças sindicais passaram a somar esforços para realizar o processo de ocupação e regularizar a apropriação com o INCRA que teria que indenizar o antigo proprietário e empreender o assentamento, tal qual como ocorreu.

As ações sindicais possibilitaram aos trabalhadores rurais realizarem um desejo que era antigo entre eles, que era de conquistarem a terra para poderem enfrentar os

períodos de secas sem terem que saírem a vagar por terras estranhas, sobretudo nas regiões sul do estado ou sudeste do país, onde iriam procurar emprego remunerado para poderem sustentar a família. Os regimes de secas impunham o dilema entre o *cativeiro* e o *meio do mundo*, uma vez que tinham que escolher se iram vagar por terras estranhas ou trabalhar para os fazendeiros, com péssimas condições e baixa remuneração, já que as secas prejudicavam a produção. Segundo Scott:

O “cativeiro” e o “meio do mundo” são duas opções domésticas entre as quais agricultores e trabalhadores rurais nordestinos se articulam historicamente. Como “cativos”, colocam o seu trabalho à disposição de empregadores locais em troca do salário e de alguns “favores”. Como viajantes “no meio do mundo”, são móveis e disponíveis a empregadores em áreas mais dinâmicas, cada vez mais separadas das suas casas de origem (2009; p. 246).

As duas opções de escolha diante desta realidade não permitiam aos moradores terem *dignidade*, uma vez que, de maneira geral, o trabalhador estaria perdendo sua liberdade, diante do cativeiro ou tendo que deixar sua família. Para fugir dessas condições e desse dilema, os sem terras buscaram o apoio de diferentes organizações e articulações políticas. Segundo os moradores, havia entre eles uma relação de pertencimento para com a terra, pois entendiam que só através da conquista do “pedaço de chão” iriam poder criar seus filhos diferentes de como foram criados, como cativos de fazendeiros ou vagando pelo meio do mundo. Foi com esse intuito que procuraram os agentes sindicais, para que contribuíssem para superação dessas condições. Embora soubessem que o sindicato não contava com apoio das lideranças políticas locais, sabiam que havia uma articulação deste com outras lideranças políticas, como alguns padres e líderes políticos de esquerda de outros municípios, como Recife, Garanhuns e até de outros Estados, que poderiam ajudar no processo de reforma agrária na região. Os moradores dizem que com o apoio desses segmentos políticos perceberam que não estavam sozinhos e agora seriam capazes de qualquer coisa para conquistar a terra.

No processo de assentamento, o sindicato se encarregou da parte mais burocrática, enquanto os membros das CEBs traziam alimentação e alguns militantes políticos conversavam com os sem terras para pensar a forma de organização na vida comunitária. O sindicato de Águas Belas não foi o único que esteve presente, os presidentes sindicais de Paratama e Salóá também apoiaram a iniciativa e

frequentavam constantemente o assentamento, juntos com membros da Federação dos Trabalhadores Agrários de Pernambuco (FETAPE). Sempre que compareciam ao assentamento traziam consigo bandeiras vermelhas que tinham o nome da FETAPE ou de algum partido de esquerda. Segundo alguns, essas bandeiras vermelhas foram encaradas pelos fazendeiros da região como sinônimo de “revolta comunista”. Por isso, os fazendeiros não apoiavam este assentamento e faziam campanha contrária, impedindo inclusive que muitos de seus trabalhadores braçais, que em sua maioria também eram sem terras, não participassem deste assentamento nem o apoiasse. Então muitos trabalhadores tiveram que escolher entre o emprego que os sustentavam e o sonho de conquistar a terra para obter a liberdade.

O fato é que cinquenta famílias escolheram lutar pela terra e empreender o assentamento. Os membros dessas famílias dizem que eram encorajadas pela forma como os padres e sindicalistas conduziam a luta, como deixa claro a fala de Sr. Zé Pequeno:

Olhe, tem muita gente ruim nesse mundo, não pense que sem terra são todos bons, que não são. Mas está se vendo que aqui tem muita gente de bem. Nós só viemos pra cá porque vimos gente como Carlos e Dona Quitéria no meio. O Sr. Mané quando era presidente também era gente boa. Se fosse pra formar a vila com munição, nós não vinha não. Só viemos porque vimos que dava gosto ver os padres e aquele povo trabalhando aqui. Chega dava gosto ver o povo unido... (Registrado no diário de campo em 03/02/2012).

É comum falarem da época de luta pela terra com certa nostalgia, o que deixa claro que valeu a pena passar por esse processo para conquistar a autonomia. Nos dias atuais, é comum ouvir os moradores contarem como foi o início do assentamento e um elemento se destaca: a politização das pessoas que participaram desses momentos. Nessa direção fundamentam a visão da terra como um direito, que é garantido por lei. Estavam lutando pela reforma agrária para fazerem cumprir esse direito conquistado que, no entanto, é negado por aqueles que detêm o poder, por isso a necessidade de recorrerem aos órgãos do Estado para fazer cumprir a lei.

Então os assentados recorriam às forças sindicais constantemente em duas direções diferentes, para fazer cumprir os direitos garantidos por leis e ao mesmo tempo para não deixarem os órgãos governamentais os oprimir com políticas públicas que

delimitava direitos. Embora recorressem em diferentes dimensões ao sindicato o objetivo era o mesmo, pois assim como não queriam ser cativos dos fazendeiros, também não queriam ser do governo, porque assim como a lei pode garantir o acesso à terra, acaba por os oprimir ao tirar a autonomia diante da forma como o INCRA conduz a política de assentamento, como vimos acima. Foi com esse caráter de se manterem autônomos que recorreram ao sindicato e formaram a Associação Comunitária.

Esses atos dão conta de uma visão política de mundo. O que impressiona na comunidade é ouvir as pessoas afirmarem ser analfabetas e ao mesmo tempo citar ao longo de suas falas trechos da Constituição ou alguns de seus artigos. Normalmente, os moradores recorrem às leis para reforçar a ideia de que os homens são livres entre si e a lei serve para garantir essa liberdade, pois compreendem que a condição para ser humano é manter a liberdade e a dignidade. É de acordo com essa cosmovisão que os homens devem viver e se relacionar. Isso implica dizer que a luta social dos assentados da comunidade Boi Branco tem como objetivo lutar contra as desigualdades do mundo, conforme afirmam várias pessoas associadas ao sindicato, porque as injustiças sociais ferem o princípio de autonomia entre os homens.

As ações sindicais devem ser encaradas nesse sentido, como um meio para lutar por uma causa, que é fazer valer o direito à autonomia dos trabalhadores. Isso fica claro quando o Sr. Carlo fala da relação com o sindicato:

Nós pagávamos o sindicato, mas agora não precisa mais não. O sindicato serviu quando era no início, mas agora nós podemos ser filiados a qualquer sindicato, seja de Águas Belas ou de Iati, porque o serviço que o sindicato de Mané fazia quem faz agora é a Associação, que vem funcionando regularizada desde quando o assentamento foi fundado. E se algum morador quiser se aposentar pelo FUNRURAL é só dizer que é assentado do INCRA. Nós devemos favor ao sindicato porque foi através dele que nós nos juntamos para ter nosso pedaço de chão, mas ninguém tem que viver preso a ele não, nem Mané quer isso, o que o povo não entende é que agora tem que pagar o dinheiro da Associação, que é quem luta pra trazer ganhos pra nós. (Fala de Carlos, registrada no mês de março de 2012).

Ao conceber o sindicato desta maneira estão lhe atribuindo um caráter prático. Nesse sentido, ele representaria uma ação praxiológica de uma classe social, funcionando como um agente que visa constituir um conjunto de ações políticas para alcançar um determinado fim, formando uma unidade de classe que é negociada pelos

agentes destas ações sociais, porque alcançados os fins, a ligação com o sindicato pode ser repensada. Isso ocorre porque a ação política não é exclusividade do sindicato, mas esse se constitui espaço de prática política organizado no Estado Civil de Direito. Isso fica claro na comunidade Boi Branco porque os moradores recorreram ao sindicato para objetivar a terra, assim como recorreram as CEBs, porque entendiam que como filhos de Deus não podiam viver nas condições que se encontravam. Logo, esses dois órgãos funcionaram como agenciadores das ações políticas, mas os valores que fundamentam visão sobre a terra estão fundamentados na cosmologia religiosa dos moradores, como veremos em seguida.

A atuação sindical é parte da vida política dos assentados, que é intensa. É comum ouvir os nativos da comunidade Boi Branco discutindo os cenários políticos. Em relação à política no âmbito nacional o que mais chama atenção é a recorrência de discursos que demonstram preocupações com as questões sociais e reivindicações de políticas públicas para com as minorias e os excluídos. Assim, para eles “qualquer cidadão de bem ou que passa necessidade deve ser assistido pelo governo, com políticas públicas e o Estado deve se fazer presente” (Fala de Carlos). Assim, do ponto de vista partidário, o debate para alguns moradores está centrado em duas tendências políticas: a esquerda e a direita. Os militantes da reforma agrária, segundo a orientação do sindicato, devem se posicionar em favor da esquerda. É daí que alguns nativos se filiaram ao PT e falam constantemente com orgulho sobre as políticas administrativas dos governos Lula e o de Dilma, muito embora haja muitas críticas e insatisfações, sobretudo, em relação ao que chamam de “governo populista”, “assistencialista”, “padrasto dos pobres e mãe dos ricos”, etc.. Para muitos, a atuação política não se reduz ao ato de votar, tem que haver militância, reivindicação e articulação para intensificarem a luta contra “o conservadorismo”, “a elite”, “os banqueiros”, “a corrupção”, etc..

Tratando-se da política local, o Sr. Manuel, de 64 anos de idade, alerta que: “ninguém têm o direito de indicar candidato não, a associação é um órgão político, que depende de políticos, mas ela não é partidária. Os candidatos vão nos procurar, é ano político, mas o povo é livre.” Com isso, subentende-se que não deve haver uso da Associação para favorecer os candidatos da política local. Segundo os moradores, em

épocas de eleição para a Presidência da Associação há interferência de lideranças políticas do município de Iati, mas o grande embate é interno, uma vez que as candidaturas são montadas a partir de lideranças locais que pretendem pleitear o cargo. Ultimamente, como vimos acima, não têm ocorrido disputas nesse sentido, mas as lideranças se articulam e disputam entre si as estratégias de investimentos nas reuniões mensais da Associação Comunitária.

Isso acontece porque para os moradores da comunidade a Associação Comunitária foi criada com o intuito de fortalecer os moradores entre si, dando-lhes unidade política e representação jurídica para atuar politicamente, tal qual o sindicato anteriormente, para não serem cativos dos fazendeiros nem dos órgãos do governo. Os moradores da comunidade Boi Branco temiam ficarem cativos do governo depois de assentados como ocorreu no engenho Bueiro Velho, na zona da mata sul de pernambucana, onde ocorreu uma experiência de reforma agrária, mas o INCRA ao financiar exclusivamente um único produto (a cana de açúcar) acabou por prejudicar a qualidade de vida da população (SCOTT; 2009). Segundo Sabourin:

A maioria das associações nasceu da conjunção de três fatores: a) a necessidade para as comunidades de dotar-se de representações jurídicas; b) a intervenção de atores externos: Igreja, ONGs, extensão, projetos públicos; c) a existência de ajudas e financiamentos públicos reservados a projetos associativos ou comunitários, geralmente com uma finalidade produtiva. (Idem; 1999, p. 45)

No Boi Branco, a influência externa para sua formação vem pela formação sindical, quanto a financiamentos externos diz respeito às políticas públicas de Estado, como em relação ao INCRA e o IPA. Assim os moradores se valem da Associação para reivindicar e administrar as políticas públicas desses órgãos governamentais. Nesse sentido ocorrem sutis disputas políticas internas na comunidade referente às estratégias da Associação, como, por exemplo, a escolha dos trabalhadores que irão executar as tarefas dirigidas por ela nas construções de barragens e cercas, bem como a própria escolha de onde será construída a barragem do INCRA poderá favorecer ou prejudicar alguns moradores. Quando visitei a comunidade, para realizar esta pesquisa, havia uma disputa quanto à construção de uma barragem subterrânea, para alguns moradores se tratava de “uma obra errada do governo que não sabe gastar”, mas de fundamental importância para outros. O presidente da associação, Suelder, decidiu que tal barragem

deveria ser construída dentro do rio, na área coletiva, o lugar era estratégico, pois fica no centro dos terrenos, para não favorecer a nenhum dos moradores em especial, como ocorreu com outros açudes de pequenos portes construídos anteriormente. Esse procedimento repete o mesmo tomado no início do assentamento, uma vez que o açude que abastece a comunidade também foi construído no centro dos terrenos, para não gerar descontentamento entre os moradores. Com essas construções foram gerados empregos na comunidade, bem como gerados recursos, uma vez que os órgãos públicos pagam em média mais caro que os fazendeiros da região. Esses trabalhadores são indicados pelas lideranças comunitárias, mas em geral chega a faltar mão de obra para tais tarefas, uma vez que os moradores têm demandas próprias referentes às suas criações.

Para alguns moradores, ser presidente da associação ou líder político na comunidade é tarefa muito difícil. Pois são eles que respondem juridicamente por este órgão, podendo ser prejudicados economicamente, uma vez que não há remuneração para tais cargos. O ex-presidente da associação, Sr. Sebastião, disse que foi impedido de realizar empréstimos, logo depois de sair do cargo administrativo, uma vez que teve que assinar alguns cheques e promissórias em nome da associação, com o não pagamento, seu nome foi parar nos cadastros dos inadimplentes. Para ele, também é tarefa difícil organizar e resolver questões comunitárias, como confusões e brigas entre vizinhos.

É comum ocorrerem disputas e questões ligadas à vizinhança, referente a criações de animais e às roças. Em uma ocasião, presenciei uma discussão entre duas senhoras. Tratava-se de uma vaca que invadiu a roça de uma delas. A que teve a roça invadida queria que a outra pagasse o prejuízo, a roça de palma foi devastada. A outra senhora dizia não poder pagar, nem ter obrigação, uma vez que a vaca não era sua, pertencia a seu sobrinho, além disso, a vaca só invadiu pelo fato de alguém ter deixado a porteira aberta. A dona da roça fazia questão de receber, ficando as duas nervosas diante do presidente da associação, que resolveu ir olhar o estrago para tomar providência. Este resolveu que a mulher que teve a roça invadida deveria receber pelo prejuízo, caso a outra não pagasse a vaca deveria ser vendida para desconto da despesa.

Esse fato chamou atenção da comunidade e a minha mais ainda quando fiquei sabendo que se tratava de duas irmãs e que a vaca era de um sobrinho das duas, as

mesmas eram vizinhas de território e não havia disputas ou intrigas entre elas. Para tais mulheres esta era uma questão que diz respeito à comunidade, logo deveria ser resolvida pelo presidente. Recae sobre ele responsabilidades como estas de cunho coletivo. Se há alguém perturbando o sossego durante a noite, roubos, disputas coletivas e conflitos são as lideranças quem são invocadas.

Para resolver questões como estas, o presidente da Associação recorre às lideranças locais e de última instância à lei, que é representada por agentes públicos como delgados, etc.. Mas de maneira geral, tentam resolver as questões internamente, de tal maneira que não ocorra descontentamento nem intrigas entre os moradores. Há um entendimento consensual entre os moradores de que os terrenos são de propriedade individual e que compete aos seus donos usufruírem deles como queiram. É isso o que caracteriza a *autonomia* entre os moradores, que embora vivendo em comunidade consideram-se livres entre si. Então, violar a propriedade é estar prejudicando um direito alheio, mas, além disso, há espaços na comunidade que são coletivos e que não podem ser de uso exclusivo de ninguém, então aqui entra o espírito comunitário e politizado dos moradores, que tem os princípios de autonomia e unidade como os dois valores que regem a comunidade. Assim, cada um é livre para usufruir o que conquistou, mas todos formam uma mesma comunidade que está dividindo espaços comuns ao mesmo tempo. É dessa forma que se organizam politicamente, porque foi assim que se constituíram, lutando unidos para consolidar o desejo de serem *donos de si*. É com esse caráter que a associação funciona e desempenha o seu papel de organizar politicamente a comunidade.

Essa visão politizada também está fundamentada nos valores religiosos, pois as CEBs que atuaram desde o início do assentamento junto com o sindicato fundamentam esse *ethos* político. É com a atuação dessas duas instituições que se constituiu a história da comunidade. Dessa forma, os nativos se reconhecem como religiosos e as práticas políticas constituem meios pelos quais concretizam seus ideais religiosos. Por isso, Dona Quitéria afirma que: “nós não somos sem terras, nem somos de guerra, somos de paz, fazemos parte da igreja que Frei Juvenal ensinou, com ele aprendemos, que somos descendentes de Abraão e todos tem direito a terra...”.

2.2. AÇÕES POLÍTICAS RELIGIÕES E DEVOÇÃO

2.2.1. AS CEBS

A forma como as CEBS chegaram à comunidade Boi Branco foi através da presença do Frei Juvenal, que prestava assistência jurídica e animava a comunidade com celebrações, no início do processo de assentamento. Com ele também foi reforçada a concepção política de luta por direito à terra. No entanto, a atuação deste nesse seguimento da igreja é muito anterior ao assentamento. Alguns moradores já conheciam o trabalho deste Frei no município de Iati, onde atuou durante alguns anos como pároco e “semeou a palavra”. Como pertencente à ordem dos franciscanos, era convocado pela Diocese de Garanhuns para ir onde faltavam padres, celebrava em diferentes cidades, como em Iati, Saloá e, principalmente, Paranatama, onde foi pároco por quase 30 anos. Atualmente, é responsável por coordenar as CEBS, mora na zona rural de Garanhuns e realiza atividades ligadas à igreja, como assessoria e atividades internas, uma vez que sua ordem é laica, subordinada à Diocese. Esse senhor define CEBS como sendo:

Três letras que significam C de comunidade, E é de eclesial e B é de base. Comunidade, porque as CEBS imitam a comunidade Divina, que é: Pai, Filho e Espírito Santo. Também se inspira nas primeiras comunidades cristãs, que eram um só coração, uma só alma e partilhavam tudo o que tinham, não havia necessitados entre eles. A comunidade está na Bíblia, no Ato dos Apóstolos, naquele capítulo chamado retrato da comunidade. Então comunidade é isso, ter as coisas em comum, o mais partilhado possível. Os bens, o saber, o poder e o ter, tudo devem ser partilhados. A outra palavra com E, que é Eclesial. Eclesial vem de Ecclesia, que significa igreja em grego. Isso quer dizer que as CEBS são uma comunidade que está ligada à paróquia, ligado à Diocese. É igreja. Não é uma coisa à parte, está junto, unida com a igreja e com outras comunidades. Formando uma espécie de rede comunitária. Agora, Base é porque é formada por gente da base. Eu não conheço comunidade de base que seja das elites. A elite é muito individualista, vive a sua vida sem estar nem aí. Agora o povo da base é mais solidário. É ele que está presente na hora do sofrimento e na hora da alegria. Isso porque a base é a sustentação da sociedade, da pirâmide social. A pirâmide social é uma organização injusta, pecaminosa e que, quanto mais afunila para cima, mais rico é. Os lá da ponta são os mais ricos, a custa de quê? Da produção da base, aqueles que dão sustentação ao regime. *(Relato registrado no diário de campo e gravado em 14/03/2012).*

Essa visão de mundo trazida ao Boi Branco é uma tendência do “catolicismo progressista”, que tem presença marcante na Diocese de Garanhuns, como afirma Marjo Theije (2002). O autor Michel Löwy (2000) chama de “Cristianismo Libertador” esse movimento progressista do catolicismo, para ele esta corrente teológica está ligada a uma interpretação das categorias marxistas, por alguns religiosos da igreja católica, que ao somarem essas duas concepções, formaram a teologia da libertação. Assim, haveria uma mensagem de questionar as desigualdades sociais e sistemas de dominação ligados à ordem capitalista que impediam a realização da vontade de Deus na terra. Segundo Theije:

As bases teológicas da opção preferencial pelos pobres foram formuladas na teologia da libertação, cujas idéias centrais podem ser sintetizadas em três pontos que assimilam importantes diferenças em relação à teologia católica tradicional. O primeiro deles é que a teologia não pode ser separada dos contextos socioeconômicos e político. Segundo, a teologia da libertação sustenta a premissa de que Deus fez “uma opção preferencial pelos pobres”. Embora Deus ame igualmente os ricos e os pobres, favorece os pobres em sua luta pela libertação das estruturas opressoras do capitalismo, criadas pelos ricos. A terceira e última característica da teologia da libertação é a ideia de que a salvação deve ser encontrada nesta vida: não é um prêmio a ser obtido após a morte. Assim, nessa teologia, o significado simbólico da pobreza é modificado e é formulada uma forte propensão a ação política (THEIJE; 2002 p. 23).

Assim, a consciência social era o caminho da salvação, como afirma ainda essa mesma autora. Essa concepção aproxima muito a religiosidade à militância social, podendo recorrer às análises sociológicas para explicar e modificar as condições sociais dos pobres. Frei Juvenal, quando perguntado da ligação do marxismo com a teologia da libertação, afirma que os dois movimentos têm muitos ideais em comum, mas o marxismo sendo ateu fracassou na tentativa de mudar o mundo.²⁴ Para ele a experiência do socialismo soviético foi uma barbárie, pois se esqueceram de Deus. No Brasil, segundo ele, o movimento cristão foi “confundido” com o comunismo por conta da

²⁴ Roberto Motta (2009) afirma que a Teologia da Libertação tem como fundamento básico o racionalismo ocidental, que acaba por provocar o desencantamento do mundo entre os adeptos. Dessa forma, essa vertente católica acabou por perder adepto entre o público religioso, que procura o encantamento do mundo na religião. Na comunidade Boi Branco não houve esse “desencantamento”, uma vez que as bases teológicas e as crenças estão fundamentadas no catolicismo tradicional, as CEBs seriam mais um complemento a cosmologia de mundo dos religiosos, que recorreram a essa instituição para realizar o desejo de *ser dono de si*, mas sem perder “O encantamento de mundo” nos termos de Motta, já que o sentido para viver lhes é dado por Deus.

ditadura militar no contexto da guerra-fria. Muito embora os dois movimentos tenham objetivos semelhantes, que é tornar a sociedade mais justa e igualitária, “os cristão tentam cumprir a vontade de Deus”. Mediante essa afirmação subentendem-se os limites das categorias marxistas para os cristãos, tendo em vista que há conflitos quanto à concepção transcendente dos cristãos e o materialismo histórico ortodoxo, que pauta sua interpretação revolucionária na luta de classe. O uso das categorias marxistas, segundo Frei Juvenal, era útil para denunciar as desigualdades e contradições sociais no Brasil. No entanto, se limitavam a análise social, não servindo como crença para justificar a (in)existência de Deus.

O desafio de lutar contra as desigualdades deveria partir da ideia de que “para edificar o Reino de Deus na terra, os católicos deveriam começar a trabalhar em seu ambiente cotidiano. Os pobres deveriam assumir a vanguarda deste movimento, pois são leais a Deus por sua unidade e fraternidade” (THEIJE; 2002: 23). É assim que a religiosidade católica chega e é entendido por alguns moradores da comunidade Boi Branco, com o tom de denúncia e questionamento das relações socioeconômicas. Soma-se a esta religiosidade a prática política no movimento sindical de Águas Belas que alguns moradores participaram, sendo que, muitas vezes, os dois discursos aparecem juntos conforme afirmam alguns nativos e foi confirmado pelo Frei Juvenal. Em tempos de seca, juntavam-se na cidade de Águas Belas, os padres e o sindicato para reivindicar assistência governamental. Dona Francisca, senhora de 58 anos de idade, disse-me que “muitas vezes, 12 horas da noite, estávamos ainda na beira da pista esperando decisão do governo para liberar a *emergência*. Num era mole não, era os padres, os índios²⁵ e o povo da FETAPE, nós ia pra ver se tinha alguma coisa, muitas vezes ganhava era intriga e encrenca”.

Vários moradores dizem que o sindicato se articulava com uma parte da igreja católica, nem esses padres nem o sindicato eram bem visto pelos fazendeiros da região, muito menos pelos políticos que administravam o município de Águas Belas, uma vez que os padres e sindicalistas apoiavam sempre candidatos da oposição. Por esses motivos, foram perseguidos; segundo os nativos, um padre militante foi espancado em

²⁵ Os índios a que se referem são da etnia Fulni-ô, que têm seu território no município de Águas Belas.

praça pública em Águas Belas, ainda na época da ditadura. Na memória dos nativos, não faltam exemplos de violências sofridas como espancamentos, ameaças e até assassinatos de sem terras. Nessa atmosfera, a vivência religiosa se envolve com a esfera política, embora desagrade até hoje algumas pessoas, isso fica claro quando uma moradora diz que “me abuso desse povo que envolve coisa de Deus com Política”. Por outro lado, por parte dos próprios moradores, há quem diga que “há padres que só pensam em rezar e não cuidam da luta”. Dois discursos antagônicos que mostram a multiplicidade de interpretações possíveis às formas religiosas.

As práticas religiosas de maneira geral, nesse contexto, estão implicadas em demandas políticas e econômicas, seja com argumentos questionadores da ordem social ou com o conservadorismo para manter o *status quo*. Assim, percebemos que a igreja se equilibra diante do social, mantendo sua unidade enquanto instituição, mas com discursos que são múltiplos e revelam as diferentes faces das concepções religiosas em relação aos aspectos sociais. No entanto, para os católicos que formam a comunidade Boi Branco a igreja é Una, para eles não há mais que um catolicismo, havendo, dessa forma, só uma Lei que é a Bíblia, muito embora os homens possam viver as mensagens bíblicas de formas diferentes, posto que sejam falhos, mas para eles Deus é Único e “tudo que é de Deus é bom” (THEIJE; 2002)²⁶.

Várias pessoas afirmaram haver disputas entre os diferentes padres para atuar na comunidade Boi Branco, para Frei Juvenal se tratava de ciúmes da paróquia, tendo em vista que sempre que um padre sai deixa pessoas que gostaram de seu trabalho. Entretanto, a questão parece ser mais profunda, posto que muitos moradores dizem que os outros padres fizeram acordos com políticos e celebravam as missas sem preocupação com questões ligadas a ordem social²⁷. Uma das mulheres que participa

²⁶ A esse respeito M. Reesink (2003) desenvolveu a ideia de *catolicismo concêntrico*, no qual as posições de laicos e clérigos se movimentam dentro do campo católico a partir de sua aproximação ou distanciamento do centro ortodoxo. Esse movimento tem por base as possibilidades de interpretação que os católicos podem realizar sobre a Bíblia e a Igreja. Dessa forma, essa abordagem aproxima-se da concepção de que o catolicismo é composto por uma tensão entre sua universalidade e a pluralidade das especificidades de suas expressões locais.

²⁷ Theije (2002: 25) afirma que para os católicos ligados às CEBs, que são uma vertente da teologia da libertação: “a religião era mais do que oração, missa, belas histórias e músicas em latim. O clero e os leigos estavam discutindo juntos as consequências sociais e políticas de suas crenças religiosas. Essas pessoas estavam empenhadas em algo maior: a construção de uma sociedade justa”. Isso, talvez explique a maneira como alguns moradores reagiram com a presença de outros padres na comunidade.

das celebrações religiosas na comunidade disse que “há padres e padres”, pedindo para explicar ela falou que “alguns padres só rezam muito bem, cuida da paróquia muito bem e dizem três, quatro missas por dia”. Nessa ocasião, embora eu estivesse curioso para saber qual era o outro exemplo de padre, ela não falou. Só depois deixou transparecer que “um bom padre se preocupa com a obra do povo de Deus na terra”.

Quando perguntado o motivo de ter saído da paróquia de Iati, Frei Juvenal diz que “era pároco provisório”, saiu quando chegou o titular. Depois acabou sendo solicitado por várias vezes, pelos moradores da comunidade Boi Branco, para celebrar, mas não foi possível, pois para ir precisava pedir permissão ao padre da paróquia local e não iria fazer isso. Há indícios de haver divergências entre as concepções religiosas do padre que atuava em Iati e Frei Juvenal, o principal ponto que os nativos enfatizam é porque este último estava preocupado em fazer do assentamento “um exemplo de solidariedade”. Frei Juvenal contou com orgulho uma ocasião ocorrida na comunidade:

Os moradores estavam passando fome, eu fui celebrar na comunidade do Mocotó, onde pedi para doarem alimentos. Veio feijão, batata, jerimum, macaxeira e frutas, que era tempo. Pois bem, esse povo que antes recebeu, agora pode doar e deu muito alimento pra outros assentamentos, eu mesmo já tirei esse carro cheio de coisas doadas pelos próprios assentados. *(Fala registrada no diário de campo e gravada em 14/03/2012).*

Assim, está clara a preocupação em reforçar os laços de solidariedade, uma vez que “no cristianismo da libertação latino-americano, comunidade é, ela própria, um dos valores transindividuais mais centrais, possuindo um significado tanto transcendente como imanente, tanto ético/religioso como sociopolítico” (LÖWY; 2000: 63). Muitos nativos contam que esperavam a vinda de Frei Juvenal para festejarem a colheita e partilharem a produção entre si. Os moradores dizem que ele sempre estava preocupado com o que acontecia entre os moradores, sempre perguntando se estava faltando água. Também durante as celebrações alertava que a comunidade deveriam se fortalecer para reivindicar um posto de saúde e uma escola. Essas observações são feitas como forma de distinguir o modo como outros padres que celebraram na localidade, mas os nativos acabam dizendo que “rezar é importante, temos que prestar atenção no que o padre diz, a palavra é uma só”. Dessa maneira, fica claro que mais importante que o mensageiro é

a mensagem da Palavra de Deus, que é Única, variando apenas a sua forma de transmissão, mas os nativos sempre acabam interpretando-a mediante sua própria realidade.

Ao longo da pesquisa, procurei saber quem era o padre que atuou na paróquia de Iati, posteriormente a saída do Frei Juvenal, mas fui alertado de que não o encontraria para entrevistá-lo, pois além de estar em uma cidade distante, ultimamente havia estado muito mal de saúde. Alguns moradores dizem que “era um homem bom, mas nem Deus agradou a todo mundo”. O jovem Junior disse: “eu não gosto de missa não! Mas a de Frei Juvenal eu ia, esses outros padres só falam em reza e em dinheiro, é igual aos crentes, ligue a televisão que você vê. Num tem diferença da propaganda de um e doutro”. Essa frase dá conta de como os nativos percebem as campanhas do dízimo, que ultimamente tem sido algo recorrente, tanto para católicos como para as igrejas protestantes evangélicas. Também é nítido que a atuação do Frei na comunidade era diferente dos demais padres e dos “crentes”, pois para os nativos suas mensagens eram mais apropriadas ao momento em que estavam vivendo, porque falavam de comunhão e partilha que eram valores imprescindíveis à comunidade. Outros padres até vieram celebrar na comunidade, mas sempre reclamavam da falta de pessoas nas missas e suas presenças duravam pouco, passando a celebrar em espaços de tempos cada vez maiores, passando de quinzenalmente para mensalmente e agora só ocasionalmente. Ainda assim, é claro o esforço dos moradores em manterem as celebrações na comunidade, independente de quem viesse celebrar.

Diante das formas como os nativos se referem às celebrações do Frei Juvenal e das observações nas reuniões das CEBs é possível comprovar a leitura e interpretação da bíblia feita pelos fiéis leigos e sacerdotes, mediante a realidade cotidiana vivida pelos cristãos.²⁸ Como já sinalizou Theije (2002) nesse movimento religioso, a palavra de Deus é interpretada mediante a realidade social; na comunidade Boi Branco, alguns nativos, ao responderem se eram ligados ao MST, afirmam: “pertencemos as CEBs e lutamos pela terra, porque Deus deixou ela para todos”. Dona Quitéria ao narrar à

²⁸ Foram realizadas, além de entrevistas semi-estruturadas com Frei Juvenal, observações nas reuniões das CEBs, onde mediante a participação nas atividades, cantos, conversas, celebrações e leituras bíblicas foram gravadas e registradas no diário de campos.

história bíblica de Abraão se reconhece como sua descendente, e diz que “o povo de Deus só terá sossego quando todos povoarem toda terra”.

Quando as mensagens trazidas pelas CEBs chegam aos antigos sem terras, os laços tradicionais de submissão dos camponeses com os fazendeiros são revistos e questionados. Muitos moradores dizem que “já tinham perdido o sonho de terem seu pedaço de chão”, mas o sonho foi reavivado com o empreendimento da reforma agrária na região. Isso demonstra como o agenciamento das CEBs foi importante para que os sem terras percebessem ser possível quebrar os laços de *compadrio* com os fazendeiros, do qual nos fala Woortmann (1995). Dessa forma, os valores religiosos foram tomados como princípios que conduziram a luta pela terra, confirmando o pressuposto weberiano de que as ações sociais e subjetividade religiosa se relacionam de tal maneira que as práticas sociais são fundamentadas pelos sentidos éticos religiosos.

Nessa direção as CEBs são um espaço privilegiado de luta política e conteúdo religioso, Michel Löwy (2000) se utiliza das tipologias weberianas para entender essa relação e o pertencimento com a igreja:

Como enfatizou o sociólogo brasileiro Ivo Lesbaupin, existem também muitos aspectos das CEBs que correspondem ao tipo ideal da seita segundo Troeltscho (ou Weber): a participação de pessoas leigas, a importância atribuída à Bíblia, a vida comunitária, a fraternidade e ajuda mútua e, acima de tudo, a “afinidade eletiva com a estruturas democráticas” (Weber). Mas, ao mesmo tempo, a comunidade de base não é uma “seita” porque é parte da Igreja Católica e intimamente associada a seu clero (LÖWY; 2000: 85).

Para quebrar os laços tradicionais que oprimem o “povo de Deus”, os membros das CEBs recorrem à visão moderna de mundo anunciando a liberdade de direito. No entanto, buscaram manter as relações tradicionais solidariedade que resistam ao individualismo moderno. Para isso, os princípios morais de irmandade e comunhão são constantemente acionados. O que resolve esse paradoxo entre a liberdade individual e a unidade social é o sistema de reciprocidade que se estabelece entre os camponeses. Na reciprocidade os direitos individuais são respeitados, sem haver exploração e o lucro não constitui um valor supremo. Os moradores da comunidade Boi Branco já traziam consigo o princípio religioso de que todos os homens têm o direito de usufruir do seu próprio trabalho, ao mesmo tempo em que deveriam ser solidários uns para com os

outros, porque todos são filhos de Deus. A partir da atuação das CEBs estes princípios e valores, que são fundamentados na cosmologia religiosa, foram rearticulados e passaram a constituir práticas sociais que visam manter a *autonomia* entre os moradores, porque este foi um princípio que os motivou a lutarem pela terra.

2.2.2. A DEVOÇÃO RELIGIOSA E O DESEJO DE SER DONO DE SI

Os moradores da comunidade Boi Branco, diante de muitas dificuldades no início do assentamento, recorreram aos santos, realizando uma promessa para com Nossa Senhora das Dores, para construírem uma igreja em sua homenagem mediante a realização do assentamento. Os moradores se encontravam num dilema, pois as famílias que tinham aderido ao sonho de *ser dono de si* não podiam desistir do assentamento, porque era negar o sonho e toda luta que já tinha enfrentado, mas as condições do assentamento eram extremamente precárias, sobretudo na fase das residências de lona e de taipa. Os alimentos eram escassos e as crianças eram as mais penalizadas no calor embaixo das casas de lona. Segundo os moradores ninguém quis desistir, no entanto, sofreram muito nesses momentos, que só um milagre poderia os ajudar a sair daquela trágica situação.

Foi com a intenção de alcançar um milagre que o padre Antonio, pároco da cidade de Iati que celebrava na comunidade nesse período e dava assistência junto com Frei Juvenal, resolveu realizar a promessa, junto com Dona Quitéria e outras rezadeiras, pois entendiam que só Deus e um milagre resolviam os problemas nesse momento.²⁹ Segundo os nativos, a promessa deu força para que os assentados criassem ânimo e continuassem a luta. Como Alba Zaluar (1983:80), entendo que as promessas feitas aos santos constituem um “sistema de reciprocidade com as divindades do cosmo

²⁹Antes da presença do padre, assim como atualmente, há registros de que é comum na comunidade as pessoas fazerem promessas, para curar doenças, conquistarem objetivos ligados a vida econômica, ligadas a lavoura, chuva e etc.

construído socialmente pelos homens”. Dessa forma, a *promessa* exprime o conjunto de crenças comum ao grupo social, que fez dessa devoção um meio de realizar o desejo de alcançar a dignidade com a *graça* da terra.

Os moradores recorreram a Nossa Senhora das Dores, porque reconhecem que só os santos podem socorrer os homens nos momentos de agonia e é Deus quem pode oferecer aos homens mais do que eles merecem. Dessa forma, acreditam que a promessa ao ser feita causou um milagre na vida dos moradores, pois se dizem não merecedores da graça da terra, que os fez ser gente. Embora lutando para alcançar esse objetivo, eles dizem, generalizadamente, que não teriam realizado esse sonho se não fosse à vontade de Deus e a proteção da Santa. Assim, reconhecem a conquista da terra como um milagre por ser graça de Deus, mediante a interseção de Nossa Senhora das Dores. Essa visão é comum ao conjunto de moradores que têm uma intensa fé religiosa, acreditando nos santos e nos milagres que esses realizam em suas vidas. Esse conjunto de crenças para com os santos é uma dimensão da cosmológica do catolicismo tradicional conforme assinalara Zaluar (1983) e M. Reesink (2005).

O fato de recorrer à Nossa Senhora das Dores demonstra como a fé é elemento comum ao grupo e como a mesma é sinônimo de unidade entre os moradores. Todos aderiram à promessa e afirmam terem se motivado mais ainda para superar os momentos difíceis que passavam, porque tinham uma protetora que não os abandonaria diante das dificuldades e dos descasos das instituições públicas da terra. Por outro lado, a promessa agradava muito ao padre Antonio e a rezadeira, uma vez que teriam que pagar a promessa com a construção da igreja. No início do assentamento, as celebrações religiosas eram constantes, nos dizeres nativos o assentamento se fez “rezando e lutando”. Segundo os moradores o padre tinha muita dificuldade em celebrar, devido à ausência de um espaço adequado. Os moradores uniam-se e frequentavam as celebrações, mas sempre reclamavam por terem que ficar de pé e não haver espaço para todos nos galpões ou embaixo das árvores onde eram realizadas as missas dominicais.

O reconhecimento da terra como graça implicou numa dívida para com a santa, dessa forma, o padre e a rezadeira buscaram várias maneiras de construírem a igreja para pagarem a promessa alcançada. Embora a igreja ainda não tenha sido construída, os moradores se esforçam constantemente para tal, porque afirmam que toda a

comunidade tem essa dívida e não pagar é se deixar dominar pelo pecado, como afirma Dona Quitéria. A promessa é fundamentada na cosmologia que dá sentido a vida dos moradores, dessa forma, “ajustar contas com o santo significa ajustar contas com a tradição e recomeçar a vida rotineira, com suas normas e valores lembrados, resolvendo ritualmente (ou simbolicamente) contradições sociais inerentes à maneira pela qual se organiza essa sociedade” (ZALUAR: 1983. p. 76).

Essa devoção para com Nossa Senhora das Dores implicou em sua escolha como padroeira local, diferenciando a comunidade da cidade de Iati que tem por padroeiro o Apostolo São Paulo. Os moradores entendem que como num parto o início do assentamento teve seus momentos de agonia e, portanto, a santa intercedeu por eles nesse momento, uma vez que Ela é quem “ajuda os pecadores na hora da dor”. Essa escolha da padroeira também teve influência da parteira e rezadeira que é devota de Nossa Senhora das Dores, para ela “esta santa é quem socorre as mulheres na hora da agonia e protege a mãe e a criança na hora do parto”. Aqui como no caso da experiência etnográfica de Zaluar (1983) houve a escolha de um padroeiro particular ligado a experiência religiosa do grupo social. Para a autora acima citada é importante ressaltar que:

(...) só eram homenageados dessa forma os santos de devoção de agrupamentos sociais – quer fossem de famílias, redes de parentesco, amigos, compadres ou dependentes; de freguesias, povoados ou cidades; e até mesmo do povo em geral – santos que, portanto, se haviam tornado símbolos dos laços sociais que ligavam as pessoas componentes de tais agrupamentos ou categorias (Idem; p. 59).

Tanto a escolha da padroeira e a promessa são códigos pelos quais se pode interpretar como os laços sociais se constituíram ao longo da trajetória dos moradores, bem como a religião foi elemento de unidade coletiva. Um fato que exprime o porquê da escolha, é que a parteira no início do assentamento realizou dois partos sofridos em um mesmo dia e teve que recorrer a essa Santa. Isso ocorreu antes das residências de tijolos serem construídas. Os partos foram realizados em meio à precariedade das casas de lona e na cocheira. Para ela foi à noite de maior sacrifício na comunidade, não havia transportes nem médico por perto. As mulheres grávidas estavam acampadas em diferentes galpões, distantes uma da outra. Quando uma começou “os aperreios” primeiros, ao apontar a criança, chegou a notícia de que a outra mulher também estava

começando a dar a luz. Então a senhora pediu para que trouxessem a segunda mulher para perto e nasceu um casal de crianças, na cocheira, sem energia e no frio. Hoje são duas crianças saudáveis, segundo a parteira Dona Quitéria: “só Nossa Senhora para proteger nessas horas”. A parteira fez uma promessa para Nossa Senhora das Dores e pediu para que as mães também fizessem. Formando assim um ciclo de devoção para com a Santa.

Há uma “eficácia simbólica” atribuída pelos nativos às promessas. As crenças estão atreladas aos mitos e ritos, como bem reconhece Lévi-Strauss (1989: 228) ao analisar o papel dos rituais xamânicos nos partos das mulheres Indígenas da América Central e do Sul. Aqui não cabe questionar a objetividade ou racionalidade atribuída à eficácia, pois “a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita”. Para a parteira e as várias mães da comunidade Boi Branco, assim como o xamã e as índias analisadas por este autor, seria anormal se não fosse evocada tais crenças. Mesmo tendo filhos em hospitais e assistidas pelos médicos, as nativas da comunidade Boi Branco dizem fazer promessas. Dessa forma, não há exclusão entre a ciência medicinal e as crenças nativas, uma vez que para Dona Rosinha, que é mãe de dois filhos nascidos em hospitais: “quem guia o doutor na hora do parto é Deus, foi ele quem deu sabedoria a ele e Nossa Senhora é quem protege a mãe e o filho para que nenhum mal aconteça”.

Alguns moradores atribuem valor a fé da mãe e da parteira, dizem que “a cura e a doença dependem da cabeça da pessoa”. Em uma visita a comunidade, ouvi uma narrativa irônica de Sr. Zé Pequeno, sobre um conjunto de partos que foram realizados no sertão, dizia ele que:

Nos tempos passados num tinha Doutor, nem carro. As mulheres tinham filhos no meio do mato. Nesse tempo, dizem os mais velhos, tinha uma parteira que era chamada para socorrer as mulheres, essa mulher chamava os anjos e santos para ajudá-la. Um dia apareceu um homem num cavalo, era hora de aperreio de uma mulher, ai ele viu aquela agonia e disse “esse menino nasce logo”. Nisso arriou o cavalo na sombra e o menino nasceu. A parteira disse que aquele era um anjo que andava com uma oração amarrada no pescoço. Deixa que ele trazia era um papel amarrado dentro de um couro de boi. Por onde passava aquele homem era bem recebido, num faltava comida nem pra ele nem pro cavalo, um dia o homem ficou velho, depois de ter andado por todo canto e salvado meio mundo de mulher, ai ele entregou a oração a uma mulher que estava tendo filho, foi a última que “esse anjo salvou na terra”. O filho nasceu forte que nem um

touro. Moleque é o cão, foi lá tirou do couro a oração, mas quando viu o que tinha todo mundo riu, naquele tempo ninguém sabia ler, mas uma mulher daquelas que tinha tido filho sabia, no bilhete tinha assim “dê de comer ao meu cavalo alazão, mulher tenha esse filho quer queira quer não, ou então ele nasça com mil e seiscentos cão”! *(Conversa com Zé Pequeno, de 64 anos de idade, extraído dos registros do diário de campo, gravado e registrado em 11/02/2012).*

Na ocasião em que essa narrativa foi contada, havia várias pessoas presentes em virtude de uma reunião da Associação. O riso tomou conta do ambiente, as pessoas começaram a comentar a fala e uma senhora disse que “o que importa é o milagre e a graça não o santo, pois quem salva é a fé da pessoa”. Mesmo não vindo de Deus a graça quem recebe é a pessoa, diz outra mulher, que teve seu argumento rebatido por o Sr. Zé Pequeno, que disse: “isso é coisa da cabeça do povo, naquele tempo num tinha tanta promessa, porque morria tanta gente?”. Nessa ocasião o debate esquentou, até que a parteira se manifestou, dizendo: “toda graça é vinda de Deus e Nossa Senhora, pois Ele sabe tudo, e todo mundo só nasceu porque Nossa Senhora quis”, complementando depois que isso não é coisa de brincadeira, encerrando assim os comentários.

Em uma das falas, a parteira menciona Nossa Senhora das Dores como sendo a mãe de Deus e depois como Santa Maria, demonstrando uma multiplicidade de interpretações acerca da identidade mariana. Assim como quando outros moradores falam da promessa de construção da igreja falam simplesmente em Nossa Senhora, em uma ocasião Dona Creuza, religiosa de 46 anos de idade, disse que a promessa é para Nossa Senhora Aparecida. Perguntando a rezadeira, que é também a parteira, sobre essa forma de chamarem a santa por nomes diferentes ela me diz que “Ela é sempre a mesma, o que muda é o nome. Quando ajuda na hora da dor, se chama Nossa Senhora das Dores, quando cuida dos olhos é Santa Luzia, quando aparece é Nossa Senhora Aparecia, mas é sempre a mesma, a mãe de Deus. Muda conforme o milagre”. Podemos entender que há um paradoxo na identidade mariana, como aponta Mísia Reesink (2003: 135) uma vez que:

(...) essa consciência da multiplicidade mariana guarda um paradoxo para os devotos, pois, ao mesmo tempo em que se tem consciência desta multiplicidade, fala-se de uma impossibilidade de divisão, sendo a Virgem concebida como indivisível. Nesse sentido, o paradoxo se revela no fato de que Nossa Senhora não pode se dividir, mas que ela já é múltipla. E é essa multiplicidade que justifica a possibilidade das aparições da Virgem em diversas localidades.

É essa identidade múltipla e indivisível que permite que os moradores da comunidade Boi Branco tenham devoção por Nossa Senhora das Dores, umas das faces da mãe de Deus. Com essa devoção, os sentimentos religiosos exprimem as experiências vividas pelos devotos, fazendo com que a igreja católica demarque um território na comunidade, já que essa instituição é a difusora da unidade-multiplicidade mariana. Vale ressaltar que é no período que é feita a promessa na comunidade, que são fundadas as primeiras igrejas evangélicas protestantes na cidade de Iati, que inclusive convidam pessoas desta comunidade para visitarem seus cultos, e justamente pela igreja católica ter prestado assistência e marcado presença que alguns moradores dizem não terem aderido ao protestantismo, porque aprenderam com as CEBs que só há Um Deus e Ele deixou uma igreja no mundo, que é a católica.

A promessa e a devoção reforçaram uma identidade religiosa na comunidade que passou a exprimir os sentimentos coletivos, relacionados à memória do assentamento como uma graça. Os nativos dizem com recorrência que o processo de luta pela terra foi marcado por sofrimento, onde recorriam aos santos para os protegerem, surgindo daí a concepção da terra como uma graças de Nossa Senhora das Dores, uma vez que, como nos partos Ela esteve os auxiliando e protegendo. Os atos de fé reforçavam os laços sociais, na medida em que os devotos somaram forças e se uniam em torno da luta pela terra, rezando e trabalhando juntos.

2.2.3. A PROMESSA COMO EXPRESSÃO DE UNIDADE COLETIVA

As crenças e práticas religiosas revelam muito das relações sociais, ainda mais se concebermos como Carlos Rodrigues Brandão “o sagrado como social” (Brandão *In*: ZALUAR; 1983:8). Não querendo com isso reduzir o fenômeno religioso a uma visão pragmática que o conceberia como uma correspondência direta das relações sociais, entretanto, é possível entender que a forma como a religião se manifesta na comunidade Boi Branco revela muito das práticas sociais. A própria escolha da padroeira, a promessa e a forma como a igreja mantém sua presença é constituída por laços sociais que exprimem sentimentos coletivos. Sendo possível, assim, recorrer à visão de

Durkheim (1996) e Mauss (2003) para explicar a maneira como o simbólico e o sagrado são elementos que fundem e traduzem as formas de vida social na comunidade.

Em diferentes tradições teóricas, vamos encontrar referências às análises dos conteúdos e formas religiosas, como é o caso do teórico alemão Simmel (2009), que se distingue da tradição francesa durkheimiana, por enfatizar aspectos ligados à subjetividade emotiva e singular do indivíduo para com a religião, mas, ainda assim, alguns fundamentos teóricos são coincidentes entre essas duas tradições, posto que para Simmel:

A base profunda sobre a qual a categoria religiosa permeia e molda as relações sociais (que também podem tornar tangível o religioso) é proporcionada pela notável analogia entre o comportamento do indivíduo para com a divindade e seu comportamento para com a sociedade. Um aspecto decisivo aqui é o sentimento de dependência. O indivíduo se sente ligado a um princípio geral e superior, do qual ele se originou e para o qual finalmente retornará ao qual se dedica, mas dele também espera elevação e redenção, do qual é distinto sendo-lhe idêntico. Deus foi denominado *coincidentia oppositorum*, o ponto unificador que funde todas as forças contrárias da existência no seio de sua indivisão. (SIMMEL; 2009:38)

Dessa forma, podemos entender como Mauss (2003: 25) que “a religião é um fenômeno essencialmente coletivo em todas as suas partes”. Em suas formas e expressões corresponde a normas e valores que exprimem o social. Diferentemente do que acreditava Freud (2011), a religião não é uma “neurose” individual, mas constituinte e constituída por vínculos e relações morais que são antes de tudo coletivas³⁰. É isso que faz da religião elemento imprescindível nos discursos que fundamentam e justificam as relações na comunidade Boi Branco. Quando falam acerca do fato desse assentamento ser o “único que deu certo na região”, os moradores afirmam ser a religião o elemento determinante. Como Dona Maria o fez ao dizer que “alguns sem terra só querem tirar proveito do governo e dos companheiros, sem fé e sem respeito aos que fazem parte da luta. Para um assentamento dar certo é preciso ter

³⁰ Freud, assim como muitos pensadores modernos, acreditava na superação da religião pela ciência, afirmava ainda, que os sentimentos religiosos correspondem ao desamparo do homem, que desde criança buscava se proteger em seres superiores como a mãe, assim “quando então o adolescente percebe que está destinado a ser sempre uma criança, que jamais poderá prescindir de proteção contra poderes desconhecidos, empresta-lhes os traços da figura paterna, cria os deuses, dos quais tem medo, que procura agradar, e aos quais, no entanto, confia sua proteção.” (FREUD; 2011:71).

união e vontade de trabalhar com ajuda de Deus, porque sem Deus o homem não é nada”, ou ainda quando dizem “somos pessoas de bem, humanas que visam o bem comum, não estamos querendo nada de ninguém, somos cristão (...)” de maneira geral, estão recorrendo à noção de que o outro é irmão, o que é um princípio cristão. O que na jurisdição corresponde à ideia de igualdade de direito, para eles é equivalente aos princípios cristãos. Enquanto sabem que todos os indivíduos são cidadãos com direitos e deveres iguais perante as leis, tomam como premissa o valor de que “Deus é Pai de todos, justos e pecadores”, a partir daí retificam, ou tentam fazer valer, baseados nas crenças, os valores e mandamentos cristãos.

É com esse sentimento de que “Deus é Pai, não padrasto” que muitos moradores lutaram e conquistaram a terra. Sentimento que não os permitia se sentirem solitários nem abandonados diante do descaso dos órgãos públicos que deveria prestar-lhes assistências, mas quase nunca davam conta das demandas. Diante de muitas dificuldades os nativos “rezavam e pediam a Deus proteção”, pois “só Ele tem pra dar, não escolhe como os homens da terra”. Esse é o mesmo sentido para escolha da padroeira, “aquela que socorria nas horas de apertado”. Os nativos sabem que a saúde é um direito, defendem que o poder público deve assistir as necessidades básicas do cidadão, mas é na relação com os santos que se estabelece a relação de confiança e, por isso, a eles recorrem com mais frequência, pedindo saúde para trabalhar. Esses sentimentos exprimem a identidade coletiva da comunidade, que se reconhece como cristã católica e assentada pelo INCRA, por isso que ao falar da história do assentamento o elemento mais recorrente é a igreja e a promessa.

Dessa forma, a religião é cosmologicamente fundadora dos princípios morais e coletivos que exprimem a vida social da comunidade. Para Émile Durkheim (1996) há uma unidade coletiva nas crenças e ritos religiosos, assim:

(...) as crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhe são solidários. Tais crenças não são admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos por se representarem da mesma maneira o mundo sagrado e por

traduzirem essa representação comum em práticas idênticas, é isso que chamamos igreja (Idem; p. 28).

Por isso “não encontramos, na história, religião sem igreja” (DURKHEIM; 1996: 28). O termo igreja se refere, dessa forma, à coletividade. É, pois, através da construção da igreja, como espaço físico, que os moradores da comunidade Boi Branco tentam pagar sua promessa, dívida coletiva, para manifestarem e consolidarem sua identidade católica. Porque a igreja seria a maneira pela qual os moradores iriam expressar concretamente o que há de mais importante entre eles, que é a religião. Assim, consolidar-se-ia a unidade social, havendo um lugar específico para o sagrado, que estaria entre todos os moradores. Por isso, a igreja deveria ficar no centro da comunidade, ficando o mais próximo possível de todos, também seria o lugar mais visível entre eles e os visitantes. Assim, suas identidades ficariam expressas e expostas, demonstrando quais são as práticas e valores que constituem a vida social da comunidade.

A religiosidade é intensa e comum à maioria dos moradores, constantemente recorrerem a rezadeira para curar o gado, rezar contra mal olhado, ferida de boca e fazem muita promessa, para diversos santos. Algumas casas têm uma cruz pintada na porta, outras têm altares enfeitados. Os catecismos têm mais crianças que na própria escola, as mães dão muita importância à reza, embora Dona Quitéria advirta “é preciso rezar mais, o povo é muito desinteressado para as coisas de Deus, não conhecem o primeiro mandamento, amai a Deus sobre tudo”.

As pessoas entendem que é imprescindível a construção da igreja, para poderem rezar, adorar e celebrar num lugar apropriado. Os padres celebravam mensalmente no galpão da antiga fazenda, mas os horários se confundiram, pois só vinham à comunidade quando celebravam primeiro em Iati, ou, quando vinham, ainda tinham que celebrar lá, o que apressava sempre o evento, deixando um grau de insatisfação para os moradores. Para Dona Creuza, o padre desistiu por desinteresse da população local, o padre vinha “mas as mulheres só queria vir depois que a novela acabava. Se combinava no domingo de 4 horas, o povo chegava quando o sol estava se pondo, se fosse pra novela, todo mundo ia, como antigamente um monte de velha se reunia para assistir novela”. Vale ressaltar que as missas nesse horário sofriam com

concorrência dos jogos de futebol, que ocorrem a cada domingo das 15 as 18 da tarde. Sr. Emanuel, esposo de Dona Quitéria, com olhar de indignação diz “até as mulheres estão acompanhando jogo aqui!”. A esposa complementa “ao invés de rezarem, vão é atrás de jogo, enfiadas no meio dos homens”.

Dona Maria, de 63 anos de idade, diz que dava gosto ver as pessoas nas missas no início do assentamento, mas hoje há um desestímulo. Sua vizinha que estava presente nesta ocasião complementa o argumento dizendo “o povo hoje só quer é chamar nome, em vez de chamar por Deus, chama é pelo cão³¹. Só se lembram de Deus quando caem na doença”. É comum na comunidade ouvirem-se gritos e expressões como: “filho da peste”, “bobônica”, “febre do rato”, “peste”, “Zé Pilintra”, etc.. Isso incomoda muito os religiosos, ouvi, por várias vezes, advertências, sobretudo, das mulheres mais idosas para com crianças e jovens, aconselhamentos no sentido de dizerem que pronunciar tais expressões é invocar o mal³². Exemplos de pessoas que chamavam “pelo cão” e acabaram mal, morreram de forma trágica ou nunca cresceram na vida, são usados para combater essas práticas. É contra essas expressões que Dona Quitéria adverte sempre nas reuniões de catecismo. É comum contarem uma narrativa de que um homem numa festa comeu e bebeu muito, teve um “passamento” e morreu por alguns instantes:

Quando acordou contou que foi ao inferno e viu foto de todos que chamavam nome, vaca dos vizinhos e fotos das crianças. Perguntou a um rapaz, ele disse que aquelas fotos era o lugar recomendado de quem recomenda as coisas ao cão e quem recomenda vai junto. Viu ainda uma cama no fogo, essa o cão mesmo disse, que era a cama do compadre que se deita com a comadre.³³ (*relato extraído do diário de campo*).

Essa narrativa é muito usada para coagir os indivíduos para não enunciarem “nomes”, expressões malignas. Ainda assim é comum ouvir-se, tais expressões, principalmente quando ocorrem fatos eventuais, que são infortúnios da vida cotidiana,

³¹ Cão no sentido empregado aqui, equivale a Satanás, nos dizeres nativos.

³² Na comunidade, as atividades religiosas são predominantemente femininas.

³³ Sobre a relação do compadre com a comadre, ver Arantes Neto (1975) e Paiva (2008), onde iram conceber os laços de compadrio como formas de parentesco que não são constituídos por laços sanguíneos, entendendo essas relações como forma de parentesco espiritual.

como desastres e acidentes ou ainda quando uma pessoa se zanga com outra. O bem e o mal parece travarem uma briga no cotidiano nativo, assim Deus e o Diabo são evocados constantemente, nessa briga os homens devem se posicionar e lutarem diante desta situação. Assim, em piadas e fábulas há a tentativa de exorcizar o mal, da mesma forma que acaba retificando sua existência para demonstrar sua ação no cotidiano, uma vez que negá-lo seria cair no engano, conseqüentemente, ser vítima dele.

Há uma piada nativa que diz que “estavam dois bêbados na porta de uma igreja, um olhou e disse: - mais que igreja bonita da peste, o outro responde: - queres ver a bobônica entre pra dentro dela!” O homem que contou esta piada disse que bêbado não tem juízo, embora todos os presentes tenham rido, no final, não faltaram censuras quanto às palavras ditas, como em relação à bebida. Dona Julia ao ouvir ficou indignada, disse que as coisas de Deus não são de brincadeira, diante deste posicionamento se fez silêncio, o que dá para entender como as pessoas reagiram sentimentalmente. Aqui fica evidente que lidar com coisas referentes à religiosidade de formas irresponsáveis é perigoso, uma vez que o pecado pode ser cometido. As coisas sagradas como pensam Mauss e Hubert (2005:64) “se caracterizam por sua intensidade, sua importância, sua dignidade, e por conseguinte são separadas.” A forma como os homens se relacionam com tais forças pode decidir sobre sua vida e sua morte, bem como sua saúde e ou doença, pecado e mérito, conforme aponta os mesmos autores.

Outra narrativa comum é dita quando alguém faz alguma brincadeira, colocando em perigo a vida alheia, como em uma ocasião que um nativo apontou uma faca para o amigo com brincadeira, então Dona Rosinha disse: “é brincando, mas o cão matou a mãe com uma espingarda descarregada e sem espoleta”. De maneira geral, essas histórias são emblemáticas de como o mal não deve ser invocado e sempre ser evitado, como exemplos a não serem seguidos. Ao narrarem estas histórias dão vida aos personagens malignos, uma vez que estes fazem parte da realidade nativa, assim como os santos e os rezadores. Em algumas vezes, chega a haver interação entre as figuras malignas e os santos, como uma história que ouvi contada por diferentes moradores sobre Frei Damião, figura considerada santa por eles. Um senhor conta que:

Uma mulher vivia chamando nome com os filhos, que eram todos sadios. Até que um dia um adoeceu, quando chama pelo menino dizia: “- vem cá febre do rato, cuida direito filho da bobônica”, aí o mais

novo adoeceu, ficou surdo. Era tempo que Frei Damião dava as missões em Capoeiras, a mulher rezava muito e queria ver o Santo. Levou o menino para Frei Damião benzê-lo. Frei Damião passou no meio da igreja, que tava cheia de gente, ninguém tocava Nele. Com pouco Ele arruiu por acolar, e o povo não dava jeito. Ele saiu pegando dinheiro e dizia Deus abençoe, Ele num olhava nem pro povo. Quando chegou perto da mulher ela tremeu, e disse Frei Damião abençoe meu filho. Ele respondeu: “- você num reza nele todo dia.” Olhou bem na cara dela, quando Ele disse isso. Ela chorou tanto que ficou desconsolada. (*depoimento registrado no diário de campo, no mês de julho de 2011*).

Narrativas e anedotas como estas são modelos pedagógicos, que funcionam como exemplos para os comportamentos dos religiosos. Nessas narrativas, os religiosos são coagidos a se comportarem dentro da lógica católica de conceber o mundo. Dessa forma, os sentidos cosmológicos são expressos na lógica do bem e do mal. Sabemos que o diabo pode agir no cotidiano, segundo a visão dos católicos, como aponta M. Reesink (2005), podendo danificar a relação dos religiosos para com os santos. Nesse sentido, há um esforço, por parte dos nativos, para exorcizar o mal, tentando coibir a ação do diabo na vida dos religiosos que são tentados continuamente. Com isso, são invocados os santos para protegê-los do mal. Santa Maria é a mais citada ao longo das falas nativas, dizem que “só a mãe de Deus pode proteger os pecadores”. Segundo essa visão, a Santa intercede no cotidiano e na hora da morte, como aponta Carlos Steil (2003:30) “em momentos e contextos bastante diversificados da história, Nossa Senhora tem se manifestado como advogada da humanidade junto a Deus e anunciadora das promessas divinas de salvação”.

O que está em questão é a salvação da alma, o sentido teleológico da religiosidade, como instância ontológica da vida e da morte. Os religiosos tendem, assim, a se aproximarem ao máximo do sagrado, como aponta Mircea Eliade (2010), para fugir da tentação e do pecado. É com esse sentimento que os católicos da comunidade Boi Branco reivindicam a construção da igreja. O próprio fato de cumprirem a promessa é uma forma de aproximar-se do sagrado e salvar suas almas, caso a promessa não seja paga já, é um mal em si, pois não pagar a dívida com os santos é cair no pecado e não ser protegido na hora da tentação do diabo, uma vez que o padroeiro (protetor) não está próximo devido ao descumprimento da promessa. É com esse sentimento que os religiosos na comunidade reivindicam a construção da igreja, o

que faz com que haja disputas de demandas administrativas, quanto às estratégias e prioridades na comunidade.

2.3. A CAPELA

Diante da ação do sindicato e atuação das CEBs na comunidade temos o encontro de dois discursos, que é o laico político e o religioso, este último não se reduz apenas a atuação das CEBs, pois os moradores têm a prática do catolicismo tradicional. Esses dois discursos fundamentam a visão de mundo dos moradores, permeando o cotidiano com valores e práticas sociais que constituem a vida na comunidade. Se há um espaço privilegiado para entendermos como a visão laico-político se relaciona com os valores religiosos na comunidade é nas reuniões da associação, pois é lá onde os moradores discutiram a questão da promessa, para tentar construir a igreja, assim teremos a associação que é essencialmente um espaço de ação política se deparando com uma questão que é de cunho religioso.

Na reunião, ocorrida dia 11 de fevereiro de 2012, os moradores se reúnem por volta das 9h30 da manhã e debatem até as 11h20, durante este período são colocadas várias questões de demandas e disputas da comunidade tais como: a construção da igreja, necessidade de outro resfriador para armazenar leite, reivindicação de mais duas casas que faltaram ser construídas, discussões referentes ao uso da merenda escolar que estava escassa, reivindicação de mais dois tanques d'água, confirmação da data para construção das cercas das áreas coletivas e recomendações quanto ao aspecto religioso. Este último assunto se tratava de recomendações para frequentarem mais os catecismos.

Em meio a esses assuntos Dona Quitéria pede a palavra e começa a falar: “vocês estão todos falando disso, mas nós temos que se lembrar de Deus. Já disse a Suelder que a igreja já deveria ter sido feita (...)”. Então Suelder toma a palavra e diz “uma boa ideia é fazer a igreja na casa de Zé Piqueno, ele num vai receber a casa? (...)”. Antes mesmo do presidente da associação terminar sua fala, Dona Quitéria se levanta e questiona: “Você acha que vamos desmanchar uma casa para fazer a igreja? Já vamos com mais de dez anos nessa conversa. A igreja não vai ser lá não, tem que ser aqui no

pátio, no meio”. A casa fica 80 metros do pátio da fazenda, mas ela completa seu argumento dizendo: “nunca vi uma igreja no meio do mato. Quando vocês recebem um convidado em casa, chamam ele para a sala ou para o quintal? A igreja deve ser onde fica essa cruz. Foi ali que padre Antônio quis.”

O presidente da associação aciona um discurso que acaba calando várias pessoas que haviam pedido a palavra, o que demonstra a relevância do assunto. Ele diz que “não há verbas para igreja, se fosse uma casa, um tanque, uma escola ou coisa assim nós teríamos ou ia atrás, mas igreja não é coisa de governo”. Dona Zefinha balança a cabeça, depois perguntada lá fora, sobre o assunto, ela afirma que “essa conversa ainda vai rolar muito, já estou velha de ouvir isso”, e sai rindo. O presidente argumenta que se fosse para remodelar a casa, a igreja saia, Dona Quitéria diz que “se é para pagar a promessa? Que se pague certo, como foi feita”. O fato é que há uma unanimidade em relação à construção da igreja, entretanto, há divergência de como, onde e quando deve ser feita.

É perceptível que não houve cobrança em relação ao Estado, mas em relação aos moradores, uma vez que há compreensão de que o Estado é laico, não compete às instituições públicas financiarem a construção da igreja. Esse argumento de laicidade não foi contestado em nenhum momento, além do mais, a rezadeira deixou claro que a cobrança e responsabilidade recaem sobre os moradores, conseqüentemente era uma questão pertinente à associação que é quem gere as questões coletivas. O falatório depois da reunião era de que a associação não tem dinheiro sobrando, se tivesse a prioridade seria a construção de pontes e tanques que ainda faltam na comunidade. Por outro lado, as pessoas religiosas persistem na reivindicação da igreja, argumentando que “na hora do aperreio todo mundo procura as coisas de Deus, mas na hora de reconhecer ninguém se lembra”. Tanto religiosos quanto os representantes da Associação, reconhecem que há uma dívida para com Nossa Senhora das Dores, o próprio presidente da associação o reconhece. Falando sobre essa dívida o presidente afirma: “homem de bem é aquele que não deve nada a ninguém, dívida é dívida. Um Grande Homem é aquele que não deve a ninguém, o povo é que tem que dever a ele, se ele promete tem

que cumprir, quanto mais a um santo³⁴”. O interessante é que há uma articulação incessante entre os discursos laicos e os religiosos. Dessa forma, a visão moderna de mundo e a tradição religiosa se complementam (GIUMBELLI; 2006), quando se trata de reconhecer a dívida da igreja mediante a graça da promessa.

Fica claro que a visão de mundo laico moderno que nos fala Weber (2005) é perceptível na comunidade, mas não exclui a cosmologia religiosa, uma vez que a própria religião acaba motivando posicionamentos éticos morais dentro do mundo secular. Um exemplo claro disso é a situação ligada às eleições municipais, uma vez que havendo dois candidatos no município de Iati, um deles é ex-padre, e os moradores não usaram a associação para fazer política, nem usaram do artifício de pedir a um dos possíveis candidatos favores para construção da igreja. Embora por parte dos candidatos tenha havido tentativas de prometer melhorias e ajudas nesse sentido, para barganhar apoio político dos líderes e da rezadeira. Inclusive várias pessoas ligadas às atividades religiosas, que celebravam junto com o padre no início do assentamento não votam nele, usando o argumento de que “nas coisas da igreja é uma coisa, na prefeitura é outra.” Muito embora não se possa negar que através da influência da igreja o candidato pode ter mais oportunidade de se apresentar e articular-se com as pessoas religiosas na comunidade, entretanto, os argumentos que prevalecem para a escolha de um dos candidatos são sempre ligados à administração e habilidades diante do poder público.

Dessa forma, os valores que fundamentam as ações políticas e religiosas na comunidade não se excluem, pelo contrário, juntos formam a cosmologia que dá sentido as ações cotidianas. Se há conflitos, são em relação às demandas, disputas para que haja mais atenção a determinadas práticas, como é o exemplo das rezas e dos catecismos, que a rezadeira sempre reivindica a necessidade de maior participação. No entanto, essa cobrança não vai contra os princípios da comunidade, muito pelo contrário, é recorrente os moradores afirmarem que são uma comunidade religiosa e que, graças a isso, estão hoje assentados e juntos.

³⁴ Grande Homem é uma expressão usada por alguns moradores para se referir a Homens de negócios, honrados e bem sucedido economicamente. Eu perguntei para um nativo: o que seria um grande homem? Ele respondeu que seriam pessoas que têm um dom dado por Deus, e que desse dom dado por Deus fazem o bem. Disse-me ainda que eu seria um grande homem se usasse minha inteligência para o bem do povo, sem querer ser melhor que ninguém.

2.4. COTIDIANO PÓS-ASSENTAMENTO E RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE

A maioria dos moradores da comunidade Boi Branco tem uma renda per capita muito baixa, uma boa parte deles são assistidos por programas assistenciais do Governo Federal como, a aposentadoria, o Bolsa Família, Fome Zero, Bolsa Escola e o Plano Safra, este último é muito útil por compensar os prejuízos da lavoura nos períodos de estiagem, que são comuns. Então os camponeses tentam se fortalecer entre si e suprir suas dificuldades através do sistema de troca de bens e serviços que se estabelece na comunidade. Tal qual descreve Marcel Mauss (2003) em seu *Ensaio Sobre a Dádiva*, ocorre no Boi Branco um conjunto de trocas simbólicas e míticas que constituem os vínculos sociais. Assim, no cotidiano os moradores põem em prática os valores morais que constituem a vida comunitária, que é a solidariedade e a união.

Na comunidade, as relações com os fazendeiros não são bem vistas por ser assimétricas, o Sr. João disse que “só devemos procurar os grandão quanto num tiver mais aonde ir, só quando o sapato apertar mesmo”. Isso demonstra que as trocas e relações de solidariedades devem se estabelecer, idealmente, entre os próprios assentados. Um exemplo claro disso, são os chamados *Adjuntes*³⁵; formas de trabalho coletivo, conhecido, em outras realidades, como mutirões. Os *adjuntes* acontecem normalmente durante os períodos de inverno, quando plantam a lavoura de subsistência. Consiste na troca coletiva de mão de obra, onde se junta uma turma de pessoas para trabalharem nas roças. Suponha-se que um indivíduo tenha uma pequena roça, podendo arar a terra e plantar em dez dias de trabalho, se optar pelo *adjunte* irá trocar as diárias de trabalho com seus vizinhos, irá trabalhar nas lavouras deles, que retribuíram na mesma quantidade de dias em sua lavoura. Matematicamente não há prejuízo, uma vez que só é retribuído o número de dias recebidos, mas para os nativos o fato de estarem trabalhando juntos anima a produção e aumenta os resultados.

³⁵ Termo nativo que se refere a relações recíprocas de trocas de mão de obras nas roças. Muito semelhante aos mutirões, onde ocorre a ajuda mutua descrita por Sabourin (1999: 43).

Em uma visita à comunidade, no mês de julho de 2011, presenciei várias pessoas trabalhando juntas em um roçado. Ao entardecer, pude ouvir os moradores combinando irem, no dia seguinte, para a roça de outro proprietário, percebi ainda que a sequência das roças, eram priorizadas conforme o tamanho, as maiores eram as primeiras. Um trabalhador perguntado por que realizavam aquele sistema de troca, respondeu que: “é bom pro cabra num trabalhar sozinho, olhe o camarada sozinho dá uma desanimação. Pega bem cedo e meio dia já tá enfadado, mas com desse tanto de gente o eito num instante termina”³⁶. Sr. João usou o exemplo das varas para mostrar a importância de trabalharem juntos, disse ele:

Vá na mata e bata num pau, se ele estiver só você quebra num instante, mas se você pegar duas varas finas de pé-de-moleque-duro, uma só é mole, mas as duas juntas quero ver o cabra quebrar, pois bem assim é o povo, se um fraco estiver sozinho, vem um forte e num instante quebra, mas se se juntar os fraco, quero ver, o cabra tem que ser bom pra quebrar (relato registrado no mês de julho de 2011, diário de campo).

Ao falarem de relações recíprocas no trabalho, os nativos falam de união, o que demonstra o motivo pelo qual se referem aos fazendeiros como “os grandão”. Muitos nativos dizem já terem participando de *adjuntas* nas fazendas, principalmente, antes de serem assentados, mas ao contrário da comunidade não havia reciprocidade entre os trabalhadores. O fazendeiro oferecia um banquete, farto de carnes diversas e comidas típicas da região: buchada de bode e sarapatel de porco. No final da tarde, era festejado com muita bebida o dia de trabalho. Alguns têm sentimentos nostálgicos, mas outros se referem a esses eventos como explorações e por esse motivo não realizam na comunidade dessa forma. Receberem e retribuírem o trabalho são experiências vivenciadas entre os próprios assentados, diferente dos fazendeiros que não trabalham nas roças, só lhes retribuindo com comidas e bebidas, o que estaria segundo a expressão de Velho (1995:19) “cativando” os trabalhadores.

Segundo Sabourin (1999) os vínculos de apadrinhamento e compadrio entre trabalhadores rurais e patrões constituem relações de reciprocidade, onde pode ocorrer a dádiva, como conceituada por Marcel Mauss (2003). Sabourin (1999: 42) entende que:

³⁶Quando falam sobre esse assunto, é nítido que essas relações eram anteriores a atuação das CEBs, que orientou a utilização desse sistema para construções das residências conforme afirmou Frei Juvenal.

“o apadrinhamento recíproco das crianças entre duas famílias sem laço de parentesco é uma forma de aliança extremamente forte que permite multiplicar as redes interpessoais além da esfera local, das classes sociais e das categorias socio-profissionais”. Afirma ainda que o apadrinhamento constitui a dádiva, porque através dele as pessoas adquirem a obrigação de *Dar, Receber e Devolver*. No Boi Branco, os nativos ao batizarem seus filhos e se tornarem compadres, entendem que passa a haver vínculo de parentesco, mas evitando a qualquer preço ser compadres de fazendeiros para não terem seus filhos afilhados de pessoas que não sejam de suas mesmas condições sociais, pois dizem que “a gente deve procurar ser compadre de gente como a gente, porque os ricos só querem afilhados para explorar e trabalhar em suas terras” (Fala de Dona Maria, 53 anos de idade). Assim, as obrigações de *Dar, Receber e Devolver* que constituem a dádiva e criam os vínculos sociais, ocorrem dentro da comunidade nas relações entre os próprios moradores e pessoas que têm as mesmas condições sociais.

Há outros exemplos de trocas recíprocas e intercâmbios³⁷ entre os moradores, um deles são as partidas de futebol que são realizados na comunidade a cada quinze dias. Neste caso, se trata de relações externas e internas, uma vez que um determinado time vem jogar na comunidade e recebe a visita do time da comunidade na semana seguinte, criando o vínculo social de obrigação recíproca. Os moradores se juntam internamente para arcarem com as despesas para irem jogar fora e esperam na semana seguinte a presença dos jogadores exteriores. Jogando todos os domingos, uma vez recebendo e outra retribuindo a visita; não ir jogar fora é constrangedor, o time pode ser suspenso de torneios, ou não poder mais jogar nessa região, uma vez que não há mais credibilidade nesse time. Quando vão jogar fora, vai também um conjunto de pessoas para torcer pelo time que representa a comunidade; quando recebem times de fora, o conjunto de moradores se reúne as margens do campo para torcerem. Alguns dizem que vão para fora, apesar de não jogarem, mais para contribuir com a taxa de R\$ 5,00 para o combustível do caminhão que leva os jogadores. Por sua vez, os jovens conhecem

³⁷ Sabourin (1999: 41) entende que “a operação de intercâmbio corresponde a uma permutação de objetos, enquanto a estrutura de reciprocidade constitui uma relação reversível entre sujeitos”. De maneira geral, na comunidade Boi Branco, o intercâmbio ocorre paralelo às relações de reciprocidade. Aqui busco analisar os casos em que as trocas simbólicas visam criar, manter ou reproduzir a sociabilidade, que é o que constitui a dádiva, como aponta Sabourin (1999).

lugares diferentes através destas viagens, um deles com 17 anos de idade, disse: “o que eu mais gosto é de ir nos domingo pra fora, já fui um monte de canto, Serrinha, Iati, de Iati pra lá, Águas Belas, São Pedro, Pedra, Caetés e um monte de canto”. Ao narrar esses lugares, o jovem estudante de ensino médio, contava nos dedos os lugares e falou depois dos atrativos que havia nesses lugares. Se referindo as principais atrações, disse-me que se tratava das bebidas, comidas, lanches e sorvetes. O campo de futebol é, predominantemente, um espaço dos homens, mas muitas mulheres, sobretudo jovens, fazem-se presente para torcerem como ocorre na comunidade.

As relações de solidariedade também podem ser identificadas nas doações que são feitas na comunidade, aqui são diversas. O Sr. Manuel disse que já ficou com sede ao doar água para seus vizinhos, mandou que pegassem enquanto estivessem com sede, mas quando chegou tarde da roça não tinha água em sua própria casa nem para beber, então foi pegar no vizinho que havia se abastecido em sua cisterna. No ato da pesquisa, fiz várias refeições nas residências dos nativos, onde percebi que alguns se referiam à comida como sendo sagrada, sobretudo a carne. Ouvi Dona Zefinha, de 61 anos de idade, dizer que comida não se deve negar a ninguém, pois Deus é quem dá o sustento. Essa mesma senhora diz ter pedido a Deus força para nunca comer puro, sem carne, pois para ela era muito ruim, disse já ter passado por esta situação, mas agora que é aposentada “estou rica”.

Certo dia, eu e meu irmão, que me acompanhava no ato da pesquisa, estávamos com fome, por volta de três horas da tarde, sem almoço. Fomos visitar um senhor, que chamou sua esposa para servir almoço, ao agradecermos ele perguntou se já havíamos almoçado, dissemos que não. Este ficou indignado e disse que nunca mais fizéssemos aquilo, pois era um pecado grande; está com fome e não pedir, assim como ter comida e negar. Já Dona Zefinha, em outra ocasião, nos deu água para beber, quando estávamos bebendo, no calor do meio dia, quando a ouvimos dizer: “vocês querem comer?”. Dissemos que já havíamos feito nossa refeição, logo ela continuou: “se não comeu ainda diga, o feijão é puro, mas ainda tem na panela. Eu não nego um prato de comida a ninguém, nem água. Só sabe o que é fome e sede quem já passou e toda vez que chega alguém aqui com fome eu dou, e me lembro dos meus que andam pelo mundo

trabalhando”. Esta senhora se referia aos seus filhos que saíram de casa, jovens para trabalharem em São Paulo, disse ainda que toda noite rezar por eles.

Também vi ocorrerem várias doações e trocas de utilidades domésticas entre as mulheres. Como é o caso do sal, que não pode ser doado, apenas trocado. Se alguém retribuí-lo tem que ser com o mesmo bem ou com dinheiro. Foi o que ouvi dizer Dona Rosinha, a esposa do Sr. Carlos, na hora de meio dia, quando uma moça veio e a chamou, em particular, para pedir este item. Outros cereais como feijão, arroz, temperos, ovos, etc., são trocados e doados de maneira generalizada na comunidade. Assim, como os utensílios de uso doméstico e de trabalho que são partilhados, doados e trocados.

As trocas simbólicas e econômicas também se dão com bens de maiores valores como a terra e o gado. Em relação à terra, os moradores que residem em suas casas feitas nos lotes têm o hábito de deixarem suas residências na comunidade para que outras pessoas possam morar, enquanto trabalham em seus lotes. Comumente são apoiados parentes e amigos que não tem onde morar, várias pessoas que chegaram depois do assentamento foram acolhidas. Sr. João, que trabalha na propriedade de Carlos, lançou o argumento de que: “a terra cabe todo mundo e sem terra é um só”. Assim há solidariedade com aqueles que partilham do mesmo sentimento e condição dos moradores antes de chegarem à comunidade. Um senhor, de 69 anos de idade, estava construindo uma casa no lote em que trabalhava, ao visitá-lo pergunto, para quê tal construção? Ele responde: “É para passar o inverno aqui, mas se eu não puder morar fica para outro, dá pelo menos para dar uma morada a um cristão”. Dona Maria Vaqueira é um exemplo de como acolhem uns aos outros, disse ela que: “eu vivia perambulando pelo mundo, aí meu menino ganhou esse lote, não Sabe? Aí fez essa casinha de taipa pra eu, aqui agora vivo sossegada, sem andar pelas portas dos outros. Se Deus quiser só saiu daqui quando morrer! Já estou velha, num posso mais viver correndo por aí mais não”.

Em relação ao gado, a troca é feita entre aqueles que têm vacas e precisam de bois para cruzar, então recorrem aos que tem os novilhos. Também é comum os moradores darem vacas para os que não têm poder criar de meia, nesse regime as crias são divididas pela metade. Há casos em que os moradores pegam leite de graça nos

currais, outros trabalham por ele. Teve um caso de um morador que pegou uma vaca emprestada para tirar leite, para sustentar seu filho, o dono não cobrou nada em troca, apenas o cuidado com o animal. O pasto que sustenta o gado também é doado ou trocado por leite. Não vi ninguém na comunidade dizer que vendeu pasto, exceto a palma que é um bem de mercado, altamente lucrativo³⁸. Alguns dizem que ajudam não ao dono dos animais, mas aos próprios animais, pois estes são inocentes, não falam nem são culpados da falta de pasto. Os criadores têm um sentimento em relação ao gado, como veremos em seguida, que faz com que suas trocas envolvam mais que a necessidade do lucro. A rezadeira disse que recorrem à reza mais para curar o gado do que aos próprios homens, demonstrando que há uma preocupação com a vida e bem estar dos animais.

O sistema de troca na comunidade é generalizado, não se restringindo apenas aos bens materiais, mas se estendem a espiritualidade das pessoas. A própria rezadeira entende sua atividade como “um dom” dado por Deus e a cura dos doentes é “uma graça” que vem dos santos, portanto não pode cobrar pelo serviço que presta, nem negá-los, pois graça que vem de Deus é para todos. Quando aceita doações é porque a pessoa “quer dá de bom coração, não se pode deixar de receber”. Normalmente, as pessoas que vem à rezadeira trazem: feijão, milho, farinha, café, enfim, bens de consumo diários ou domésticos; o dinheiro é incomum. A rezadeira acredita que a maior retribuição é a fé da pessoa que acredita em sua eficácia e na reza, bem como nos santos e no milagre que estes realizam: a cura. Assim, há uma semelhança com a analogia de Lévi-Strauss (1989) em seu texto *O Feiticeiro e sua Magia*, uma vez que, aqui também:

(...) a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crenças do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça. Nenhuma das três partes em causa está, evidentemente, apta a formar uma representação clara da atividade do simpático, e dos distúrbios que Cannon denominou de homeostáticos (LÉVI-STRAUSS; 1989: 194).

³⁸A palma se tornou um bem lucrativo e escasso, por conta das secas e da praga da cochonilha do carpinim, praga que devastou toda a palma forrageira.

A rezadeira está agindo num campo de forças que é sempre de troca simbólica. Os santos são *personas* que agem na vida dos religiosos, podendo castigar ou abençoar os fiéis. Embora o santo possa agir com autonomia e por vontade própria, os religiosos coagem e negociam através de seus rituais de fé (MAUSS; 2003). Realizando celebrações e oferendas, enfeitando suas imagens com flores e velas. O próprio ato de fé é um ato de confiança que cria vínculos de reciprocidade. Assim como confiaram em Nossa Senhora das Dores para pedirem a graça da terra, que ao receberem não possam negá-la a ninguém, pois a graça deve sempre ser partilhada³⁹.

Os moradores devem ser solidários uns com os outros, porque os santos são solidários para com eles. Dessa forma, quando alguns nativos não participam das relações de solidariedade na comunidade, são chamados atenção, sobretudo, pelas lideranças religiosas que os lembram de que recorrem aos santos quando necessitam e só estão no assentamento graças à promessa para com Nossa Senhora das Dores. Frei Juvenal que os ajudou no início vem agora pedir as pessoas do assentamento que ajudem outras comunidades, assim como foram ajudados, então os moradores, em sua maioria, colaboram com ele, quando isso não ocorre há censura de alguns moradores para com os outros, pois não ajudar é sinônimo de avareza e negação de comunhão para com os irmãos que precisam. O espírito coletivo se sobrepõe também quando os nativos afirmam que os laços de união resistem às opressões dos fazendeiros da região. Essas formas de solidariedade são ensinadas e divulgadas, pelas CEBs como presenciei em suas reuniões. Os líderes religiosos, na medida em que leem o evangelho, discutem as questões sociais reforçando a ideia de que os homens são livres e devem praticar a comunhão com os irmãos necessitados. Assim, a fé ganha um caráter prático, na medida em que é vivenciada como forma de solidariedade.

³⁹ Essas crenças nos santos são forma da religião das pessoas da comunidade Boi Branco, como observa Frei Juvenal, ao falar das CEBs e dos santos regionais. Disse ele, que o melhor que podiam fazer era educar os moradores para usarem corretamente essa fé. Com isso ele afirma que: “Padre Cícero foi um homem muito sábio que queria o bem de todos, primeiro a dividir terra. Frei Damião pregou o bem, conhecia a necessidade dos pobres. São Francisco de Assis, meu patrono, dividiu tudo que tinha; em gesto de amor e partilha” (Fala de Frei Juvenal, registrada em: 14/03/2012). A devoção é reinterpretada, pelo mensageiro das CEBs, como motivação para partilha, reforçando as relações de solidariedade e união entre os nativos.

Aqui, talvez, essas questões possam responder a uma curiosidade que os próprios moradores lançaram pra mim, enquanto pesquisador, que é: “*Por que a comunidade Boi Branco foi o único assentamento do INCRA que deu certo na região, enquanto muitos outros fracassaram?*”. Alguns nativos têm algumas respostas, que parecem satisfatórias, dizem que: “o que fez a gente ser quem somos hoje é a fé em Deus”, “estamos aqui graças à promessa com Nossa Senhora das Dores”, “a união entre nós fez a força” e “somos todos iguais aqui, ninguém é melhor que ninguém, então todo mundo trabalha”. Além dessas afirmações, fica claro que o valor atribuído a terra foi determinante para consolidação e manutenção do assentamento ao longo do tempo. Sem a terra os moradores se viam sem dignidade, porque para eles o homem só é plenamente gente quando é *autônomo*, sendo *dono de si* com o seu lugar no mundo. Então a singularidade deste assentamento é o sentido cosmológico que consolidou os valores e sentidos da luta pela terra e o conjunto de ações políticas sindicais e religiosas que formaram a comunidade Boi Branco.

TERCEIRO CAPÍTULO

3. OS DONS DE DEUS

Neste capítulo, busco compreender os aspectos simbólicos que dão sentido a formação e à vida na comunidade. A análise aqui proposta busca entender como é concebida a terra na cosmologia religiosa. Dessa forma, a proposta aqui vai além de um reducionismo utilitarista, que reduziria a conquista da terra ao seu valor material e econômico. O intuito principal foi captar as narrativas e crenças religiosas que fundamentam o seu valor simbólico.

Nessa mesma direção, analiso a relação que se estabelece para com o gado; que é o elemento mais importante do ponto de vista econômico na comunidade. No entanto, os significados que permeiam a relação com ele também estão fundamentados na cosmologia religiosa. Isso possibilitara compreender porque o gado é imprescindível à vida social da comunidade, uma vez que só o criando em suas terras podem usufruir plenamente da condição de *ser dono de si*. É compreendendo a relação com o gado e a terra que iremos entender como é construído os sentidos ontológicos de ser e de mundo. O gado é importante tema de pesquisa porque ao falarem dele os moradores também revelam como constroem suas noções de *autonomia e dignidade humana*.

Por fim, analiso como a terra e o gado é compreendido na dimensão simbólica da comunidade e como essa visão foi construída. Então passo a discutir aquilo que é o ápice da vida cultural e fundamenta a vida social na comunidade: que são as crenças e os valores religiosos. Nessa mesma direção, procuro compreender como são vividas as práticas religiosas e como o mundo é interpretado pelos religiosos, que ao manifestarem sua gratidão e devoção para com Deus, demonstram quais são os valores que constituem suas vidas.

3.1. A TERRA

A terra é o elemento imprescindível à condição de agricultor e pecuarista, sendo assim é a categoria central que constitui o campesinato. Além da relação material e econômica que se estabelece com ela, é importante salientar os aspectos simbólicos que a circundam, como a cosmologia e relações socioculturais que se estabelecem em seu entorno. É comum ouvir os moradores da comunidade Boi Branco se referirem a terra como elemento sagrado⁴⁰, tanto quando fazem interpretações bíblicas, como ao narrarem à luta de reivindicação da qual participaram. Alguns tratam a terra como um bem material que pode gerar lucro, assim ela pode ser vendida, trocada ou negociada, entretanto, essa visão não é comum à maioria dos moradores, tendo em vista que desde o início do assentamento menos de dez famílias negociaram suas propriedades, o que para alguns significa dizer que a terra é uma conquista sagrada, que lutaram por ela e não há razão para se desfazer deste bem, que embora seja um bem de valor, seu valor simbólico é inestimável.

Há um ditado popular na comunidade que diz: “Deus não dá asas a cobra”, outro que complementa é “Formiga quando quer se perder cria asas”. Essas duas falas são comumente usadas pelos nativos ao se referirem à venda do pedaço de chão que os assentados conquistaram. A respeito de um senhor que vendeu seu lote, um nativo disse que “formiga quando quer se perder cria asas, nunca vi quem vende sua casa ou terra para ganhar dinheiro voltar a ter uma que chegue aos pés da que tinha. Quem perde a morada perde o sossego.” Se observarmos a história dos moradores antes de conquistarem a terra, fica evidente a razão de entenderem-na como o resultado de um sacrifício.

As categorias sacrifício e luta são recorrentes nas falas dos nativos, quando se referem ao período de reivindicação da terra. A categoria de sacrifício⁴¹ é de uso comum do campo da religiosidade, mas é usada de maneira generalizada na comunidade para se referirem aos momentos antes da conquista da terra, pois para eles quando não a

⁴⁰ É comum ouvir os moradores falarem da terra como sagrada ou como um dom de Deus, esses dois termos se referem à compreensão de que Deus a criou e a deixou para todos os homens (seus filhos).

⁴¹ Sobre Sacrifício ver Roberta Campos (2003).

possuíam sofriam e não tinham dignidade. Por sua vez, afirmam que a terra é resultado de um árduo processo de luta, marcado pela militância política ancorada pelas CEBs e pelo sindicato. Com isso, fica claro que a terra tem um valor imensurável para estas pessoas, que não abriram mão de conquistá-la, pois era o sentido da luta e do sacrifício pelo qual passaram.

A conquista da terra representa *autonomia*, porque com ela podem ser donos de si, e ao mesmo tempo faz cumprir o “desígnio de Deus,” posto que as pessoas, envolvidas no processo de conquista, creem que:

Deus prometeu a Abraão, que seus filhos seriam tantos quanto às estrelas e todos teriam terra onde morar, seria gerada a divisão da terra para que os filhos de Abraão pudessem criar e gerar filhos. Cada um teria seu pedaço de chão, mas pra isso houve luta, o povo sofreu no deserto, você num sabe dessa história da terra prometida? Pois bem, começa com Abraão, quando Deus se fez passar por forasteiro e pediu abrigo na casa dele. Ai Deus disse: Abraão tua mulher terá um filho, ela (Sara) lá dentro se riu sozinha, pensando, eu num tive quando era moça, quanto mais agora que sou velha e ainda por cima estéril. Deixa que ela num sabia que era Deus, Ele sabendo tudo o que se passa no pensamento, riu também no pensamento. Quando foi com um ano nasceu o primogênito e Deus testou Abraão pedindo para matar o filho, mas num matou não, Deu um carneiro no lugar. Isso foi porque a descendência de Abraão tinha que povoar toda terra. Então quer dizer, a promessa e a luta é grande, viu? Começa desde o começo dos Tempos. (Narrativa de Dona Quitéria, registrada no diário de campo em 05/03/2012)

Assim, todas as pessoas têm um direito comum dado por Deus no “começo dos tempos”, não sendo possível negar a necessidade de fazer a vontade Dele, pois seria cair na “atentação” do mal, como afirma ainda Dona Quitéria:

Num duvide que existe o cão não, que existe. Assim como há Deus ele também existe e num está no inferno não, que nem muita gente pensa, está solto no mundo, porque tem tanta miséria? Tanta fome e desgraça? Porque o cão cega o povo, o bicho preto tem poder, ele atenta viu? Ele cega a pessoa pra gente pensar que ele num existe, ai ele começa a fazer o mal. Mas Deus não se contenta em ver o mal acontecer, por isso não tem tanta desgraça. Mas quando a gente deixa o cão agir, ai nasce a desunião, a intriga, a fofoca, a mentira e a miséria. Tudo quanto num presta!(Fala de Dona Quitéria registrada em diário de campo e gravada em 23/02/2012).

Então os moradores tentam viver de forma autônoma, porque Deus não quer que seus filhos vivam sem dignidade. A ausência de dignidade seria mais uma

manifestação do mal, por isso tentam fugir dessa condição a qualquer custo. É com esse mesmo intuito que alguns moradores dividem seus lotes com quem não tem terra, para que todos possam usufruir da terra da melhor maneira possível. Na comunidade, há também exemplos de pessoas que dividiram suas terras com seus vizinhos, embora cada um tenha o seu lote, muitos preferem trabalhar em uma determinada terra por ser mais fértil. Os moradores dizem partilhar suas terras para que haja abundância de alimentos para todos na época da colheita. Essa atitude de dividir os terrenos é voluntária, pois cada proprietário tem total autonomia sobre seu lote, podendo usufruir individualmente dele sem interferência de ninguém, uma vez que cada um é dono do seu próprio pedaço de chão, não havendo relação de subordinação.

Os moradores cada um ao seu modo constroem ao redor de seus lotes as cercas com estacas de madeira e arame farpado para demarcar as divisas e cercar a área para criação de seus animais. Assim, podem criar e plantar dentro do que lhes pertence sem incomodar os demais moradores, que também têm autonomia para usufruir do seu como queiram. Dessa forma, o arame farpado que antes era sinônimo de opressão, como demonstra Paiva (2008), por representar a propriedade alheia, agora na comunidade significa a possibilidade de manter o rebanho junto ao que lhes pertence. A cerca que afastava a possibilidade de liberdade agora já não é mais ameaça, mas protege aquilo que “Deus lhes deu”.

Ouvi diversas narrativas ligadas ao sonho da conquista da terra. Muitos dos moradores trabalhavam em fazendas ou como trabalhadores braçais nas lavouras dos proprietários da região. O Sr. Zé Pequeno disse que trabalhou mais de vinte anos para um fazendeiro e saiu sem direito a uma camisa, nem fez questão, pois seu patrão era muito bom. Esse senhor disse-me ainda, que: “no fundo do meu coração sempre sonhei em ter meu pedaço de terra, trabalhar pra os outros é ruim, pois não tem hora certa nem de comer. *Agora eu faço o que quero!* Mas só estou aqui hoje por um milagre, que nem eu acreditava muito nesse negócio de reforma agrária não!”.

Fica claro que foi com a conquista da terra que Sr. Zé Pequeno passou a ter autonomia, não tendo mais que trabalhar para os outros. Para Otávio Velho “a expressão *cativeiro* aparece para designar ausência de liberdade ou, mais precisamente, de libertação; os dois termos formando, portanto, um binômio indissociável, sobretudo

através das expressões derivadas *cativo* e *liberto*, como em *terra cativa* e *terra liberta*” (VELHO; 1995: 14). Ainda segundo este autor:

O que impressiona fundamentalmente no cativo, tal como ouvem contar, é o fato de trabalhar-se sem receber nada em troca, a não ser alguma roupa e comida. Por extensão, qualquer situação considerada de muita exploração e perda de autonomia é identificada com o cativo. Simplesmente trabalhar como *empregado* já apresenta certas características de cativo. (Idem; p. 25/6).

Este termo também é usado pelos moradores da comunidade para se referirem às relações de trabalho com os fazendeiros, só saindo dessa condição após realizarem o assentamento. Muitos moradores tinham o sentimento de indignação, por não terem seu “pedaço de chão”, pois se sentiam no cativo, mas não encontravam meios de conquistarem a terra, nem seu trabalho dava condições para acumularem dinheiro para comprarem. Por outro lado, não podiam invadir terras alheias, pois a terra sendo sagrada, para eles, não podiam violar o direito de propriedade das outras pessoas. Foi com o agenciamento das CEBs e do Sindicato de Águas Belas que se tornou possível terem o que desejavam, por meios legais e com justiça social. O sonho dos moradores se complementa com a profecia da rezadeira que acredita que os filhos de Abraão teriam terra dada por Deus. Os nativos sempre sonharam com a terra, mas só podiam conquistá-la de forma que não prejudicassem ninguém, havendo assim a concepção de que só é possível a reforma agrária pela legitimidade da lei. Para os moradores é através da terra que se tem dignidade, logo não trabalhar nela é o mesmo que possuí-la de forma ilegítima. Esse foi um dos motivos que escolheram a fazenda Boi Branco para realizarem o assentamento, uma vez que não estava sendo produzindo em suas terras, e para os atuais moradores da comunidade não é justo manter grandes propriedades sem ser cultivadas. Os moradores entendem que Deus deixou a terra para ser trabalhada pelos homens, e só podendo usufruir do seu próprio trabalho, o camponês mantém sua dignidade. Logo há uma responsabilidade para com o uso da terra, que para ser legítima deve ser trabalhada e obtida por meios legais sem que haja prejuízo para outras pessoas.⁴²

⁴² Os nativos entendem que é a terra foi dado por Deus aos homens, logo todos têm direito sobre ela, mas devem usufruir sem prejudicar as outras pessoas. O direito legítimo da terra é consequência deste designo de Deus, se está assegurado na lei, que não poder haver terra em regime improdutivo, é porque Deus o quis assim e os homens devem procurar meios de cumprir essa vontade.

A terra é um meio de resistirem ao regime de secas na região, uma vez que sem ela estariam desempregados nesses períodos. Ao adquirirem esse bem, puderam usufruir da madeira, pasto seco, da água nos açudes e a possibilidade de plantarem a palma que resiste à seca. Essa última vem sendo substituída pelo mandacaru, que é encontrado em abundância nos lotes dos moradores, servindo como alimento para o gado. Nas terras dos fazendeiros não tinham esse direito, uma vez que nos períodos de seca sem lucro, o trabalho remunerado era dispensado e os bens da fazenda eram preservados para uso exclusivo de seu dono. Como dizem na região “tem gente que nem um pau de lenha cede de sua propriedade”.

A terra possibilita aos moradores trabalharem para conquistarem seu sustento. Como cristãos eles têm uma concepção sagrada do “Pão Nosso de Cada Dia”, uma vez que este é interpretado como um Dom dado por Deus. A terra sendo condição para a conquista deste pão se integra na cosmologia católica como sagrada, pois é nela que trabalham e tiram seus sustentos. Desta forma, o pão deve ser dignificado com o suor do trabalho, como dizem comumente: “a coisa mais boa é poder comer de seu próprio suor”. O auge do simbolismo cristão é a ceia sagrada, onde o Pão e o Vinho simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, doados em sacrifício para perdão dos homens, para que todos tenham vida e vida em abundância. Essa concepção fornece aos cristãos a ideia de comunhão para com Deus e com os homens. Nesse sentido, viver plenamente e com dignidade para os nativos é poder ser livre e trabalhar na terra que conquistaram, pois assim podem partilhar o pão e viverem em comunhão uns com os outros.

Assim, o mundo está integrado e ordenado por Deus, porque é fundado nessa cosmologia, que fornece sentido aos homens e as coisas. A relação dos moradores da comunidade Boi Branco com a terra é constituída por um caráter místico, quando compreendem que “Deus prometeu terra aos descendentes de Abraão”. Ela, como criada por Ele, também constitui o ciclo vital da natureza, pois tudo nela se cria e nela se dissolve. Há um ditado popular na comunidade que diz “a terra deu, ela mesma comeu”. Refere-se à morte, tanto de animais quanto dos próprios seres humanos. A terra permite que se sustentem, com o plantio da lavoura e a criação de animais, mas também acaba

devorando e transformando tudo, na medida em que os seres vivos morrem e se decompõem. A cosmologia nativa está fundamentada numa “cultura bíblica” (VELHO; 1995:17) que entende que o homem, “do pó veio e ao pó voltará”. Os moradores mencionam constantemente frases que exprimem esse sentimento de pertença e insignificância com a magnitude da terra, tais como: “somos um pó de nada nesse mundo, com o vento vem e o vento mesmo leva”, “nosso destino é um só”, “aqui estamos de passagem”, “de velho ninguém passa, a terra devora” e “a terra é mãe e a todos sustenta”. Com isso o ciclo da natureza segue o percurso inevitável designado por Deus. A vida assim como a existência do planeta Terra é a manifestação de um milagre divino. Por isso, a vida manifesta o mistério e a terra materializa o poder de Deus, que não se reduz aos aspectos materiais, mas constitui a manifestação do sagrado, que é a forma que os religiosos percebem o poder divino.

A relação que se estabelece com a divindade se estende para a relação com a terra, na dependência e no sacrifício. É preciso zelar por ela, cuidar e ser digno de seu merecimento. Embora seja sempre graça não merecida, invoca o sentimento de dignificação e responsabilidade para os sujeitos que adquirirem parte dela. Os filhos dos assentados são vistos, pelos mais velhos, como privilegiados, pois já nasceram com dignidade, não sofreram humilhação de não terem onde morar, mas são sempre aconselhados a não desperdiçarem esse dom, por isso devem trabalhar nela e sustentarem suas famílias.

Dessa força pode-se entender que a terra conquistada é sagrada, por ser uma graça de Nossa Senhora das Dores, deixando os moradores livres das relações opressoras de trabalho, lhes dando uma parte e um lugar no mundo. Com isso, sentem-se dignificados como cristãos e camponeses, na medida em que é cumprida a vontade de Deus, que havia prometido a Abraão que sua geração habitaria toda a terra. Essa concepção integra a cosmologia cristã e reforça os sentidos simbólicos do catolicismo. O trabalho na terra possibilita que seja cumprida a vontade de Deus, já que os moradores pedem a Ele em oração o pão nosso de cada dia, para poderem comer do suor de seu próprio rosto, podendo assim dividir com os demais moradores o pão, gerando a união e irmandade entre os filhos de Deus na terra.

3.2. O GADO

Dentre as etnografias clássicas “Os Nuer” é a que traz um estudo detalhado de como um povo vive do gado, assim segundo seu autor Evans-Pritchard:

Algumas tribos cultivam mais, outras menos, de acordo com as condições do solo, com a água à flor da terra e com sua riqueza em gado, mas todas elas consideram a horticultura como um pesado encargo que lhes é imposto pela pobreza do rebanho, pois, no fundo, eles são boiadeiros, e o único trabalho em que têm prazer é no cuidar do gado. Eles não só dependem do gado para prover muitas das necessidades vitais, mas possuem o modo de encarar o mundo de um boiadeiro. O gado é seu bem mais prezado e eles arriscam suas vidas de boa vontade para defender seus rebanhos ou pilhar os de seus vizinhos. A maioria de suas atividades sociais diz respeito ao gado e *cherhez la vache* é o melhor conselho que pode ser dado àqueles que desejam compreender o comportamento nuer. (EVANS-PRITCHARD; 2008, p. 23).

Como os nuer, os moradores da comunidade Boi Branco são criadores de gado, gerando suas rendas da pecuária leiteira, ramo comum na região. Na agricultura de subsistência o que prevalece é o cultivo de feijão e milho, mas é raro a produção ser abundante, tendo em vista que as terras estão situadas na região do semiárido. As secas castigam com frequência as lavouras, tornando mais viável a produção de pastagens que possibilite alimentar o gado. Através de seus criatórios podem usufruir plenamente de suas terras e exercerem a condição de autonomia, pois criam seu gado e plantam seus pastos sem ser empregados dos fazendeiros, como antes de serem assentado.

As famílias receberam, no processo de assentamento, financiamento para construir junto com suas residências um curral, bem como comprarem gado. As escolhas dos animais para compra foram feitas pelos próprios moradores que preferiram comprar vacas da raça holandesa ou gir. Chamam a atenção algumas vacas destas raças na comunidade que chegam a dar em média 40 litros de leite diariamente. A mistura do gado holandês com o gir faz com que se gere o girolando (Ver Anexo: Imagem 16), herdando geneticamente do holandês alta produção de leite e do gir a resistência ao clima quente e tropical que prevalece na região. A única raça de gado que se admite misturar com essas é a pardo suíço, gado rústico que parece com o gir, mas se prefere o cruzamento entre as duas primeiras raças. Esse é o ideal para boa parte dos moradores com quem conversei. Para eles é imprescindível ter gado bom no curral, pois é daí que

vem seu sustento e podem usufruir plenamente dos benefícios da terra. O gado é tido como um Dom de Deus, porque através dele podem ter uma mesa farta, realizando seus sonhos, como afirma o Sr. Carlos: “todos nós sempre sonhamos em ter onde criar, agora estamos todos ricos. Com essas vacas, temos uma mesa farta, vivendo de barriga cheia, estamos na vida que pedimos à Deus, com gado bom no curral e sem ter que trabalhar pra ninguém”.

O gado pode ser pensado como principal recurso e renda. É para ele que é cultivada a maior parte das terras, onde se planta o capim, a palma e onde se fazem barragens para reter água. Também é através dele que se mede prestígio econômico e se expõe as habilidades de criador. Há na comunidade uma exposição de gado leiteiro que ocorre todos os anos. O último torneio leiteiro ocorreu no mês de janeiro de 2012. A vaca ganhadora foi de um fazendeiro da região, que produziu em média 60 litros de leite diariamente, num período de três dias seguidos. O tamanho da produção de uma vaca é muito importante, mas o próprio bem estar do animal é, em si, um valor para os criadores, nos dizeres nativos “pasto muito e gado com pelo fino é sinal de mesa farta e família abençoada”.

O que afeta o ciclo de criação de gado são as secas, com a estiagem é preciso comprar ração para manter a produção de leite. Outro fator agravante é a praga da cochonilha do capim que atacou a palma, esta última é o sustento do gado e também um bem comerciável. Porém agora com a tal praga, é preciso repor a palma por outra espécie, fornecida pelo Instituto de Pesquisa Agrária (IPA) que pretende distribuir uma espécie geneticamente modificada que resista à praga da cochonilha, mas segundo os moradores essa espécie não é produzida em larga escala. Por ser da palma “miúda”, não é muito adaptável na região, tal como a “redonda” que prevalecia antes da doença, o que implica dizer que terão de repensar a forma como sustentar o gado com essa crise da palma.

As chuvas costumam cair de janeiro a junho na região, mas ocorrem situações atípicas como a do ano de 2012, que não chovia na região desde o mês de agosto do ano anterior a abril, culminando em mortes de rebanhos inteiros e prejuízos para os moradores. A água é uma preocupação constante, para o consumo humano chega à comunidade encanada do município de Paratama, sendo distribuída num chafariz que

fica no pátio do Boi Branco de Baixo, os moradores pegam para beber. No entanto, não é possível pegar em larga escala, ficando restrito o uso para o gado. Algumas vacas já morreram de sede e desnutrição, Sr. Joaquim de 61 anos de idade, está com mais de trinta rezes no curral, comprando ração, tendo que levar os animais para beber em uma barragem com mais de um quilometro e meio de distância. Comprando capim, palma (que é rara, portanto cara) e farelo, não há possibilidade de lucro, havendo apenas um esforço para manter o gado vivo. Nesse período, é preciso tirar mandacaru e facheiro, cactos que requerem muito trabalho devido aos espinhos. Alguns moradores mostram as marcas que adquiriram ao longo do tempo trabalhando com tais plantas, que fizeram caroços, espinhadas e muitos calos nas mãos.

Há dois ditados comuns na comunidade que exprime à relação trabalho e seca, o primeiro diz que: “aqui é muita lida e pouca vida”. Esse se refere ao enfadonho trabalho e os poucos resultados colhidos. O segundo é uma profecia do Padre Cícero Romão, que dizia: “Haverá tempo em que terá muito pasto e pouco rastro, muitos chapéus e poucas cabeças”. Os nativos usam com frequência para dizerem que quando acabar a seca não sobrar nem gado nem homens, ficando só o pasto e os chapéus. Sempre que contam as profecias dele dizem: “palavra de Padrinho Cícero nunca cai no chão”, confirmando a certeza de que suas palavras são verdadeiras. Essa frase dele, usada pelos nativos, demonstra a angústia em relação às secas, na medida que o horizonte futuro não promete mudanças e sim desastre, fruto da relação do homem com a natureza.

Quando chove há alegria, ao falar sobre as paisagens verdejantes que são deslumbrantes, Sr Antônio de 71 anos de idade, se emocionou contando as dificuldades, dizia ele: “só Deus para dar a todos, veja mesmo isso aqui num tinha vida e agora o capim bufa dá na cara, quando o gado morre a gente fica triste, sabendo que os bichinhos vão pra bebida e não voltam mais, de tão magro, a gente fica magro também para cuidar deles. Olhe! Só Deus, viu!”. Encerrando depois o diálogo com a frase “só perde quem tem” o morador conta da sua relação com o gado e com a natureza. Se chover e o gado engordar é sinal de que Deus está abençoando, pois como dizia, Sr. Zé Pequeno: “quando chove tudo melhora, a gente vendo os pastos verdes e o gado gordo o coração se alegra, a gente toma uma fuga”. Há quem diga na comunidade que essa

relação do homem com o gado e a chuva se parece relação de mulher ruim com marido safado, “quando a mulher ruim apanha do marido fica com raiva, ela sofre, mas depois volta logo, esquece tudo, pois bem assim é quando chove, o cabra esquece logo o prejuízo e quer comprar mais gado, mas também quem manda ser apaixonado, só quem é apaixonado, viu!”.

Sobre essa relação Evans-Pritchard (2008:45) diz que:

Já foi observado que os Nuer poderiam ser chamados de parasitas da vaca, mas pode-se dizer igualmente que a vaca é um parasita dos Nuer, cujas vidas são gastas em garantir o bem-estar dela. Eles constroem estábulos, alimentam fogueiras, e limpam *kraals* para seu conforto; mudam de aldeias para acampamentos, de acampamentos para acampamentos e dos acampamentos de volta às aldeias, pela saúde dela; desafiam animais selvagens para protegê-la; e fazem ornamentos para enfeitá-la. Ela vive sua vida tranqüila, indolente e inativa graças à dedicação dos Nuer. Na verdade, o relacionamento é simbólico: gado e homens se mantêm sua vida graças aos serviços recíprocos. Nesse íntimo relacionamento simbólico, homens e animais formam uma única comunidade do tipo mais íntimo.

É no meio do gado que muitos moradores da comunidade Boi Branco nasceram e se criaram, é com ele que os meninos mostram sua força e coragem, domar cavalo bravo e boi grande é sempre sinônimo de coragem. Ouvi o jovem Marcos, de 28 anos de idade, dizer que em sua velhice só desejava estar num lugar onde as vacas estivessem gordas e pudessem descansar depois de uma vida de trabalho, é o que sempre sonhou desde criança.

Ao chegar à casa de Suelder, presidente da Associação, comi o queijo muito saboroso, tomei café com leite e passei a manteiga caseira na bolacha, todos esses elementos derivados do leite me fizeram perceber que da alimentação ao trabalho o gado permeia o cotidiano dessa família. Na saída da casa deste senhor, vi ainda uma cabeça de um boi na porteira, que segundo ele é uma lembrança do melhor novilho reprodutor que morreu no seu lote. Muitos moradores dizem que do gado se aproveita tudo, do esterco ao couro.

O gado, assim como a terra, é um Dom de Deus, para os moradores da comunidade Boi Branco, o ciclo entre terra, gado e homem integra a ordem natural e, portanto, designo de Deus. Em conversa com Sr. Emanuel, ouvi a seguinte fala: “até o

estrumo do gado é abençoado, veja se onde um boi caga e mijá a terra não é boa? Onde um cavalo caga e mijá num nasce nada. Por que é assim? Veja no estrumo o tamanho dos pés de milho, gado é gado, é abençoado. Dele se aproveita tudo.”⁴³ Dessa forma, há algo de especial no gado, ele traz consigo características que se diferenciam dos demais animais e permite ser domesticado para vários usos humanos. Para Suelder “o futuro está nas bezerras, com um novilho (reprodutor) bom e vaca boa é só sustentar as bezerras que se têm futuro.”

Para o gado são feitas músicas que os moradores ouvem com muita atenção e emoção. Uma toada que chama atenção é a do *Boi de Carro*, como forma de reflexão, conta o sofrimento dos bois que trabalham carregando peso e no final da vida “ao invés de morrer no cercado, meu sangue vai ser jorrado na tábua do matadouro”. O senhor José, criador de gado e carreiro, disse que não gosta de ouvir essa música porque se lembra dos bois que tinha e vendeu para abater, falando sobre isso ele afirma: “Olhe é duro, você criar os bichinhos desde novinho. Quando estão sabidos, você amansa e bota pra trabalhar, aí tome chicote e pau. Quando tão velhos só faltam falar que nem gente e o cabra pega e vende pra um machante matar, num dá pena?”. De maneira geral os moradores demonstram muito envolvimento emocional para com seus animais. Com os bois de carro, a afetividade é muito grande, pois são amansados e seus donos passam mais tempo trabalhando com eles. Em relação às cabras e ovelhas não é diferente. A comunidade tem que ter um cuidado especial na hora de abater esses animais para não causar tanta comoção e choro, sobretudo quando pertencem às crianças.

As cabras e ovelhas são criadas em menor escala na comunidade, mas o esforço por qualidade genética também é visível. O melhoramento do rebanho caprino ocorre direcionado para a produção leiteira, há na comunidade, por parte das lideranças e associação, o interesse na produção do leite de cabra, isso porque ele tem maior qualidade de proteínas e o preço é melhor. Em média, esse leite custa 50% a mais que o de vaca e na produção do queijo, que também é de duas a três vezes mais caro, a quantidade de leite necessário é menor que o de vaca, já que a gordura é concentrada. Para um quilo de queijo é necessário de 8 a 10 litros de leite de vaca, para as cabras cai

⁴³Quando se fala em gado, na maioria das vezes, estão se referindo aos bovinos, entretanto, há presença de caprinos e ovinos, mas é para vacas leiteiras que se dedicam maiores atenções e esforços.

para 4 ou 5, 6 no máximo, esta variação ocorre por conta do nível de gordura e acidez, quanto mais gordo o leite e menos acidez, mais produz volume de queijo.

A melhor raça de cabras, que se almeja na comunidade é a sânio, cabras brancas de pequeno porte. Em relação às ovelhas, o melhoramento se dá na direção de produção de carne, mas assim como as cabras, as fêmeas são mais caras e melhor tratadas, pois elas como matrizes reproduzem em média duas crias por ano. Há quem diga que por a gestação desses dois animais ser de cinco meses é melhor para os jovens e mulheres cuidarem, pois fazem uma poupança que logo aumenta, mas há casos em que a produção cresceu e não houve ração suficiente para manter a qualidade. Assim se proliferaram doenças como a lêmdea, piolhos caprinos que sugam o sangue, como carrapato, o que teve como consequência a queda da produção. Há de se observar que há produtores na comunidade que, embora minoria, especializaram-se em criar cabras e ovelhas, como é o caso de uma família que compartilha três lotes, com 54 hectares. Temos pai, filho e genro criando juntas 200 cabeças desses dois tipos de animais.

Os homens detêm o controle das vacas, não há casos de mulheres expondo vacas no torneio, é exceção mulheres saberem tirar leite de vaca, mas já em relação às cabras e ovelhas há predominância do cuidado feminino. Há exemplos, na comunidade, que os pais ensinam os filhos a serem criadores, lhes dando animais de pequenos portes como as cabras. O Sr. João me disse sobre o filho dele que: “do menino se faz o homem, de um boi se faz uma boiada; de um menino com uma cabra ou uma ovelha se faz um grande fazendeiro.” Esse homem se referia também à forma como os pais devem proceder com as crianças, usando a si mesmo e seu filho como exemplo, pois para ele é preciso educá-los para tomar conta de suas posses quando receberem a herança. Nessa direção, há interesse de educar os filhos para dar continuidade a posse da terra e a criação do gado, a possibilidade de fazer-se um fazendeiro com as criações se dá pelo fato de possuírem a terra, uma vez que agora sendo “donos de si” podem sonhar em multiplicar seus bens de geração em geração.

De maneira geral, todos criam gado bovino, já criaram ou pretendem criar quando aumentarem a quantidade de ovelhas e cabras. Um ideal comum na comunidade é: “de uma galinha se chegar a uma cabra, de uma cabra a uma vaca e com uma vaca se fazer uma boiada”. Em uma frase dita por Carlos se pode ter a dimensão de como a

sociedade se organiza e vive, pois diz ele: “aqui quem não tem gado trabalha para quem têm”. A única coisa que atrapalha esse ciclo são as secas e a praga que castiga a palma, uma vez estando na terra poderiam viver plenamente “essa vida de gado”, como chamam a relação com os animais. Tanto animais de grande porte, quanto os menores, sofrem com as secas, mas ainda assim os moradores improvisam como podem para poder criar seus animais da melhor maneira possível.⁴⁴

Chegando às residências se sente o cheiro dos currais próximos, que para os moradores é um cheiro saudável já que é da natureza, também se ouvem as vacas berrando à noite e nas horas que estão comendo ou tirando-lhes o leite. Os horários dos criadores são definidos em função dos cuidados com suas rezes, não é comum atrasarem nas horas de tirar o leite, dar farelo, cortar palma ou capim que são atividades diárias, que para serem cumpridas requerem que os seus executores durmam cedo e acordem de madrugada. Os moradores relatam que para criarem, os homens devem ser cuidadosos, atenciosos e dedicados. Cuidar dos bezerros principalmente, pois eles são o futuro do rebanho, não se admite que retirem todo leite do peito da vaca sem que o seu filhote possa ter mamado no mínimo um litro e se o tirador não tiver cuidado em lidar com o filhote, a vaca poderá esconder o leite em seu ubre para ele. É preciso muita atenção, principalmente com a alimentação, um simples punhado de capim quente pode intoxicar as vacas, que manifestaram os sintomas ao não remoerem a ração, para ver isso é preciso olhar atencioso. O gado exige também muita dedicação pelo fato das atividades serem diárias, não é recomendado deixar aos cuidados de estranhos, pois nunca cuidam como o dono, dizem ainda que o rebanho se adapta ao ritmo de cada criador, podendo reduzir sua produção leiteira mediante interferências de pessoas que o rebanho não esteja acostumado.

⁴⁴ Em visita a Dona Quitéria, numa tarde calorosa de verão, vi a mesma chegando a sua casa, por volta das três horas da tarde, no calor abrasador, trazendo um molho de capim na cabeça, para as cabras. Acompanhando-lhe até o curral onde vi umas oito cabras, perguntei o preço de uma das menores e a mais magra, ela então respondeu que custava de R\$ 250,00 à R\$ 300,00. Achando caro, pergunto o porquê deste preço, ela diz que se deve ao período de chuva que se aproxima, mês de janeiro em diante. Isso faz perceber o motivo da angústia do Sr. Manuel em relação ao gado bovino, que me dizia: “quando poderíamos ganhar dinheiro não temos mais fôlego e vendemos o gado de graça, o fazendeiro compra, dá ração e a chuva cai e ele enrica. Olhe! Meu filho, aqui é assim, quando Deus dá a farinha, o cão vem e rouba o saco”. Com a ausência da palma e com falta de ração para manter muitas cabeças de gado, durante o período de seca é muito difícil manter o criatório. Para reaver suas rezes, no período chuvoso os moradores pagam mais caro, a lei da oferta e da procura prevalece, só que como sinônimo de seca e chuva, nessa ordem de equivalência.

O gado implica em prestígio, enquanto bem econômico que gera renda, mas a relação com ele vai além da simples relação de posse que se estabelece no mercado comerciário. É comum rezar-se por sua saúde e bem estar, como fazer promessas para que as vacas fiquem boas quando doentes. Não é aceitável de maneira alguma que deixem os animais sofrerem enquanto se pode ajudá-los. Há uma estória comum na comunidade de que:

Um homem antigamente estava com uma vaca doente, tinha dinheiro pra comprar o remédio, mas chamando o tratador viu que não compensava, pois o remédio era mais caro que a própria vaca, então a deixou morrer a míngua! O resultado foi que seu curral que era cheio de vaca foi amaldiçoado pra sempre, nunca mais teve sossego. (Narrativa registrada no diário de campo em 06/07/2011 e 09/02/2012).

Isso demonstra que a vida dos animais em si tem um valor, pois, assim como a vida dos homens, é Dom de Deus. Se os homens os matam para comer é porque está escrito na bíblia, como muitos falam que o homem é um *ser* superior segundo a vontade de Deus, não desfrutar do que tem, quando estão com fome, seria avareza, mas ao mesmo tempo o homem é responsável pelos animais que domesticou, porque diferente deles ele tem a *consciência* já que: “gente é gente, bicho é bicho bruto, num pensa”.

Embora não se atribua a *consciência* aos bichos porque não falam, lhes tratam com sentimento e cuidado, pois são vidas. Isso fica claro numa frase que é de senso comum em relação aos animais, que diz: “esses bichos são sabido que nem gente, só falta falar”. Os próprios animais podem ter algo parecido com a alma humana, como já vimos acima, nas estórias da região eles podem também aparecer no paraíso ou no inferno, por isso não se deve invocar os maus espíritos quando se está com raiva deles, recomendá-los ao mal é o mesmo que ir junto, pois o responsável por suas vidas são seus donos. Delas podem usufruir, mas devem ser dignos delas. Por isso se orgulham em exhibir vacas gordas e acabam sofrendo junto com elas nas secas.

Ainda sobre os Nuer, Evans-Pritchard diz que:

Algumas vezes eu me desesperava porque jamais discutia qualquer coisa com os jovens que não fosse gado e moças, e mesmo o assunto moças levava inevitavelmente ao assunto gado. Qualquer assunto que começasse, e de qualquer ângulo que o abordasse, logo estaríamos falando de vacas e bois, vitelas e novilhos, carneiros e ovelhas, bodes

e cabras, bezerros e ovelhas e cabritos. Já mencionei que esta obsessão – pois é isso que parece para um estranho – deve-se não somente ao grande valor econômico do gado, mas também ao fato de que ele constitui o vínculo de numerosos relacionamentos sociais. Os Nuer têm tendências para definir todos os processos e relacionamentos sociais em função do gado. Seu idioma social é um idioma bovino. (EVANS-PRITCHARD; 2008, p. 27).

Ao longo desta pesquisa me dei conta desta relação com o gado na comunidade Boi Branco quando um nativo me levou para mostrar o gado remoendo à noite, chegando lá acompanhado pelo seu filho, ele diz:

O homem só tem dignidade quando trabalha pra ele mesmo, antigamente se eu estivesse dormindo uma hora dessa e uma vaca tivesse parindo, o velho B me chamava. Eu tinha que ir com sono e muitas vezes na chuva. Hoje graças a Deus eu tenho meu gadinho. Era o que mais pedia a Deus toda noite, poder criar o que é meu e dar condições dos meus meninos serem gente. Aqui é assim, o camarada têm que trabalhar, feliz daquele que tem seu gado, porque quem não tem vai mendigar nas cozinhas desses covardo daqui! Olhe, o cheiro do gado, não é saudoso? Tem hora que eu nem acredito, depois de tudo que passei, quando era empregado na casa do velho e hoje ser gente. (Relato de um morador, de 56 anos de idade. Registrado no diário de campo, em 09/02/2012).

Terra e gado é a condição pela qual se tornam plenamente livres, se realizando como seres humanos plenos, já que Deus criou os homens para serem livres e unidos. Criando o gado nas terras da comunidade estão livres do cativeiro, uma vez que não estão mais submissos aos fazendeiros. Assim, dependem apenas dos Dons de Deus, que os abençoa com chuva e gado saudável, podendo dessa forma, usufruir plenamente de seu próprio trabalho. Com isso, os moradores se tornam donos de si, vivendo como gente, já que entendem que a condição para ser gente é ter autonomia e dignidade.

3.3. AGRADECENDO OS DONS

No dia 01 de abril de 2012, no Domingo de Ramos, os moradores da comunidade Boi Branco realizaram uma procissão, saindo do pátio da comunidade em direção às figuras rupestres. Foram trinta e duas pessoas, mulheres e crianças que saíram carregando ramos de árvores nativas e rezando atrás de um menino montado em um jumento, que simbolizava a chegada de Jesus Cristo em Jerusalém. Vez por outra o

menino cansava de ir montado no jumento e era substituído por uma menina, que tinha chorado para fazer este papel. Antes mesmo de sairmos, por volta das 10 horas da manhã, foi feita toda uma preparação pela rezadeira, que vestiu o menino com cores brancas e vermelhas, segundo ela, para simbolizar a paz e o sangue de Cristo. No pátio da comunidade, na frente de sua residência, sob a pilastra que sustenta a cruz (Cruzeiro, como chamam) foram dadas orientações e explicado o significado da procissão.

Para ela, aquele ato representava a passagem de Jesus Cristo na terra. Por várias vezes, questionou às crianças que ensinou catecismo o porquê da vinda de Cristo à Terra. Na maioria das vezes, ela mesma teve que responder, dizendo que Ele veio para salvar os homens do pecado, sofrer e morrer por nós. Logo em seguida, pediu para pegarem suas garrafas com água, para resistirem ao calor e a sede. Deu à duas mulheres uma folha que continham as canções que seriam cantadas no caminho, a maioria delas falava da vinda de Cristo a terra e de Maria como mãe do salvador. Antes de passarmos pelo campo de futebol, uma jovem nos acompanhou, a rezadeira pediu para ela ler os cânticos, no caminho de aproximadamente dois quilômetros e meio, uma vez que não iríamos pelo leito do rio, mas pela estrada que os moradores fizeram para chegar às figuras rupestres.

Eram cinco mulheres adultas, contando com a rezadeira e a jovem de 18 anos que nos acompanhou. As demais eram crianças e eu acompanhado por meu irmão, que auxiliava nesta ocasião de pesquisa. Uma das reclamações da rezadeira é que a comunidade estava perdendo a fé em Deus, deixando as coisas importantes de lado. Para ela, este seria um dia importante, pois se iniciava a Semana Santa. Cobrou das mulheres mais participação. No entanto, algumas senhoras se desculparam dizendo que naquela hora não podiam ir, pois era tarde, o sol castigava e tinham que preparar o almoço. Várias nativas afirmaram que nos anos anteriores a procissão era realizada à tarde. Dona Ana reclamou que queria muito participar da procissão, como em outras ocasiões, em uma delas pagou até uma promessa, celebrando um terço nas rochas e soltando uma dúzia de foguetes. A promessa era com Nossa Senhora, o pedido foi à cura de uma doença do filho, graça que foi logo alcançada.

Quando perguntadas sobre o motivo de realizarem essa procissão em destino às figuras rupestres, a resposta era unânime, diziam que lá havia a imagem de Nossa

Senhora. A rezadeira explicou que saiam exatamente do lugar que pretendem construir a igreja de Nossa Senhora das Dores. Segundo o que entendi, o ideal era partirem das figuras rupestres para a igreja, que ficaria no pátio da comunidade, se ela tivesse construída. O percurso seria invertido com a presença da igreja e o padre iria então celebrar a missa de Ramos na comunidade. Essa era, segundo os moradores, a melhor ocasião para agradecer a Deus pelos Dons alcançados, pois estariam todos juntos louvando a Deus. Assim, a igreja representaria “Jerusalém”, a casa de Deus, uma vez que a procissão sairia das rochas chegando nela, representando a chegada de Cristo nessa cidade no Domingo de Ramos. Na sua ausência, o lugar para onde os nativos se dirigem é “a imagem de Nossa Senhora”. Dessa maneira, os espaços sagrados coexistiriam simultaneamente, as figuras rupestres e a igreja, reforçando as práticas religiosas e possibilitando aos nativos reviverem a experiência da procissão, como memória e homenagem do sacrifício⁴⁵ de Cristo na Terra.

Quando a procissão se aproximou das figuras rupestres, as pessoas já estavam cansadas e fatigadas do calor, mas a rezadeira insistia para que rezassem e louvassem, para que a procissão se completasse, pois havia certa dispersão entre algumas crianças. No caminho, ela perguntou qual é a diferença de caminhar e fazer uma procissão, explicando que “procissão é sacrifício e caminhada com reza e louvor, onde já se viu procissão sem reza? E com brincadeira?”. Vez por outra relembra que “Deus fez tudo por nós, será que não podemos se sacrificar um pouquinho por Ele?”. Em uma ocasião, próximo ao sítio arqueológico, ela parou e mostrou a beleza das flores e das árvores, apontando para o conjunto de serras que cerca a região, demonstrando a grandiosidade de Deus nessas paisagens e afirmando que eram privilegiados, embora sem merecer, Deus os havia abençoado por está ali agora.

Ao chegar ao conjunto de rochas que forma o sítio arqueológico, as crianças começam a correr e brincar, mas as mulheres, recomendadas por Dona Quitéria, os repreenderam, pois afirmaram que estavam ali para rezar. Alguns meninos, por várias vezes, mostram-me onde fica a imagem de Nossa Senhora, uns pequenos passaram por

⁴⁵ Sacrifício é a palavra mais recorrente quando se trata da procissão, os moradores afirmam que nela estão lembrando o sacrifício de Cristo na Terra, bem como estão se sacrificando para agradecer a Deus por tudo quanto alcançaram. Ao se sacrificarem estão dignificando e provando a fé, pois não participar da procissão, em termos locais, é não lembrar quanto Deus fez por eles.

cima da imagem, embora não reprimidos por isso, foram recomendados a ficarem quietos. Conseguindo juntar as crianças numa sombra, Dona Quitéria começa falar e cantar. Se há uma palavra que pode sintetizar o que mais foi dito nessa ocasião é gratidão, para Dona Quitéria e Dona Zefinha, senhora de 64 anos que estava auxiliando e acompanhando seus quatro netos, “esse era o momento de agradecer a Deus por tudo”.

Celebrando o Domingo de Ramos relembra-se a passagem de Cristo na terra, o começo da Semana Santa e aguarda-se a paixão de Cristo, momento máximo de sacrifício e amor do cristianismo. O maior gesto de amor é entregar a vida pelos irmãos, como diz a letra da música que foi cantada por várias vezes ao longo do percurso da procissão. Então esse momento relembra a Graça de Deus para com os homens, pecadores como frisou Dona Quitéria, ao questionar o motivo da vinda de Cristo, que foi para salvar os pecadores. Assim, esse momento de celebração requer atenção e alegria, já que agradecer as bênçãos de Deus é estar com o coração cheio de louvores, como foi ensinado nas aulas de catecismo. Por isso, os cânticos e os sacrifícios de andar em meio ao calor significavam pouco diante da misericórdia de Deus para com os homens, já que “tudo que temos hoje foi Deus quem deu, até a vida é graça de Deus, não passamos de pó diante Dele.”

Embaixo da árvore foi rezado o Pai Nosso, seguido por algumas Aves Maria, Salve Rainha e o Bendito, agradecendo-se sempre aos Santos como Padre Cícero e a Nossa Senhora por os terem protegido na vida inteira, também foram feitos pedidos para serem salvos do pecado. Por fim, cantaram algumas canções que estavam no livro de Canções e Louvores de Dona Quitéria, nessa hora Dona Zefinha reclamou que não era mais necessário demora, pois já era meio dia e as crianças estavam cansadas, não haviam almoçado e só havia uma carroça de burro para levar os menores de volta. Então a decisão foi que agora poderiam comer os lanches que haviam trazido e beber suas águas, pois iriam voltar. Houve alegria ao terminarem a celebração, Dona Quitéria disse que a missão estava cumprida mais uma vez, assim ela sorriu como nunca, demonstrando sua satisfação, já Dona Zefinha e as outras duas mulheres adultas, Rosana e Adriana que são primas, pediram juntas proteção a Deus para, no ano seguinte, refazerem com saúde e paz esse mesmo trajeto.

Dona Quitéria, por sua vez, agradeceu muito aos que vieram, disse que são abençoados e que suas casas estariam protegidas graças a aquelas crianças, pois enquanto estas estivessem no mundo Deus não permitiria que ele acabasse, lembrando em seguida à passagem bíblica na qual Jesus abençoou as crianças. Então reclamou muito o desrespeito daqueles que não acompanharam a procissão, pois, segundo ela, todos na comunidade precisam dos santos e só lembram na hora de pedir. Olhando pra mim ela afirma “aqui é assim, na hora do aperreio todo mundo se lembra de Deus, na hora de agradecer dão as costas, se Deus não fosse misericordioso não sobrava um sequer para contar história”. Sobre aqueles que se justificavam no caminho da volta por não terem tempo de acompanhá-los, Dona Quitéria responde que “devemos arranjar tempo para as coisas de Deus, vocês num têm tempo para comer? Quanto mais para agradecer a quem dá a comida!”. Essa senhora relatou que na comunidade somente os “crentes” é que têm direito de não participar da procissão, porque suas leis são diferentes, mas os demais moradores não têm desculpas.

Antes da saída da procissão, visitei na comunidade um dos “crentes” a quem Dona Quitéria se referiu. Trata-se de um senhor de 37 anos de idade que é evangélico, Adventista do Sétimo Dia. Conversando com ele fiquei curioso, pois havia em sua residência várias imagens de santos, principalmente Nossa Senhora Aparecida. Eu pergunto: você é Adventista? Ele responde, do sétimo dia. Afirmou ainda: “eu e a professora e o marido dela somos os evangélicos daqui”. As imagens, segundo ele, pertencem à esposa, que é católica fervorosa. Ele diz frequentar a igreja Adventista de Iati, mas não vai constantemente porque é distante, se tornou membro quando havia uma igreja na vila de São Pedro do Cordeiro. Afirmo ainda passar dificuldades por não poder trabalhar nos sábados, uma vez na região que: “os fazendeiros querem que trabalhe de domingo a domingo, as vacas de leite não podem esperar”. Esse foi o motivo pelo qual se esforçou para adquirir um lote no Boi Branco, para “ser dono de si”. Ele explicou que apesar de serem todos católicos fervorosos, na comunidade não há conflitos religiosos, pois foi muito bem acolhido, mas acha que há excesso de adoração à Maria, e “quem pensar que ela salva está errado, quem salva é Jesus.” Sua esposa ao ouvir esta fala reage com riso e diz que ele está certo, mas que se pudesse não perderia nenhuma procissão de Maria na comunidade, não foi a essa última porque teve que cuidar dos afazeres cotidianos. Em uma coisa ele concorda com a mulher, sobre o

catolicismo, que seria boa a construção da igreja na comunidade, pois para ele: “não existe igreja ruim, adorar é bom de qualquer forma”.

Os argumentos acionados pela rezadeira em relação às demandas religiosas são de senso comum na comunidade, suas reivindicações aparecem sempre nas reuniões da Associação, a principal delas se refere à construção da igreja. Como muitos, ela quer maior atenção às causas religiosas, por parte de todos os membros da comunidade. Ao longo da pesquisa, pude perceber que as reivindicações de Dona Quitéria são unânimes, nem mesmo os adventistas se opõe. Ao contrário acabam reforçando argumentos para que os objetivos referentes à religiosidade se concretizem de fato na comunidade. Muitos nativos chamam Dona Quitéria de penitente, pois além de ser uma batalhadora e mãe de família sempre lutou pelo bem estar da comunidade. Relatam que ela nunca se recusou a ajudar ninguém, em nenhuma ocasião, por mais adversa, como nos partos que foi chamada a fazer nas madrugadas. Ela própria diz que:

Luto até hoje porque nunca estive sozinha, Nossa Senhora esta comigo, eu dessa idade e cansada peço à Ela força pra fazer essa procissão. Se ninguém fosse eu ia sozinha, você acredita? E você ainda vai ver no meio da comunidade uma igreja, peço a Deus que seja antes deu morrer! Com a proteção Dela isso ainda vai acontecer, pior já tava, como tinha gente que nem tinha onde morar, eu já morei com minha família num quartinho que nem esse, cabia nós tudinho, ele e quatro filho e nós vivíamos! Porque num vamos fazer a igrejinha? Nem que sejam quatro paredes. (Fala de Dona Quitéria, registrada no diário de campo em 02/04/2012)

Se os argumentos de Dona Quitéria são comuns em relação à reivindicação da igreja e a procissão é porque suas causas também o são, pois nessas duas causas são representados sentimentos sociais comuns, que é a busca por consolidar e materializar a devoção religiosa na comunidade. Nas duas ocasiões há um sentimento de gratidão para com as divindades, seja na conquista da terra, já que a graça foi alcançada, portanto a necessidade de construírem a igreja para que a promessa seja paga. Como na procissão, na qual o sacrifício de Jesus é lembrado e ocorre o reavivamento dos sentimentos religiosos e sociais, já que é, “para reviver o sentimento que tem de si mesma que uma sociedade, segundo a expressão de Durkheim, se põe em estado de congregação”. (MAFFESOLI; 2005, p. 95).

Nas duas ocasiões é imprescindível o espaço próprio do sagrado, seja a igreja reivindicada, ou as figuras rupestres para onde se dirigem. Assim estão materializando o sagrado, como o fazem com a terra que conquistaram, codificando o mundo através da relação simbólica que estabelecem com ele. No ato da procissão estão caminhando sobre a terra, que passa a ser símbolo de sacralidade, a partir do momento que relembra os passos de Cristo. A cosmologia é atualizada e o mito fundador do cristianismo é revivido nessa experiência da procissão, na medida em que os religiosos celebram o mistério da fé e se colocando em relação de dependência com Deus. Dependência essa que é única, já que se trata de um Deus que é libertador, como deixa claras as mensagens das CEBs.

É essa mesma cosmologia religiosa que permite aos moradores incorporar as figuras rupestres ao seu imaginário. Há um conjunto de interpretações referentes ao sítio arqueológico, no entanto, a que mais os nativos frisam é a imagem de Nossa Senhora, embora outras também sejam mencionadas. Dizem verem nas rochas uma marca do Pé de Jesus Cristo, bem como associam uma figura rupestre com uma imagem de um caixão funerário. Afirmam também ouvirem sons de batuques e estrondos na direção do sítio arqueológico. Alguns nativos, ao narrarem estes fatos, passam dos sons e batuques para estórias de *carreiros encantados* e *caboclinhas*.⁴⁶ Embora falem de assombrações, na mesma medida que identificam sons nas rochas do sítio arqueológico, não se referem ao lugar como mal assombrado, pois lá tem a imagem de Nossa Senhora e por esse motivo o lugar é sagrado.

Ao conversar com Dona Josefa, de 69 anos, observei que se refere às figuras rupestres como sendo enigmáticas e misteriosas. Esta senhora disse que aprendeu que foram os índios que fizeram aquelas imagens, sua neta Rosinha de 16 anos aprendeu na escola. Disse-me que é um mistério como, antigamente, apareciam essas coisas, como

⁴⁶ Carreiros encantados são estórias recorrentes na comunidade, de sons de carros de boi à noite, no dia seguinte não é possível ver os rastros da roda do carro. Dizem que chegam a sentir o chão estremecer e o cheiro do eixo queimando, mas nunca veem os carreiros, que segundo eles são pessoas que já morreram e voltam para carrear, fazendo o mesmo percurso que faziam vivos. Já as caboclinhas são meninas que foram abortadas e enterradas na terra, voltam para assombrar os vivos, suas características são risadas altas e assobios finos, causando arrepios e assombrando quem anda a noite, podendo se tornar amigas se lhes for dado cigarros e cachaça, como alguns nativos dizem já terem feito. Esses relatos se referem ao passado, sobretudo, antes do advento da eletricidade.

lobisomem, assombração e *zumbi*⁴⁷. Para ela “talvez os índios era desse tempo, aquelas coisas é isso, né?”. Percebi que na temporalidade mítica, da narrativa de Dona Josefa, os homens viviam juntos com os espíritos dos animais e das pessoas, não havendo distinção cronológica entre o tempo dos mortos, dos santos e dos homens; assim, essa mulher não estava preocupada em situar a imagem de Nossa Senhora ao passado dos índios, mas integrar a narrativa da neta a sua cosmologia religiosa. Pois em sua cosmologia os tempos passados eram diferentes, foi onde tudo começou e depois Deus separou as coisas, “os índios que fizeram aquilo dali são desse tempo”, afirmou ela.

Dona Quitéria perguntou-me em certa ocasião quem tinha feito àquelas imagens na pedra. Tentei não responder, dizendo apenas que eram bonitas imagens e devolvendo a pergunta. Ela então continuou: “tem gente que diz que foi os índios, mas são sabido não são? Naquele tempo fazer umas imagens tão bonitas. Mas num sei não se foi eles, eu só sei que lá tem a imagem de Nossa Senhora.” Com isso fica claro que não há uma preocupação com a origem, mas com a representação da imagem, assim não se está discutindo autoria, mas o significado, pois para ela aquela é a representação de Nossa Senhora.

Para Dona Quitéria, Maria Vaqueira, Dona Josefa e outras pessoas religiosas há uma semelhança muito grande dos traços da figura rupestre com Nossa Senhora (Ver Anexo: Imagem 7). Assim, o lugar não é apenas enigmático e misterioso, embora a origem das imagens possa o ser, não há dúvidas para estas mulheres que aquela é uma imagem santa. Dessa forma, ocorre a sacralização das figuras rupestres por parte dos religiosos da comunidade, que por esse motivo acabaram incluindo-as no calendário e espaço religioso. Segundo Mircea Eliade (1992, p. 25) “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, visto que se apresentam com rupturas, quebras; há poções de espaço quantitativamente diferentes dos outros”. Há um espaço sagrado e por consequência ‘forte’ e significativo, e há outros espaços não sagrados, portanto sem estruturas e consistência, em suma amorfos. É a manifestação do sagrado que funda ontologicamente o mundo, dê-homogeneizando o espaço e atribuindo um sentido de

⁴⁷ Espírito de animais, como cavalos e bois, normalmente são identificados pelos próprios animais que sentem o cheiro dos que morreram, resistindo passarem nessas áreas, só sendo controlados com reza ou com o tempo, depois de ficarem espantados e valentes com os homens.

ser para o religioso, que é sedento do “ser” e não vivera em meio ao “caos”. Daí, fundar o mundo religioso é incorporar o espaço à manifestação do sagrado para codificá-lo.

Ainda nessa mesma perspectiva Monique Augras (1983. p.17) afirma que:

A relação entre o homem e o sagrado, estabelecida por cada cultura, revela uma dimensão específica da existência humana. Atribuir a qualidade de “sagrado” a um objeto, um sítio, um acontecimento, nada mais é senão estabelecer uma forma de organização do mundo. O mundo é assim interpretado, codificado, transformando em mensagem, mas não se torna sagrado em sua totalidade. Somente é sagrado aquilo que é sentido como poderoso e significativo.

Na compreensão de Durkheim e Mauss (2001:451) “é por se perceber classificado em meio á sociedade, que o homem classifica as coisas de formas distintas”. Os moradores da comunidade se percebem abençoados por Deus pela Graça da terra e essa é a mesma lógica devocional que incorpora as figuras rupestres às práticas religiosas. Antes mesmo de conhecerem as figuras e de morarem nas terras da comunidade, esses moradores eram religiosos, e aonde quer que fossem a noção de sagrado⁴⁸ como dimensão da religiosidade os acompanharia, pois se percebiam acompanhado por Deus que sempre manifesta sua vontade no mundo.

Nesse sentido, entendo que os religiosos tentam viver constantemente a experiência de hierofania, enquanto experiência da manifestação do sagrado, como aponta Micea Eliade (1992, p. 25). Os nativos da comunidade Boi Branco vivem suas experiências guiando suas atitudes diante de dois pólos de forças que fundam ontologicamente o seu mundo; que é o *sagrado* e o *profano*. A que se destacar que essa categoria ‘sagrado’ é uma atribuição intrínseca a vivência religiosa, como destaca Sanchis (1997: 17): “em nada correspondendo a qualidades intrínsecas dos objetos, mas que doravante vai comandar uma partição do universo (‘sagrado’ e ‘profano’), que lhe atribui sentido e institui, no seu interior, uma escala hierarquizante de valores”.

O sagrado é uma especificidade da vida religiosa, aqui entendida como um sistema de significados cosmológicos, no sentido geertziano (GEERTZ; 1989). Vale ressaltar que são a partir dessa cosmologia concebidas as noções de *dignidade* e

⁴⁸ Os nativos usam a categoria “sagrada” em alternância com “Dons de Deus”, e em alguns momentos seus significados são equivalentes, como neste contexto.

autonomia, duas condições imprescindíveis ao ser humano, dessa forma a própria noção de ser humano é eminentemente religiosa na comunidade Boi Branco. Assim compreendo como Sanchis (1997: 15) que:

A religião, com efeito, não é somente um sistema de idéias, é antes de tudo um sistema de forças. O homem que vive religiosamente não é somente o homem que se representa o mundo de tal ou tal maneira, que sabe o que outros ignoram; é antes de tudo um homem que experimenta um poder que não se conhece na vida comum, que não sente em si-mesmo quando não se encontra em estado religioso. A vida religiosa implica a existência de forças muito particulares.

Foi esse sistema de ideias da religião que permitiu aos nativos conceberem suas visões de mundo, bem como fundamentar os valores que motivaram a conquista da terra. Aqui vemos claramente que “a cultura assume uma roupagem de uma situação social” (LEACH; 1996 p. 32). Por isso, na vida em comunidade, tentam de qualquer maneira viver as experiências dos rituais religiosos, como a procissão, que possibilita reafirmar os sentidos simbólicos e valores da religião. Porque, dessa forma, a cosmologia religiosa é sempre atualizada, para reconstituir os fundamentos das relações sociais. É essa visão cosmológica de mundo que fundamenta toda a vida e formação da comunidade, pois foi por se reconhecerem filhos de Deus que lutaram pela terra.

Então, fica claro que é a partir da religiosidade que os nativos constroem a noção de pessoa e de vida, logo só faz sentido viver conforme a vontade de Deus. Dessa maneira, a conquista da terra foi feita mediante a vontade Dele, bem como foi prometida por Ele, porque deixou o mundo para que todos os homens pudessem nele viver plenamente. Foi para concretizar a vontade de Deus que os nativos realizaram a experiência de reforma agrária, uma vez que entendem que não faz sentido viverem sem terra, enquanto filhos de Deus, já que seria viver sem *dignidade*. Os nativos reconhecem que tudo que sustenta o homem é fruto da graça de Deus. Esse é o sentido da procissão, que é encarada como forma de sacrifício, pois representa a gratidão para com Deus; ao mesmo tempo em que dignifica a vida dos homens, uma vez que as graças e os Dons de Deus através dela são reconhecidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONQUISTANDO AUTONOMIA E DIGNIDADE PARA SER GENTE

Ao longo da construção desta etnografia objetivei compreender, sobretudo, as motivações e justificações que permitem o surgimento e a continuidade do assentamento agrário Boi Branco, resultado da luta de um conjunto de pessoas que acreditaram ser possível viver em um mundo mais justo, no qual cada pessoa pode viver dignamente. As principais concepções e categorias nativas que fundamentaram e justificaram a conquista da terra e a existência da comunidade Boi Branco, ao longo do tempo, foram as de *autonomia* e *dignidade*, categorias estas que baseiam as formas de vida de seus moradores. Contudo, a primeira condição que se impõe para a realização e justificativa da luta pela terra é a de *autonomia*, pois cada homem deve ser autônomo e ter seu lugar no mundo para poder usufruir do suor de seu próprio trabalho. Esta concepção implica, conseqüentemente, que cada ser humano tem o direito de viver plenamente, o que nas categorias nativas significa dizer que cada homem deve *ser dono de si*.

A condição de autonomia que reivindicavam está fundamentada em uma concepção cosmológica do mundo e na religião católica. A religião foi o elemento mais marcante ao longo das histórias dos moradores da comunidade Boi Branco. Estando presente desde os tempos de luta pela terra aos dias atuais, a religiosidade vem permeando a vida dos nativos, lhes fornecendo valores e condutas morais. A cosmologia religiosa católica constituiu os sentidos e valores ontológicos de mundo dos nativos. Os homens têm que ser autônomos porque Deus os fez assim, é nisso que os moradores acreditam. Homens cativos não são seres humanos em sua plenitude, não são pessoas completas.

Os valores que motivaram a lutarem pelo desejo de ser autônomos estão fundamentados cosmológicamente no catolicismo, por ser a partir da religião que definem o que é ser humano. As ações do sindicato e das CEBs foram o meio de reivindicar e consolidar a noção de mundo que os nativos traziam *apriori*, uma vez que essas categorias e valores estavam fundamentados na cosmologia religiosa que lhes fornecia os sentidos ontológicos de mundo. As ações políticas sindicais e religiosas,

portanto, foram os meios que os moradores encontraram para realizar o desejo de *serem donos de si*.

Assim, para ter autonomia, deviam conquistar a terra e fazer com este princípio fosse mantido na formação da comunidade, tanto na relação entre moradores quanto para com os órgãos governamentais que são responsáveis pelo assentamento. Este valor sublime é mantido porque ele motivou os nativos a empreender a comunidade, que mesmo passando por lutas e sacrifícios não abriram mão de concretizar este objetivo. Desistir do assentamento seria voltar à condição de subordinação, negando a dignidade humana, por isso lutaram insistentemente e lutam continuamente para manterem a dignidade conquistada e permanecerem sendo *donos de si*.

Dessa forma, os nativos dão testemunho de um cristianismo que é vivido como forma de comunhão, uns para com os outros e com Deus. As dimensões espirituais e sociais se fundem na cosmologia desse catolicismo. Imanência e transcendência são dimensões da mesma lógica religiosa, porque, segundo essa lógica, o Deus que fez o mundo para todos, fez também os homens iguais e irmãos para que pudessem viver com *dignidade e autonomia*. O mundo é para todos e cada um deve ser digno de sua parte nele. Essa concepção se baseia em dois princípios: o primeiro é do trabalho, então todos devem conquistar o seu próprio sustento com suor de seu próprio rosto. Foi esse princípio que fez com que ocupassem as terras da fazenda Boi Branco, que não estava sendo trabalhada, portanto sua posse anterior era indigna. O segundo princípio é o da solidariedade. Os filhos de Deus devem ser solidários uns para com os outros, por serem iguais e, principalmente, porque o que recebem é Dom de Deus.

É nesse sentido que buscam trabalhar na terra que entendem ser um Dom dado por Deus. Por isso, recorreram a Nossa Senhora das Dores ao fazerem a promessa, pois entendiam que só conquistariam a terra mediante a graça divina. Dessa forma, devem acolher outros sem terras que aparecem na comunidade, já que entendem que a terra é uma dádiva de Deus, não pode ser negada a ninguém que precise e que poderá possuí-la dignamente.

Então, a religiosidade toma múltiplas dimensões na comunidade Boi Branco. Primeiro por ser o elemento que fornece os sentidos cosmológicos que motivaram a sua

existência. Foram essas motivações que se transformaram em ações políticas, seja através das CEBs, do sindicato ou da promessa que motivou mais ainda os moradores a lutarem pela terra. No que diz respeito a sua manutenção ao longo do tempo, os próprios moradores deixam claro, que é no catolicismo que fundamentam suas éticas comportamentais e suas condutas morais.

A religião é o elemento de ligação entre os moradores, na medida em que se reconhecem como uma comunidade católica, que se afirmam remanescentes das CEBs e herdeiros do Patriarca Abraão. Enquanto muitos teóricos falam em um mundo cada vez mais laico e fragmentado, no qual os valores religiosos perderam seu sentido, na comunidade Boi Branco as crenças religiosas são cada vez mais recorrentes e são elas quem fornece os múltiplos sentidos de ser no mundo. A visão laica não se confronta com a concepção religiosa destes moradores, pelo contrário, os princípios que regem a vida secular são fundados na concepção religiosa de mundo, porque este é ontologicamente fundamentado na cosmologia católica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Alice. **Gravuras rupestres em Iati-PE**. Clio – Série Arqueológica, nº 5; Recife – PE: UFPE, 1989.

ALMEIDA, Tânia Mara Campo de. A aparição de Nossa Senhora em Piedade dos Gerais (MG). In: MARIZ, Cecília Loreto. REESINK, Mísia Lins. STEIL, Carlos Alberto (org.). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil**.– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.139-174.

ALVES, Adjair. **Treinando a Observação Participante: juventude, linguagem e cotidiano**. Recife-PE. Ed. Universitária UFPE, 2010.

ALVES, Daniel & STEIL, Carlos Alberto. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção” a aparição de Maria em Itaquari (RS). In: MARIZ, Cecília Loreto. REESINK, Mísia Lins. STEIL, Carlos Alberto (org.). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil**.– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 175-202.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. – 6 Ed. – Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose: A identidade mítica em comunidade nagô**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BRUYNE, Paul de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

CAMPOS, R. B. C. . **Utopia e Sociabilidade: imagem de sofrimento e caridade numa comunidade de penitentes do Juazeiro do Norte**. Revista de Antropologia (São Paulo), São Paulo, v. 46, p. 211-250, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP. 2000.

_____. **Sobre o Pensamento Antropológico.** 3ª Edição – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 2003.

DaMATTA, Roberto. **Relativizando:** uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In. MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia.** São Paulo, SP.: Editora Perspectiva, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes. 1992.

_____. **Tratado de História das Religiões.** São Paulo, Martins Fontes 2010.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Os Nuer:** uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. – São Paulo: Perspectiva, 2008.

FONSÊCA, Fábio Henrique Alves da. **As Itacoatiaras do Sítio Boi-Branco no Centro do Debate Comunicacional.** Garanhuns – PE: Universidade de Pernambuco. FFPG. Curso de Pós-Graduação “Lato-Senso” em Programação do ensino de História, 2003. (Monografia de Pós-Graduação) 24 folhas.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. **Os Azande e Nós:** experimento de antropologia simétrica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 2006. 12, n. 26, p. 261-297.

GODOI, Emília Piatrafesa de. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: NIEMEYER, Ana Maria; GODOI, Emília Piatrafesa de (org.). **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 1998, p.97-131.

GODOI, Emília Pietrafesa de. **O Trabalho da Memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

GUIDON, Niéde. **Da aplicabilidade das classificações preliminares na Arte rupestre**. Clio – Revista do curso de Mestrado em História, nº 5, Recife – PE UFPE, 1982.

HALL, Sturt. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 Edição. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACOBS, Els & THEIJE, Marjo de. Gênero e Aparições Marianas no Brasil Contemporâneo. In: MARIZ, Cecília Loreto. REESINK, Mísia Lins. STEIL, Carlos Alberto (org.). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.37-50.

KOCKELMAN, Paul. **The Relation between Meaning, Power, and Knowledge**. Current Anthropology. Volume 48, Number 3, June 2007. p. 357-401.

KEANE, Webb. **Christian moderns: Freedom and fetish in the mission encounter** (Berkeley, University of California Press). Disponível In: <http://ateliers.revues.org/8516#tocto1n1> (Último acesso em 14/08/2013)

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. 3ª Edição; Rio de Janeiro: TEMPO BRASILEIRO, 1989.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia.** 2ª edição. São Paulo: Zouk, 2005.

MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** 2 ed. Recife: Editora Universitária-UFPE, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naufy, 2003.

MAUSS, Marcel & HUBERT, Henri. **Sobre o Sacrifício.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MOTTA, Roberto. **Enchantment, Identity, Community, and Conversion: Catholics, Afro-Brazilians and Protestants in Recent Brazil.** *In:* Giuseppe Giordan, ed., *Conversion in the Age of Pluralism*, Leiden (Países-Baixos), Brill (series Religion and Social Order), 2009.

PAIVA, Rosana Carvalho. **Das Soltas ao Arame: terra, parentesco e cosmologia em uma comunidade rural do sertão baiano.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. FFCH. Curso de Ciências Sociais, Área de Concentração em Antropologia, 2008. (Monografia de Graduação). 110 Folhas.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da Etnografia.** Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1995.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil.** 2 Edição; Petrópolis: Vozes, 1973.

REESINK, Edwin. B. 1999. O Gavião e a Arara: etnohistórias Kiriri. *In:* L.S. Almeida M. Galindo E Silva. (Org.). **Índios do Nordeste: Temas e problemas.** Maceió: EDUFAL. pp. 59-76.

REESINK, Mísia Lins. **Les Passages Obligatoires: cosmologie catholique et mort dans Le quartier de Casa Amarela, à Recife (Pernambuco-Brésil)**. Tese (Doutorado em Antropologia) EHESS – Paris, 2003.

_____. Nossa Senhora de Anguera, Rainha da Paz e do mundo católico contemporâneo. In: MARIZ, Cecília Loreto. REESINK, Mísia Lins. STEIL, Carlos Alberto (org.). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.89-138.

_____. **Para uma antropologia do milagre: Nossa Senhora, seus devotos e o Regime de Milagre**. CADERNO CRH, Salvador, v. 18, n. 44, Maio/Agosto de 2005. p 267-280.

_____. **Sobre Fé e Milagre: uma perspectiva cosmológica da fé e do milagre como “categorias sociais de entendimento” no catolicismo brasileiro**. Depto. Antropologia e Museologia – PPGA – UFPE, 2012 (Manuscrito).

SABOURIN, Eric. **Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro**. Raízes, Ano XVIII, Nº 20, novembro/99. pp. 41 – 49.

_____. **Construção da Ação Coletiva nos Sindicatos Rurais Brasileiros: Aspectos comparativos**. Raízes, Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 72-80, jan./jun. 2002

SANCHIS, Pierre. Ainda Durkheim, ainda religião. In: ROLIM, Francisco Cartaxo. (Org.). **A religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCOTT, Russell Parry. Famílias camponesas, migrações e contextos de poder no Nordeste: entre o “cativeiro” e o “meio do mundo”. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de. MARIN, Rosa Azevedo. MENEZES, Marilda Aparecida de (orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias**. V. 2: estratégias de reprodução social. – São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 245-268.

SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios – 1/2**. – São Paulo: Olho d’Água, 2009.

STEIL, Carlos Alberto. As aparições Marianas na História recente do catolicismo. *In*: MARIZ, Cecília Loreto. REESINK, Mísia Lins. STEIL, Carlos Alberto (org.). **Maria entre os vivos: reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil.**— Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.19-36.

THEIJE. Marjo. **Tudo que é de Deus é Bom:** uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns. Recife: Massangana, 2002.

VELHO, Otávio. Campesinatos e política. *In*. **Anuário Antropológico 77.** Rio de Janeiro, RJ: Edições Tempo Brasileiro LTDA, 1978. pp 277-297.

_____. **Besta-Fera:** recriação do mundo. – Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

WEBER. Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 2ed. São Paulo: Pioneiro Thomson Learning, 2005.

WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas.** Rio de Janeiro – Zahar Editores, 1970.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, Parentes e Compadres.** São Paulo: Brasília: Edunb, Hucitec, 1995.

ZALUAR. Alba. **Os Homens de Deus:** um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

ANEXOS

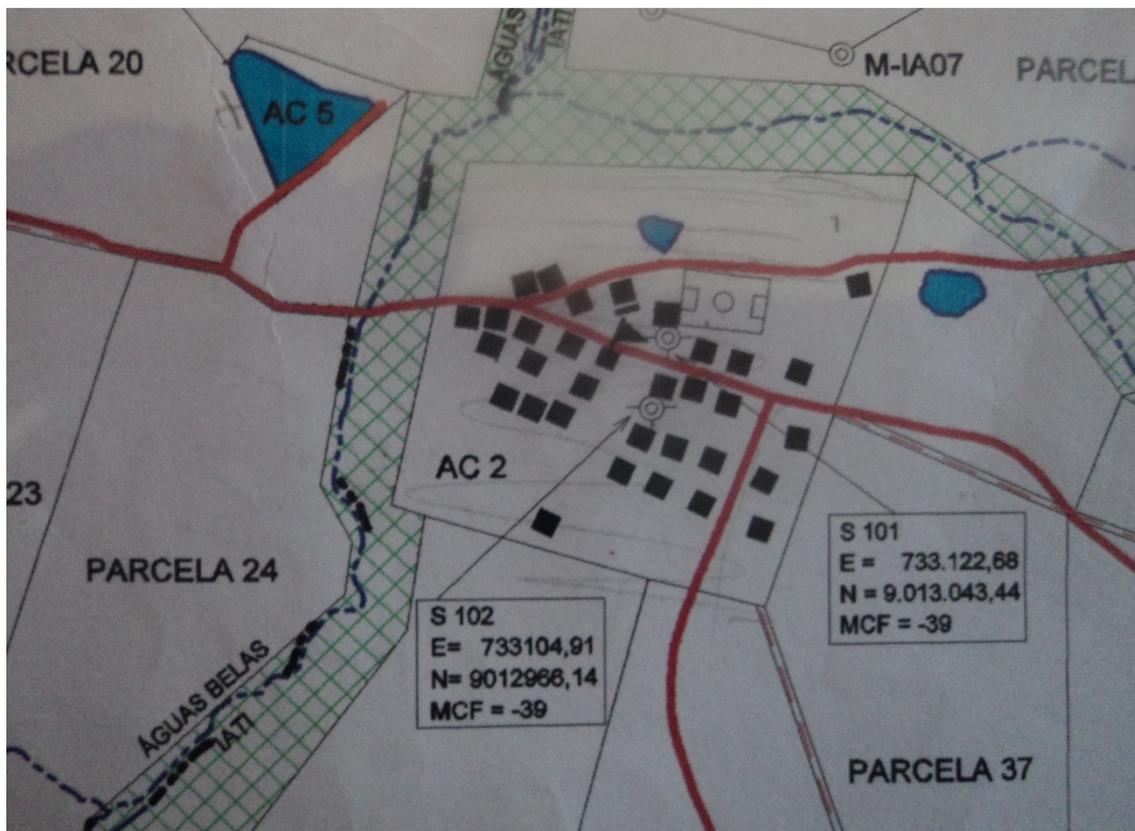


Imagem 1. Mapa do Boi Branco de Baixo, fornecido pelo INCRA. Os quadrados representam as residências, o triângulo a escola e o posto de saúde (no centro da comunidade), acima o campo de futebol, as imagens azuis são açudes e as bordas verdes são áreas reservadas ao redor do rio garanhunsinho. (FERREIRA, J. R. M.; 2013)



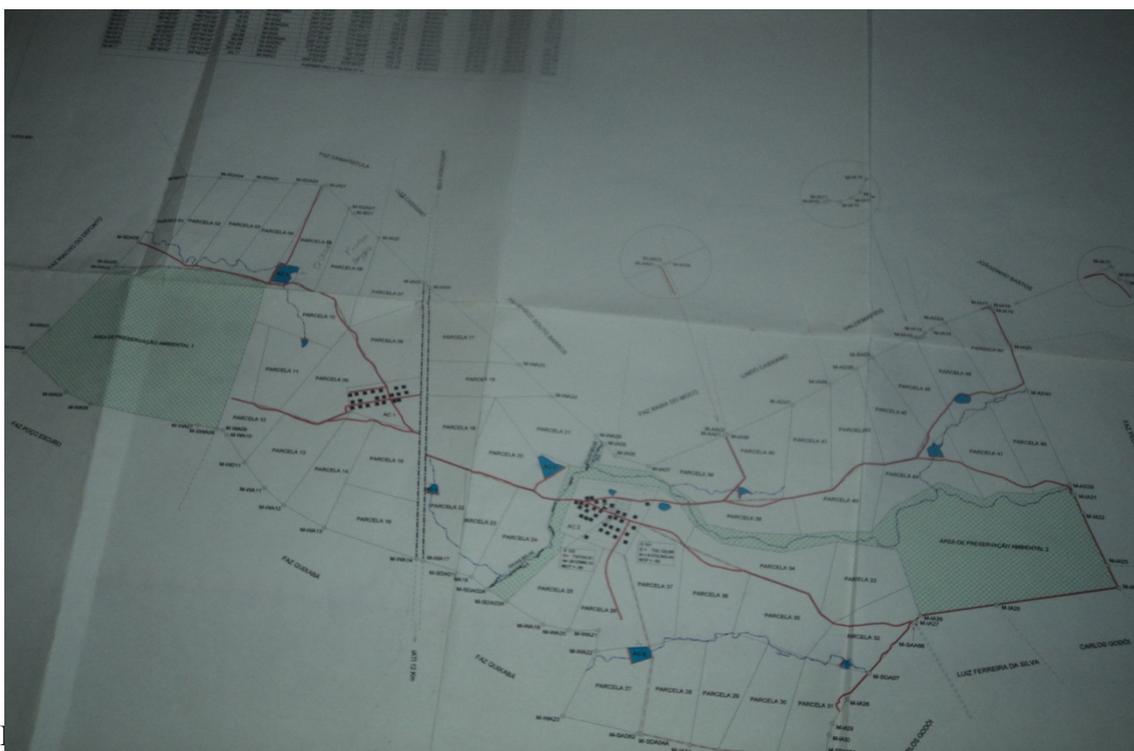
Imagem 2. A escola que fica no centro do Boi Branco de Baixo, é uma das residências da antiga fazenda, à sua frente é o pátio da comunidade. (FERREIRA, J. R. M.; 2012)



Imagem 3. Mapa dos dois conjuntos habitacionais que compõem a comunidade Boi Branco. À esquerda o Boi Branco de Cima, a direita o Boi Branco de Baixo e ao centro a estrada (central) que liga a vila de São Pedro à Iati. (FERREIRA, J. R. M.; 2013)



Imagem 4. Posto de Saúde, que fica no centro da comunidade (vizinho à escola) no Boi Branco de Baixo. Principal lugar de destino da comunidade. (FERREIRA, J. R. M.; 2012)



(FERREIRA, J. R. M. ;2013)

CONVENÇÕES	
	MARCO DE PARCELA/GLEBA
	MARCO DE APOIO BÁSICO
	RODOVIA ESTADUAL
	LIMITE DE PARCELA/GLEBA
	ESTRADA CARROÇÁVEL
	CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
	CASA
	ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL
	ESCOLA
	LIMITE MUNICIPAL
	ESTRADA PROJETADA
	LIMITE APROXIMADO DO CONFRONTANTE
	AÇUDE / BARRAGEM

Imagem 6. Convenções: explicam as representações das Figuras dos mapas acima.
(FERREIRA, J. R. M.; 2013)



Imagem 7. Figura Rupestre, forma de itaquatiara em baixo relevo. Imagem que os nativos afirmam ser de Nossa Senhora. (FERREIRA, J. R. M.; 2012)



Imagem 8. Figura Rupestre em forma de picotamento pré-histórico, possível cavidade onde os primitivos usavam para afiarem suas machadinhas. Essa cavidade é tida pelos moradores como a marca do Pé de Jesus Cristo. (FERREIRA, J. R. M.; 2012)



Imagem 9. Pátio da Comunidade Boi Branco, conhecido como o Cruzeiro. Lugar ideal para construção da igreja e onde saem com a procissão. Na frente à estrada que passa por trás do galpão comunitário e por dentro do campo para ir até as figuras rupestres. (FERREIRA, J. R. M.; 2012)



Imagem 10. Altar para oração, na residência da rezadeira que celebra terços e faz o catecismo na comunidade Boi Branco. (FERREIRA, J. R. M.; 2012)



Imagens 11 e 12. Residências que compõe a comunidade. (FERREIRA, J. R. M.; 2013)



Imagens 13 e 14. Residências e formas de abastecimento d'água. (FERREIRA, J. R. M.; 2013)



Imagens 15 e 16. Equino da raça mangalarga e vaca girolando (FERREIRA, J. R. M.; 2013)